



Vai embora da casa de teus pais







Bernardo Sorj

Vai embora da casa de teus pais




CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rio de Janeiro
2012





Copyright © Bernardo Sorj, 2012

Capa
Sergio Campante

Projeto gráfico
Evelyn Grumach e João de Souza Leite

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sorj, Bernardo
S691s Vai embora da casa de teus pais/Bernardo Sorj –
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

ISBN 978-85-200-1086-0

1. Sorj, Bernardo. 2. Professores universitários –
Uruguai – Biografia. I. Título.

12-0343

CDD: 923.7

CDU: 929.37



Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir, armazenar ou transmitir partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Direitos desta edição adquiridos pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Um selo da
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380
– Tel.: 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Impresso no Brasil
2012





“... vai-te (para ti mesmo) de tua terra, de teu ambiente natal e da casa de teu pai...”

Gênesis XII







Sumário

Regensburg — Alemanha	9
IMI	25
Montevideú	49
São Paulo	77
Chotin e Bahia Blanca	107
Kibutz Eilon — Haifa	129
IESH	153
Comercio 2490	185
Bessarábia	215







Regensburg — Alemanha







1.

Primeiro surgiu uma bola de fogo entre o carro e a árvore, em seguida veio a dor. Imagino que desmaiei por alguns minutos, pois quando despertei estava no chão, escutando os gritos das mulheres que saíam das casas à beira da estrada. Um pedaço da minha orelha tampava meu olho, e uma perna dobrada encostava em minha cintura, numa posição que minhas rígidas articulações nunca antes tinham me permitido alcançar.

Queria despertar do pesadelo que começava a dar sinais de não sê-lo. Deitado na grama, apalpei o chão e minha mão retornou molhada pelo orvalho da manhã e, sobretudo, pelo meu sangue. O sol começava a aquecer, acompanhando o ruído da sirene da ambulância que se aproximava.

Meus primeiros pensamentos foram: “Isto é a morte? O sol está nascendo, as pessoas continuam vivendo e eu estou morrendo? E não acontece nada? Morrer é só isto: nada? O mundo continua igual!” Logo me veio um sentimento reconfortante: “Pelo menos Raquel vai sofrer e se





sentir culpada por ter me deixado.” Creio que cheguei a pensar em meus pais. Desmaiei e, quando abri os olhos, a ambulância já tinha chegado, e me carregaram junto com Bubi.

Na ambulância, a dor nas costas ia aumentando com meus gemidos e a raiva de ver que os dois paramédicos só cuidavam de Bubi, que não estava encharcado de sangue como eu. Quando chegamos ao hospital, escutei a palavra *sterben*, que meu ídiche* me permitiu traduzir como “morrer”. A princípio pensei que estavam fazendo o meu diagnóstico, mas logo desconfeei que se referissem a Bubi.

Fui colocado em uma maca, sobre uma cama de rodas, e, enquanto corriam comigo pelos corredores do hospital, um médico, que imaginei ser de origem alemã, ia perguntando insistentemente, em um espanhol arrevesado: “Nome e endereço.” Fiquei pasmo de que alguém fizesse uma pergunta tão burocrática, em vez de querer saber o que me doía, e respondi: “Nazista filho da puta, minhas costas estão doendo.” Ao chegarmos à sala de cirurgia, ele repetiu a pergunta, e eu, a mesma resposta. Então chegou um médico mais velho que ordenou que me fizessem de novo a pergunta. Como minha resposta não mudasse, veio em minha direção e me esbofeteou várias vezes. Em seguida, ouvi de novo a pergunta, mas dessa vez minha resposta foi categórica: “Bernardo Sorj, rua Comercio, 2490, Montevideú, Uruguai.”

*Língua falada pelos judeus da Europa oriental e central, desenvolvida a partir do alemão medieval, em cuja escrita utilizam-se caracteres hebraicos. Pronuncia-se *ydish*.





Na mesa de cirurgia, entre um desmaio e outro, escutava o ruído de uma broca perfurando minha perna direita e via a agulha indo e vindo diante dos meus olhos, juntando as partes do rosto e da orelha rachada pelos vidros do carro. Mas o que me deixou mais perturbado foi ver que cortavam minha calça jeans, que tinha acabado de comprar em Nápoles — um rito na época — e na qual tinha gastado uma parte importante do dinheiro que levava.

Acordei um ou dois dias depois, já no quarto da UTI. Somente minha cabeça tocava a cama. O restante do corpo estava suspenso por um cabo que sustentava uma larga faixa de pano que apertava meus quadris, a perna direita levantada no alto, com um peso amarrado na altura do joelho que a estirava para baixo.

Foi uma enfermeira que me recebeu de volta ao mundo, com um sorriso no rosto, e imediatamente me apaixonei por ela. Balbuciei algumas palavras que ela não entendeu, e logo voltou com o médico das perguntas em espanhol arresado. Eu lhe disse que queria mandar um telegrama para meus pais e ele me entregou lápis e papel. Escrevi: “Estou bem. Não se preocupem. Logo estarei em Israel.” Cinco minutos depois o médico voltou, dizendo que o *Arztchef* (o médico chefe) não tinha autorizado o texto. Que eu não estava bem e que tardaria bastante para sair do hospital. Depois de várias idas e vindas, aceitou duas frases: “Estou no hospital me recuperando. Continuarei a mandar notícias.”

Os telegramas seguintes continuaram a ser censurados, e a primeira carta de meus pais começava dizendo:





“Querido Boruch, não sabemos se podes ler a carta ou se podes escrever...” Em Montevideu a notícia foi inicialmente transmitida por uma estação de rádio local, anunciando que três uruguaios tinham sofrido um acidente na Alemanha, havendo um morto e dois feridos, mas não dizia o nome de quem havia falecido. Na comunidade judaica correu a notícia de que um dos mortos era filho único — que era o caso tanto de Bubi como o meu. Finalmente, meus pais souberam que eu estava vivo e conseguiram o nome e o telefone do hospital com os pais de Tommy, que tinham contactado um parente que vivia não muito longe de Regensburg.

Na época, um telefonema para a Alemanha, sempre por meio de uma operadora, demorava, no melhor dos casos, várias horas, e no hospital respondiam que não podiam dar informações sobre o estado de pacientes que se encontravam na UTI. Então meus pais decidiram que tinham de conseguir dinheiro emprestado para pagar a viagem de minha mãe à Alemanha. Felizmente, o pai de Tommy os convenceu de que não era uma boa ideia e que o melhor seria esperar para usar o dinheiro no momento em que fosse necessário. Meu pai praticamente parou de falar e comprou veneno de rato, que deixou em cima do criado-mudo, ao lado da cama. Minha mãe não disse uma palavra. Ela sabia que não podia fazer nada se meu pai perdesse o único membro de sua família que ainda lhe restava no mundo.





2.

Lá pelo terceiro ou quarto dia, Tommy foi me visitar na UTI e me contou sobre a morte de Bubi. Fez isso de forma cuidadosa, mas no fundo eu já sabia. Explicou que, quando chegamos ao hospital Barmherzige Brüder (Irmãos Misericordiosos), uma instituição evangélica privada, o pessoal da administração estava nervoso, pensando que se tratava de imigrantes espanhóis que não tinham como pagar a conta. Mas logo notaram que Bubi usava um cordão com uma estrela de Davi. Buscaram nos fichários do hospital e encontraram o telefone do Sr. Herman Cohen, que meses antes tinha sido internado para uma cirurgia cardíaca. O Sr. Herman se apresentou imediatamente e conversou com Tommy, que falava alemão com fluência, e contou que estávamos passeando pela Europa, a caminho de Israel.

O Sr. Herman se comunicou com o Sr. Rosengold, presidente da comunidade judaica local, e este informou ao hospital que se responsabilizaria por nós. Tommy — que estava dormindo no banco de trás e só sofreu uma torção no pé e um golpe na coluna que exigiam cuidados — tinha sido colocado inicialmente em uma enfermaria, mas logo foi transferido para um quarto individual, onde havia duas camas, uma delas à minha espera. O Sr. Herman, um judeu polonês cujo alemão se misturava com ídiche, pediu para me visitar. Ao entrar no quarto desmaiou e teve que ser atendido na peça contígua. Depois comentou que algo lhe fizera lembrar o campo de concentração, de





onde tinha saído, no fim da guerra, pesando pouco mais de 30 quilos. Perambulando por Regensburg, foi acolhido pela viúva de um oficial do exército alemão, que cuidou dele, e posteriormente se casaram.

Transferido dias depois para o quarto onde já se encontrava Tommy, nas primeiras semanas fiquei sob o efeito dos remédios, que me mantinham sonolento. De sua parte, Tommy estava praticamente ileso, mas a suspeita de uma fissura em uma vértebra aconselhava que permanecesse internado. Se, para ele, os dias eram tediosos, para mim sua companhia era um enorme apoio.

No dia que fui levado para o quarto onde estava Tommy, apareceu o médico que falava espanhol, e sua conduta confirmou meus preconceitos em relação ao caráter burocrático e desumano dos alemães. Qual não foi minha surpresa quando ele se apresentou, anunciando seu nome: Yossi Pof. Era um israelense, cujo espanhol era na verdade o idioma ladino,* que seus pais búlgaros falavam em casa. Depois de estudar na Alemanha, fazia sua residência no hospital. Perguntei a ele o motivo do interrogatório pré-operatório e da bofetada na mesa de cirurgia, e ele me explicou que precisavam saber se eu estava em estado de choque, pois nesse caso não poderiam usar anestesia. Eles concluíram que eu estava no limite e, para não correr riscos, decidiram operar-me sem sedativos.

*Língua originada no espanhol arcaico e que continuou sendo falada pelos judeus expulsos da Península Ibérica (Sefarad em hebreu) em 1492.





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

Com as primeiras visitas de membros da comunidade judaica, formada por algumas dezenas de famílias que nos levaram chocolates, frutas de Israel e um toca-discos, apareceu uma senhora, uma camponesa de um vilarejo próximo, que soube “do acidente dos uruguaiois” pelo jornal local. Acompanhada da filha, nos levou vários tipos de comida. No princípio nos visitava diariamente, mas depois começou a mandar a filha, com quem Tommy rapidamente começou a ter um contato mais íntimo.

Acontece que, poucas semanas depois, também apareceu a filha de um dos membros da comunidade, que viu em Tommy um genro em potencial. O harém começou a crescer, incluindo uma enfermeira. Como às vezes a filha da camponesa aparecia no mesmo horário que a moça judia, e eu já estava menos sedado, Tommy me passou a filha da camponesa, com a qual eu me comunicava pouco e mal: podia usar as mãos, mas o restante do corpo continuava dependurado e praticamente imobilizado.

Em um mês, Tommy saiu e seu lugar foi ocupado por um rapaz que tinha sido atropelado. A comunicação era difícil, pois eu usava meu ídiche, incrustado com expressões hebraicas das quais não tinha consciência, e nossa conversa girava em torno de minhas perguntas sobre a Segunda Guerra Mundial. Era gentil e alegre, e me contou que seu pai havia lutado no *front* russo, onde perdera os dedos do pé devido ao congelamento, e que em sua casa não se falava dessa época. De minha parte, eu me sentia confuso... como era possível que alguns quisessem esquecer a Segunda Guerra Mundial que para mim era uma obsessão recordar?





3.

Eu estava em um hospital ALEMÃO! Tínhamos saído do porto de Montevideú em 23 de maio de 1968, no navio *Theodor Herzl*, e chegado a Nápoles depois de quase três semanas. Era comum que jovens latino-americanos que emigravam para Israel aproveitassem a parada na Itália para fazer uma viagem pela Europa, mas nunca visitavam a Alemanha.

Nossa decisão de fazer o passeio pela Europa não foi simples. A viagem de navio foi um martírio, pois, quando voltei de São Paulo a Montevideú, em fevereiro, para preparar a ida para Israel, minha relação com Raquel parecia sólida. É verdade que eu tinha apenas 19 anos e ela 16, mas para mim estava claro que estávamos a caminho de nos casar e que a viagem seria uma lua de mel, no sentido prático da palavra. Não sei bem o que aconteceu no intervalo, se os pais dela puseram como condição para viajar que ela terminasse sua relação comigo, ou se um amigo comum a aconselhou nesse sentido. O fato é que suas cartas começaram a rarear e, quando ela entrou no navio, no porto de Santos, senti que algo não ia bem. Assim que conseguimos conversar, ela me disse sem mais explicações que o namoro tinha acabado.

Praticamente deixei de comer, e Tommy e Bubi, com quem eu me sentava à mesa do refeitório do barco para almoçar e jantar, não paravam de pegar no meu pé e aproveitavam para dividir entre eles a comida do meu prato, que eu deixava intacta. Para rematar, um argentino que





tocava violão na popa, com a cara ao vento para dramatizar sua figura, começou a se insinuar para Raquel, que sempre demonstrava estar extremamente feliz.

Bubi, por sua vez, não sabia se parava na Europa ou se seguia direto para Israel. Sua relação com Miriam, que já estava em Israel havia um ano, continuava confusa. Ele tinha decidido que, se na chegada a Nápoles houvesse uma carta dela à sua espera, como tinham combinado, continuaria a viagem diretamente para Israel. Como a carta não apareceu, Bubi decidiu nos acompanhar. Anos depois, soube que a carta havia sido enviada, mas o encarregado tinha esquecido de entregá-la.

Apenas Tommy se sentia à vontade com sua condição de solteiro, pois tinha terminado o namoro com Diana, que decidira ficar no Uruguai para juntar-se aos Tupamaros. Poucos anos mais tarde, Diana foi fuzilada ao sair, com os braços para o alto, de uma casa cercada pela polícia.

A tudo isso se agregava o problema de como pagar o passeio. Eu viajei com cem dólares. Se bem que, durante os últimos anos, o movimento sionista-socialista-revolucionário ao qual pertencíamos houvesse criado um fundo comum no qual cada um punha tudo o que ganhava (os que trabalhavam, o salário, e os estudantes, o que recebiam dos pais), as regras sobre como dividir ou solucionar os gastos no novo contexto não eram claras. Finalmente, Tommy e Bubi aceitaram contribuir com uma parte maior, o que, de fato, me tirou o direito de propor como gastar o dinheiro durante o passeio.

Alugamos um pequeno Fiat, que Tommy dirigia durante a maior parte do tempo, já que tinha muitos anos





de prática. Bubi só o fazia esporadicamente, pois tinha obtido a licença para dirigir pouco antes de viajar. Eu, que não dirigia, servia de copiloto, conferindo o mapa. O passeio foi uma maratona de cidades, onde dormíamos em albergues estudantis. Em alguns lugares, permanecemos umas poucas horas. Só ficamos mais tempo, uns três dias, em Paris, aonde chegamos quando os eventos de maio de 1968 tinham praticamente terminado. Uma das principais lembranças da Cidade Luz foi a frustração de ver que meu desejo de comer um *croque-monsieur* (um sanduíche quente de presunto e queijo) fora vetado por Tommy e Bubi porque estourava o orçamento.

Nosso trajeto passava por Pompeia, seguia pela Riviera italiana e pela Côte d'Azur francesa até Mônaco. Lá, fomos ao cassino, e, enquanto Tommy e Bubi jogavam, eu me limitava a lhes dar um conselho sobre como fazer a aposta final. Graças a isso, Tommy perdeu boa parte do que havia ganhado.

Seguimos para Paris, Bruxelas, Amsterdã e Praga. Esta última cidade foi incluída no trajeto porque podíamos nos hospedar de graça na casa do irmão de um amigo brasileiro que estava no nosso navio e que trabalhava no Consulado do Brasil. O problema era que a viagem a Praga exigia que, na volta, passássemos pela Alemanha. Decidimos que estar apenas de passagem por esse país não seria um sacrilégio.

A Checoslováquia era extremamente barata, mais ainda se recorrêssemos ao mercado de câmbio paralelo. Mas era obrigatório trocar diariamente 10 dólares, pela





taxa oficial, um valor superior ao nosso orçamento. Assim, no segundo dia decidimos sair à meia-noite, cruzar a fronteira com a Alemanha e chegar ao nosso próximo destino: a Suíça. Tommy dirigiu a noite toda, e de madrugada Bubi assumiu o volante, comigo a seu lado. No caminho, passamos por um albergue alemão que oferecia café da manhã, mas como era caro seguimos viagem, até que em uma curva, perto de Regensburg, estando Bubi e eu sonolentos, batemos em uma árvore.

Assim, apesar de nossos planos, acabamos por passar uma longa temporada na Alemanha. Para mim, o país era sinônimo de Holocausto e de nazismo. Naquela época, um judeu no Uruguai que comprasse um carro Volkswagen era malvisto, e, para os judeus chegados da Europa oriental, era incompreensível que ainda existissem judeus que vivessem na Alemanha ou para lá retornassem.

Os dois meses que passei no hospital me obrigaram a confrontar, inesperadamente, meus ódios e preconceitos. Continuava apaixonado pela enfermeira que me despertara no hospital. Imagino que, naquele momento, passei a associar Alemanha e nazismo apenas a homens, e já não mais a mulheres. Tommy perguntou à camponesa que nos trazia frutas sobre a Segunda Guerra Mundial. Ela explicou que sua família estava desempregada quando Hitler chegou ao poder e que, desde então, a vida fora melhorando, até que a guerra botou tudo a perder. O médico-chefe, que me operou de modo impecável, serviria como médico na Segunda Guerra Mundial, e eu não sabia se devia ou podia sentir-me agradecido.





Felizmente, para satisfazer meus preconceitos, havia o enfermeiro-chefe. No final da guerra, ele e o pai tinham sido internados em um campo de concentração, pois descobriram que ele tinha um avô judeu. Simpatizante dos comunistas, contou que havia muitos ex-nazistas soltos, inclusive no hospital. Quando comecei a receber diariamente uma coca-cola e um saco de batatas fritas de presente, enviados pelo dono do quiosque do *lobby* do hospital, o enfermeiro me disse que possivelmente se tratava de um membro da Gestapo com sentimentos de culpa, que buscava compensar por meio de um paciente judeu. O episódio me colocou diante de uma ingrata decisão, aceitar ou não aceitar. Mas, como se tratava de uma hipótese, e outras mais favoráveis eram também possíveis, acabei comendo as batatas fritas e tomando a coca-cola, as únicas coisas apetitosas disponíveis, pois a comida do hospital era terrível, pelo menos para mim. Tommy, acostumado à comida alemã, pedia que eu lhe desse minhas refeições.

Os judeus da comunidade tampouco me facilitavam a vida. Afinal, tinham sido de uma enorme generosidade, ainda que suas biografias não se ajustassem a meus esquemas morais. Não entendia o Sr. Herman, nem o presidente da comunidade, que, no fim dos anos 1930, tinha fugido com a família para a Argentina, trabalhando como cozinheiro até decidir retornar à Alemanha, onde lhe foram restituídos seus bens confiscados e se transformou em um empresário bem-sucedido.





4.

Inicialmente, pensei que tinha perdido a perna direita. Na realidade, só estavam quebrados a bacia e, em vários lugares, o fêmur, mas eu passava boa parte do tempo tratando de me adaptar à ideia de ficar com algum tipo de seqüela. Acreditava que, com sorte, talvez pudesse chegar a caminhar, mancando um pouco ou usando uma bengala. Em um diário que escrevi no hospital, meus pensamentos eram sobre a necessidade de aprender a resignar-me e outras anotações pouco juvenis sobre a finitude humana e a aceitação dos limites pessoais. Eu, que toda a vida tinha me rebelado diante da frase constantemente repetida por minha mãe de que “devemos resignar-nos”, de repente descobri que havia situações pessoais às quais nem o sionismo nem o socialismo ofereciam saída.

Com o passar das semanas a resignação foi novamente dando lugar ao voluntarismo. Alguns dias antes de os médicos indicarem que eu poderia voltar a andar, decidi tentar fazê-lo sozinho, sem supervisão. Quando me levantei, depois de ter ficado deitado durante dois meses, a vertigem me fez cambalear, mas consegui apoiar-me no equipamento do soro e voltei para a cama. Nos dias seguintes, com mais cuidado, tornei a sustentar-me em pé e dar alguns passos.

Comecei a mandar cartas aos meus pais, já sem censura. Recebi uma revista da Mafalda, enviada por Kitty, e uma caixa de bombons, mandada pela mãe dela. Já quase ao final de nossa estada, recebemos a visita de Jeffery e





Esther, ambos membros de nosso movimento. Com eles tínhamos viajado a Paris, onde ficamos por mais tempo, enquanto nós seguimos viagem. Tommy lhes enviou um postal avisando que estávamos em Regensburg, no hospital Barmherzige Brüder. Jeffery, com a desconfiança e o senso de humor típicos de *malandro* carioca, pensou que era uma brincadeira e foi direto a Nápoles, de onde deveríamos continuar juntos a viagem. Quando chegaram e descobriram o que nos havia acontecido, decidiram não embarcar e foram ao nosso encontro na Alemanha, onde ficaram alguns dias.

Dediquei as últimas semanas à fisioterapia e saí do hospital mancando. Fincado no fêmur, um parafuso de 30 centímetros que só seria retirado dois anos depois. Tommy me esperava para irmos a Veneza, de onde embarcaríamos para Israel. Depois de uma recepção na casa do presidente da comunidade e de uma visita à ótica, acompanhado do Sr. Herman, para substituir os óculos que havia perdido no acidente, fomos, por dois dias, visitar familiares de Tommy, um casal (ele judeu, ela cristã) que não tinha sido perseguido pelos nazistas, pois ele era um engenheiro importante. Seu filho único morrera no *front* russo.

Em Veneza, embarcamos rumo a Israel. Quando o barco se aproximou do porto, comecei a buscar, desde a ponte, nossos amigos do movimento, que nos esperavam. Em particular, Raquel, que desejei, intimamente, se compadecesse de mim ao me ver mancando e voltasse a se aproximar. Felizmente ela não confundiu piedade com amor.





IMI







1.

Para os militares brasileiros que o interrogavam, as respostas eram literalmente inacreditáveis. Um rapaz uruguaio, cruzando a fronteira a pé, em direção ao ônibus que o levaria a Porto Alegre, com a maleta cheia de livros marxistas só podia ser um membro do partido revolucionário ou um agente da Internacional Comunista. Ademais, possivelmente sua viagem estava relacionada com o congresso da UNE, programado para agosto em São Paulo. Mas ele insistia que pertencia a um movimento juvenil sionista-socialista.

— O dinheiro vem de Moscou ou de Pequim?

— Não!

— E como se financia esse movimento?

— Vendendo postais em *Rosh Hashana* (ano-novo judeu), vinho *kosher* em *Pessach* (Páscoa), gravando discos com músicas israelenses, além das contribuições dos próprios membros.

— E de onde vem o dinheiro para as contribuições?





BERNARDO SORJ

— Do dinheiro que seus pais lhes dão semanalmente para os gastos, e que os membros colocam em um fundo coletivo.

— E quem são seus membros?

— Jovens entre 9 e 19 anos.

Foi levado a Porto Alegre em um ônibus, escoltado por um oficial de origem judaica que, possivelmente por isso, acreditou na sua versão e, durante a viagem, o aconselhou a jogar pela janela seus cadernos de anotações. Felizmente era julho de 1967, a luta armada não havia começado e a ditadura militar não tinha entrado na fase truculenta, de forma que o interrogatório não chegou a ser violento.

2.

Na realidade, Tommy estava indo a uma reunião na qual estariam todos os membros mais velhos do movimento a fim de discutir seus rumos depois que a Guerra dos Seis Dias acelerou a ida do primeiro grupo para Israel. As cartas que enviavam de lá nos deixavam bastante confusos, com alusões a planos de retorno à América Latina e também ao problema palestino.

Naquela época, Zezinho estava em Israel e Tommy era o principal líder do movimento. Sem sua presença, a reunião não tinha sentido, para não mencionar o desespero que se apoderou do grupo. Depois de três dias de espera, nos dispersamos, mas René e Jeffery permaneceram em Porto Alegre. Depois de percorrerem delegacias e hospi-





tais, dirigiram-se à Interpol, onde foram informados de que Tommy se encontrava na cidade, em uma prisão militar, para onde foram imediatamente. No interrogatório, Tommy informou os nomes dos principais membros de nosso grupo. Quando René se apresentou, a incredulidade dos militares foi grande, pois seu nome constava da lista, e não era normal que um subversivo aparecesse em um quartel militar. Parece que isso convenceu o oficial responsável, o general Ito, de que a improvável história contada por Tommy era verdadeira. Finalmente, o general emitiu uma ordem de expulsão que o declarava “*persona non grata*” e estabelecia um prazo de quinze dias para que deixasse o país.

3.

Em 1962, aos 23 anos, Zezinho, com o apoio de alguns amigos, dedicou-se à criação de um movimento juvenil sionista no Rio de Janeiro. Zezinho tinha uma excepcional predisposição para a liderança. Era um sonhador extremamente capaz e inteligente, ainda que nem sempre sensível aos problemas subjetivos, próprios ou alheios. Via o mundo como um lugar a ser conquistado para os objetivos a que se propunha e, com exceção de algumas pessoas que considerava e, de alguma forma, ouvia, o restante devia ser “cantado”, porque seguramente não era capaz de captar a grande visão que ele tinha de nosso movimento.





A criação de uma nova organização judaica era uma ideia aparentemente “descabelada”, pois não contava com o apoio de nenhuma instituição da coletividade. Naquela época, todos os partidos políticos israelenses tinham suas próprias organizações juvenis, às quais se somavam as de outras instituições locais, em particular de grupos judaicos próximos ao partido comunista e de sinagogas que congregavam judeus alemães. Estas últimas simpatizavam com Israel, porém se distanciavam do sionismo militante que pretendia que os jovens fossem viver lá.

Em sua origem, as organizações juvenis sionistas se inspiravam nos movimentos sociais surgidos na Alemanha e nos países nórdicos em fins do século XIX, que preconizavam o retorno à natureza e se cristalizaram no escotismo. Os movimentos juvenis sionistas imitaram muitas de suas práticas, como as formas quase militares de organização, a distribuição em grupos de idade, com os mais velhos liderando os mais jovens, o tipo de uniforme, a realização de acampamentos e jogos ao ar livre, e a aquisição de conhecimentos que um jovem “em contato com a natureza” devia possuir: montar uma barraca, fazer uma fogueira e diferentes tipos de nós, orientar-se no mato.

A principal diferença era que os grupos sionistas tinham como objetivo que o jovem, antes de chegar aos 20 anos, fosse viver em um *kibutz** em Israel. Em sua

*Comunidades coletivistas inicialmente dedicadas a atividades agrícolas, nas quais as tarefas e os recursos eram organizados pelo princípio de “cada um (contribui) de acordo com suas possibilidades e cada um (recebe) de acordo com suas necessidades”. No plural, *kibutzim*.





maioria tinham ideologias socialistas, e, se bem que houvesse grupos associados a partidos liberais e de direita, eles também tinham como meta ir viver em um *kibutz* ou em cooperativas agrícolas com fortes componentes coletivistas.

O desafio de Zezinho era diferenciar o novo grupo, recém-saído da *Jazit* (organização de jovens associada à sinagoga de origem alemã), do restante dos grupos sionistas. Embora Zezinho viesse de um lar cujo pai se identificava com o nacionalismo de direita, o grupo entrou em um processo de radicalização política. De suas origens ideológicas, manteve apenas o nome do movimento: IMI (Irgun Maguen Yehuda — Organização Escudo da Judeia), cujo acrônimo, bastante sintomático, significa “minha mãe” em hebraico.

A identidade diferenciada foi encontrada na afirmação do caráter apartidário do grupo, com o argumento de que os partidos israelenses não refletiam a realidade da diáspora. Dessa forma se eliminava a possibilidade de que o grupo viesse a ser cooptado por algum dos partidos dominados pelos “velhos” da comunidade. O apartidarismo afirmava uma identidade negativa; a visão positiva foi encontrada na teoria do “*ir shitufi*” (cidade compartilhada/comunitária). O argumento básico era de que, em Israel, o campo já era socialista, faltando apenas socializar as cidades. Portanto, nosso objetivo seria criar *kibutzim* nas cidades. Em um primeiro momento, conquistando as novas cidades (*arei pituach*, cidades em desenvolvimento), localizadas em regiões mais afastadas,





geralmente povoadas por judeus oriundos dos países muçulmanos. Como exatamente alcançar este objetivo foi deixado para o momento de nossa chegada. As energias deviam se concentrar na consolidação do movimento.

4.

Se bem que originado no Rio de Janeiro, o objetivo do movimento era conquistar São Paulo, onde se encontrava a principal comunidade judaica no Brasil. Um amigo comum apresentou Tommy a Zezinho. Tommy, que, em busca de um futuro melhor, havia saído do Uruguai meses antes para trabalhar como representante comercial na empresa de um amigo de seu pai, se entusiasmou com o movimento (*tnuah*, como eram denominados os grupos juvenis sionistas) e passou a ser um de seus elementos-chave. Dotado de forte equilíbrio emocional, excelente organizador, boa pinta e com uma lábia convincente, passou a ser, a partir de então, o principal executivo e responsável pela relação com as bases, enquanto Zezinho planejava os grandes passos e a orientação ideológica e fazia contatos com pessoas mais velhas, já estabelecidas profissionalmente, em busca de apoio financeiro, que foi pouco e irrelevante.

A associação entre eles, que confirmava nossos estereótipos mútuos sobre a imaginação desenfreada dos judeus da Europa oriental e a capacidade de organização dos judeus alemães, mostrou-se extremamente frutífera.





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

Poucos meses depois, Tommy se instalou em São Paulo, que rapidamente passou a ser o núcleo central, com uns 60 membros e sede própria: uma casa alugada no bairro do Bom Retiro. A maioria dos membros era recrutada na porta da escola judaica Renascença, em geral adolescentes entre 12 e 17 anos.

5.

Em fins de 1963, Tommy foi a Montevideú para implantar o IMI no Uruguai e “continentalizar” o movimento. Para a primeira reunião, chamou um grupo de amigos de sua antiga organização juvenil, também associada à comunidade judaica alemã. Os únicos *polnish* (judeus da Europa oriental) eram Maurício e eu. Amigos desde pequenos na sinagoga, ambos estávamos em plena crise da adolescência, o que nos levou a abandonar a única organização sionista com sede no bairro, a Hanoar Hatzioni (Juventude Sionista), da qual fazíamos parte. Maurício conhecia alguém no grupo que o convidou, e eu o acompanhei.

O encontro foi na casa de Tommy. Um apartamento de uns 140 metros quadrados em Pocitos, o bairro chique de Montevideú. Eu nunca havia visitado alguém em Pocitos, onde só estivera para cumprir minhas tarefas como *office-boy*, e menos ainda em um apartamento tão burguês.





6.

Naquela época, tinha 15 anos, trabalhava de dia como *office-boy* na sede da Comunidade Israelita, chamada comumente de *Kehila* (Congregação), e estudava no liceu à noite. A entrada na adolescência tinha sido penosa, se bem que menos do que a infância, quando nada podia fazer diante do sofrimento cotidiano de minha casa.

Em 1958, a situação econômica de minha família era desesperadora, e meus pais pediram ajuda ao primo de meu pai, na Colômbia, cujo endereço tinha sido descoberto poucos anos antes. Aparentemente, ele era muito rico. O plano de meus pais era que nos mudássemos para lá. Ficou decidido que primeiro viajaríamos minha mãe e eu, a fim de sondar a situação.

Fomos de avião para o Chile, via Buenos Aires, depois continuamos a viagem de barco para a Colômbia, na terceira classe, localizada no porão.

Ali havia um setor feminino, totalmente sem comunicação com o masculino, com beliches, onde dormiam as mulheres, muitas delas com seus filhos, ao lado da carga de cobre, que produzia um calor insuportável. Não tínhamos direito de usar as comodidades disponíveis no convés superior, mas podíamos circular para tomar ar nas varandas do primeiro e do segundo andares.

A estada de quase dois meses na casa de meu tio, localizada na pequena cidade da Armênia, entre Cali e Medellín, não foi um passeio turístico. O filho e a filha





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

dele, um ou dois anos mais velhos do que eu, nunca me dirigiram a palavra. Eu não entendia como meninos ricos podiam ser tão tristes e maus. Meu tio, extremamente gentil e generoso, convivia com o drama de uma esposa fútil que mantinha um caso com o capataz da fazenda. Apesar de minha inocência em relação a temas conjugais, não podia deixar de escutar os comentários das empregadas, as únicas que falavam comigo, sobre o sofrimento do senhor pelo que a mulher fazia com um empregado.

À noite, às vezes minha mãe saía com os adultos, e eu me sentia abandonado em uma casa enorme, uma experiência à qual não estava acostumado, porque meus pais quase nunca saíam e sempre havia outras pessoas em casa. Depois de algumas semanas, minha mãe e meu tio concluíram que não seria prudente que meus pais se mudassem para a Colômbia, e fomos despachados de volta para casa. Dessa vez fizemos todo o trajeto de avião e com mil dólares de ajuda. Quando chegamos a Montevideú, encontramos a casinha praticamente abandonada, as roupas esparramadas, e meu pai mais magro e envelhecido. Ouvi o comentário de minha tia para minha mãe de que meu pai passara todo o tempo no quarto, quase sem comer, chorando e esperando por nossas cartas.

Com o dinheiro trazido da Colômbia, minha mãe decidiu que era hora de buscar uma nova forma de ganhar a vida, porque meu pai tinha perdido o crédito dos comerciantes que lhe vendiam em consignação. Assim, compraram algumas mercadorias e uma pequena mesa dobrável que levavam todos os dias no ônibus, de ma-





nhã bem cedo, para as diferentes feiras de bairro, algumas bem distantes. No início, eu os acompanhava aos sábados e domingos, dias com maior afluência de compradores nas feiras, ainda que eu saísse mais tarde, para dormir um pouco mais.

Quando chegava, meu pai comprava pão e um pedaço de queijo de um feirante conhecido e, logo após realizar a primeira venda, me levava ao bar do outro lado da rua para que eu tomasse um café com leite.

Aos 12 anos me tornei independente. Enquanto meus pais iam a uma feira, eu ia para outra, onde vendia linhas de costura de diferentes espessuras, usando um pequeno espaço da banca do meu tio, que vendia molduras de madeira para fotos e imagens religiosas. Como eu tinha uma variedade limitada de espessuras de linha, tratava de convencer os fregueses, geralmente sem sucesso, de que a número 15 era até melhor do que a número 12. Quando meu tio se ausentava, eu cuidava da banca. De vez em quando, atendia os clientes, geralmente mulheres, e assim me especializei em orientá-los sobre o santo que deveriam levar: Santo Antônio, se o noivo tinha abandonado sua filha; São José, quando o marido não conseguia emprego; São Jorge, em casos de doença; e, para problemas gerais, propunha a Virgem Maria ou o Coração de Jesus.

Depois de alguns meses, comecei a vender outros produtos e a ganhar o suficiente para pagar o aluguel de uma mesinha. Os momentos mais difíceis eram aos domingos, por volta das dez da manhã, quando o caminhão que levava os integrantes de meu movimento juvenil sionista





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

para as atividades em um bosque próximo passava pela rota em cujas calçadas se realizava a feira. Como vinham cantando, eu os ouvia de longe e me escondia debaixo da mesinha para não ser visto.

Apesar de, pouco a pouco, meus pais começarem a diversificar seus produtos, a situação continuava difícil, e decidimos que eu teria que conseguir um emprego fixo. Fiz um curso de datilografia e outro de contabilidade, que quase cheguei a terminar, nas Academias Pitman, e também um curso de inglês que abandonei no terceiro mês, porque era caro e eu aprendia pouco. Meu pai começou a contatar judeus conhecidos, proprietários de empresas que poderiam me dar emprego, mas sem resultado. O sonho era conseguir trabalho como *office-boy* em um banco onde, eventualmente, poderia fazer carreira. Em Montevideu havia dois bancos relacionados com a comunidade judia, o Banco Israelita do Uruguai e o Banco Palestino-Uruguaio. Com o primeiro, meu pai não conseguiu nenhum contato, mas marcou uma entrevista no segundo. Vestimos a melhor roupa que tínhamos e fomos ao banco. Durante toda a tarde esperamos sentados para sermos recebidos pelo gerente, até que, no fim do dia, nos informaram que devíamos sair, pois o banco ia fechar e o gerente continuava muito ocupado.

Finalmente o esforço de meu pai deu resultado, graças ao filho de um bom amigo de sua terra natal, que tinha se formado advogado e ocupava um lugar no comitê central da Comunidade Israelita do Uruguai, onde precisavam de um *office-boy*.





7.

Comecei a trabalhar de dia e a estudar à noite. Minha função principal era produzir uns quatro mil recibos, usando, para isso, uma máquina que funcionava como uma pequena impressora. As plaquinhas com os nomes e endereços dos sócios iam descendo, cada vez que eu batia nelas duas vezes, nos recibos de cores variadas, de acordo com o valor da mensalidade. Era um trabalho mecânico, no qual minhas trapalhadas, bastante frequentes, não eram perdoadas pelos cinco cobradores que percorriam mensalmente as casas, os quais, devido a meus erros, tinham que voltar para refazer a cobrança. Eu também tinha como responsabilidade fazer pagamentos diversos e pequenos serviços de datilografia no escritório.

O salário, que entregava integralmente aos meus pais, era muito baixo. O gerente, um engenheiro que não exercia a profissão e dirigia um jornal diário em ídiche em plena decadência, descarregava sua frustração brigando constantemente com o restante do pessoal: o subgerente, que faltava muito, fazia um trabalho paralelo como contador, e o caixa, quase sempre ausente, se dedicava à sua empresa de organização de festas, que ia de vento em popa. Eu era o único que cumpria o horário, mas isso não significava um tratamento menos hostil.

Como no começo das tardes das sextas-feiras devíamos fechar, por causa do *Shabat*, nos domingos mantínhamos turnos de manhã para atender a casos de falecimento. A Comunidade Israelita administrava o cemitério





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

da comunidade, ou melhor, o setor dos judeus da Europa oriental, pois as partes sefardita, alemã e húngara tinham administrações separadas. Essa era uma fonte importante dos recursos com os quais os funcionários eram pagos, enquanto o restante era distribuído entre as diversas organizações educacionais e filantrópicas da comunidade.

As oportunidades de pedir aumento apareciam quando falecia uma pessoa muito rica. Na época, o valor pedido pela tumba dependia não só do lugar no cemitério, mas da fortuna do falecido. Portanto, quando chegava a notícia de que um grande empresário tinha morrido, imediatamente começávamos um movimento para solicitar aumento. Se a pessoa, além de rica, tinha se suicidado, como aconteceu uma vez, nossa alegria aumentava, posto que a família estaria disposta a pagar um preço extremamente alto para que o defunto não fosse enterrado ao lado da muralha, como estabelece a lei religiosa ortodoxa.

8.

Quando foi criado no Uruguai, o IMI funcionou, no princípio, como um grupo social, com encontros nas casas, idas a restaurantes e ao cinema. O estilo expressava o nível econômico do grupo, e a estratégia utilizada para atrair novos membros era não revelar aos integrantes toda a ideologia do movimento de uma só vez, já que o socialismo poderia afastá-los. Inclusive, como em uma seita de iniciados, os novos membros eram informados





de que, com o tempo, lhes seria comunicada a mensagem integral, algo que agradava René, que sentia uma enorme atração por informações secretas de seu exclusivo domínio, e que tinha sido indicado por Tommy como líder local, antes de retornar a São Paulo.

Eu não tinha dinheiro para pagar os jantares, nem casa para receber o grupo. Por isso, durante um ano, me afastei deles e me aproximei da vida política estudantil, dominada, em meu liceu noturno, pelo Partido Comunista. Particpei de incursões noturnas para colar cartazes e de várias manifestações que a polícia sempre dispersava, e nas quais eram cantadas canções da Guerra Civil Espanhola e algumas músicas com letras trocadas, como o hino dos *mariners*, no qual se atacavam os ianques. Quando passávamos em frente aos grandes jornais ou empresas estrangeiras, o grito era: “Aí estão, estes são os que vão ao paredão.”

Participar das manifestações não era o que me atraía na vida política. Eu me via contribuindo intelectualmente e, desde as alturas do meu delírio juvenil, comentei com Weissman, responsável pelo partido em meu curso e *estudante profissional* — ou seja, alguém que repetia indefinidamente o mesmo ano do curso —, que os marxistas deveriam reconhecer que as ideias e a ação política têm um papel próprio na história, irredutível à dinâmica dos fatores econômicos. Ele me respondeu pedagogicamente, convidando-me a entrar em uma célula do partido para expor minhas ideias. Caso fossem aprovadas pelas diferentes instâncias da organização, elas seriam encaminhadas ao plenário. A resposta me deixou desanimado, pois no fundo simpatizava com o anarquismo e





não entendia como as ideias pudessem estar sujeitas a vetos e votos de uma hierarquia política.

Minha aproximação com o Partido Comunista foi brusca-mente interrompida durante a ocupação do liceu em protesto contra a ruptura de relações com Cuba. Naquela ocasião, várias pessoas fizeram comentários antissemitas que Weissman chegou a explicar como fruto da inadequada formação ideológica de alguns companheiros, dizendo que o antissemitismo “era o socialismo dos ignorantes”. Para mim, simplesmente, um ato antissemita era um ato antissemita.

Na ocupação do liceu tive outra experiência que, mesmo que tenha sido humilhante naquele momento, me permitiu ganhar, mais tarde, todos os concursos de histórias de mães judias em reuniões informais de amigos.

9.

Na sexta-feira à noite, quando cheguei ao liceu, me informaram que ele estava sendo ocupado e me convidaram a participar. Eu precisava de produtos de higiene e de uma muda de roupa, já que a ocupação era por tempo indefinido. Como muitas outras coisas que fiz naquela época, decidi participar da ocupação sem entender bem por que o fazia. Tomei o ônibus para casa, fui ao meu quarto e, ao passar pelo dormitório dos meus pais, informei-os sobre minha decisão. Eles já estavam deitados. Minha mãe me pediu que passasse antes pela farmácia para comprar um remédio para o coração de meu pai, pois seguramente infartaria. Meu pai completou





dizendo que o melhor seria que, no domingo, eu fosse diretamente para a Chebre Kadishe (instituição responsável pela organização dos enterros), pois ambos já não estariam vivos quando eu voltasse.

O edifício do liceu ocupava boa parte do quarteirão. Quando cheguei, a organização já estava avançada, com uma fogueira no meio do pátio, alguém tocando violão e cantando “Tristeza não tem fim, felicidade sim”, apresentada como expressão das condições em que se achavam os trabalhadores brasileiros. Depois, foi servido um jantar frugal, porque os mantimentos eram escassos e deveriam ser racionados, já que não sabíamos por quanto tempo permaneceríamos ali. No final, o líder da ocupação nos explicou as regras de segurança. Como eram esperados ataques de grupos de extrema direita, foi pintada uma linha branca na rua, ao redor do edifício. Caso alguém cruzasse a linha durante a noite, os vigilantes localizados no telhado deveriam fazer soar o alarme, usando a sirene que anunciava o início e o fim do recreio, e todos deveriam ir para o pátio.

Pouco depois da meia-noite, fomos dormir. Por volta das seis da manhã, quando começava a amanhecer, soou o alarme. Muitos saíram imediatamente correndo, mas eu tive dificuldade de despertar. Enquanto me dirigia para a escada, vi que meus colegas retornavam, e imaginei, então, que se tratava de um alarme falso. Para minha surpresa, o líder da ocupação, um estudante bem mais velho (rondava seus 25 anos), me abraçou emocionado e, com lágrimas nos olhos, exclamou: “A mãe





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

de Gorky, Bernardo, A mãe de Gorky.” Meio adormecido, não consegui entender por que ele se referia a um livro que contava a história da devoção à mãe por parte de um jovem revolucionário e era leitura obrigatória para qualquer um de esquerda naquela época.

Quando vi, ao longe, minha mãe carregando várias sacolas cheias de comida, tive vontade de ser engolido pela terra. Minha mãe tinha ficado a noite inteira cozinhando e levava praticamente toda a comida que tinha em casa. Eu me aproximei dela, lhe dei um beijo e calmamente lhe pedi que fosse embora. E eu? Não sabia para onde fugir. De noite, ao redor da fogueira, enquanto jantávamos a comida que minha mãe tinha levado, tive que suportar um discurso sobre o papel da mãe revolucionária no socialismo.

10.

Voltei para o IMI em fins de 1964. O grupo tinha crescido, uma casa fora alugada, e a ideologia deixou de ser secreta: agora era oficial que nos definíamos como socialistas. O estilo de vida mudou drasticamente. Nada de idas a restaurantes ou cinemas, e boa parte do dinheiro recebido dos pais, ou do salário dos que trabalhavam, ia para um fundo comum.

No Uruguai, antes de entrar na universidade cursavam-se seis anos de escola primária, quatro de liceu e dois de preparatório. Meu último ano de liceu fora um





desastre para quem tinha sido, durante seis anos, o melhor aluno da escola. Não consegui passar na prova de francês e, embora pudesse entrar no Preparatório,* ainda tinha um exame de francês suspenso sobre minha cabeça. Como meus pais queriam que eu fosse engenheiro, decidi fazer o preparatório para engenharia agrônômica. O tema não me interessava, mas pensava que poderia ser útil em Israel.

A rotina do trabalho me sufocava cada vez mais, e eu aproveitava o que tinha que fazer na rua para ir à Rambla, avenida que ladeia a costa, a fim de ver o entardecer e pensar qual seria a melhor estratégia para me declarar a Kitty, sabendo que David e Enrique tinham o mesmo plano. Os problemas em casa continuavam os mesmos. Eu não conseguia me concentrar nas matérias do preparatório, pois ser engenheiro agrônomo claramente não era minha vocação.

Se bem que só informei isso a meus pais meses depois, quando abandonei o preparatório no segundo semestre e comecei a frequentar a Faculdade de Humanidades como aluno ouvinte. O único requisito era fazer uma radiografia e apresentar um atestado provando não ser portador de tuberculose. A Faculdade de Humanidades mudou o rumo da minha vida, pois me permitiu entrar na universidade em Israel, conhecer Darcy Ribeiro e me convencer de que minha vocação eram as ciências sociais.

*Os dois últimos anos do ensino secundário.





11.

Fiz inscrição para as matérias de sociologia, psicologia, história e filosofia. O professor de sociologia anunciou, na primeira aula, que era necessário saber pelo menos matemática do primeiro ano de engenharia para acompanhar seu curso. Não voltei. O professor de psicologia explicou que seguia a escola behaviorista. Levantei a mão para perguntar se estudaríamos psicanálise e ele respondeu com veemência que não, e assim acabei por frequentar somente as aulas de filosofia e história.

Um dia vi anunciado, num pequeno quadro, colocado sobre uma cadeira na entrada do pátio central, um curso de antropologia cultural, oferecido pelo professor Darcy Ribeiro. Não tinha noção de quem era Darcy Ribeiro, mas a antropologia me atraía porque já tinha lido *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels, um clássico para alguém que se iniciava no marxismo, e alguns outros livros de antropologia filosófica.

A sala em que Darcy dava aulas era pequena, havia uns seis alunos, sendo quatro do sexo feminino, um homem que vinha esporadicamente e eu. O interesse das moças claramente não era o conteúdo da matéria. No final da aula, Darcy saía frequentemente com uma ou várias delas. Dessa forma, o curso se transformou em apresentações de Darcy interrompidas pelas minhas perguntas.

Em pouco tempo Darcy me adotou, apesar, ou por causa, de meus 16 anos. Eu ia com frequência a seu apartamento. Ele se sentava na poltrona e, enquanto comia





amêndoas tostadas e esfregava as espessas sobrancelhas, eu lhe fazia perguntas sobre os mais diversos temas contemporâneos e as relações entre a antropologia e a teoria marxista. Ele insistia sempre que Marx devia ser considerado um ponto de partida, não de chegada, pois tanto o conhecimento como a realidade social tinham avançado quase um século depois de sua morte. Sobre minha ida para Israel, ele propunha que eu a adiasse para depois da minha aposentadoria, quando ia poder tomar chimarrão em um *kibutz*, pois o momento era o da revolução latino-americana.

Quando lhe expliquei minha posição sionista-socialista e os objetivos do IMI, Darcy argumentou que essa história de nacionalismo sionista era algo recente, já que, na verdade, os judeus são mais semelhantes a uma tribo do que a uma nação moderna. Mas, ao saber sobre o IMI, me disse admirado que tínhamos realizado algo que nenhum outro grupo político havia conseguido: criar uma verdadeira estrutura continental (na época já tínhamos começado a desenvolver núcleos em Buenos Aires e em Santiago do Chile). Várias vezes Darcy foi fazer palestras na sede e nos acampamentos do IMI no Uruguai, sempre com a expectativa de convencer-nos a ficar na América Latina. Em 1968, em uma de nossas últimas atividades, quando discutíamos entre a alternativa sionismo-socialista ou a esquerda nacional, Darcy chegou com Eduardo Galeano, que nos apresentou uma visão extremamente romântica de sua vivência com grupos guerrilheiros.





Tive vergonha de contar a Darcy que havia decidido viajar para Israel, e só o encontrei novamente no Peru, em 1975, e, por várias vezes, depois de seu retorno ao Brasil, em seu apartamento em Copacabana. Em fins dos anos 1980, me convidou a participar de seu projeto de criar um centro de estudos latino-americanos. Quando mencionei alguns nomes de autores que, na época, eu considerava importantes nas ciências sociais, ele descartou todos, e criticou os novos Ph.Ds. que tinham passado a dominar o mundo acadêmico brasileiro. Ele tinha uma visão política clara de como se devia fazer pesquisa. Creio que, depois deste encontro, nunca mais voltei a encontrar-me com ele. Estava agradecido por seu apoio e generosidade, mas o espírito libertário que ele próprio me transmitira, e que minha vida acadêmica posterior veio a consolidar, não se conjugava com fazer parte de um projeto intelectual tutelado.

12.

Em fins de 1965, abandonei meu trabalho na Comunidade Israelita, totalmente confuso em relação a meu futuro. Quando anunciei ao gerente que tinha decidido deixar o trabalho, ele me propôs um ótimo aumento e novas atividades no escritório. Isto me fez pensar em por que não tinha exigido um aumento antes e entendi que só os que podem se dar ao luxo de perder um emprego têm condições para negociar melhores condições de salário e de trabalho.





O IMI passou a ocupar um lugar central em minha vida, e eu dedicava boa parte do tempo a leituras, naturalmente caóticas, sobre filosofia, marxismo, história, literatura, psicanálise, sionismo, judaísmo, e livros de divulgação de física e cosmologia. Meu principal interlocutor era Roberto, com quem conversava muito, ou em sua casa, onde pela primeira vez tive acesso à música em toca-discos, ou caminhando pelas ruas de Montevideú, discutindo os mais diversos temas, ainda que o preferido fosse se o marxismo e o existencialismo poderiam ser conjugados. Quando cruzávamos com moças lindas, ambos tímidos, nos perguntávamos o que Julito fazia para ter êxito em suas paqueras pelas ruas depois de receber um rotundo “não” à clássica pergunta inicial: “Posso acompanhá-la, senhorita?” Para Roberto e para mim, um não era um não. O único consolo que me restava era pensar que parte desse sucesso se devia a que, em suas paqueras, Julito mencionava seu carro, algo que eu obviamente não tinha.

Minha estada no Uruguai chegava ao fim. O IMI me levaria primeiro a São Paulo, depois a Israel. Nunca mais voltaria a viver em Montevideú.





Montevideú







1.

Nos anos 1950, eu vivia em um bairro montevideano de classe média baixa. Não havia nenhum vizinho muito rico nem muito pobre, pelo menos aparentemente. Na escola, a 100 metros da minha casa, todos éramos igualados pelo uso obrigatório do uniforme, um guarda-pó branco com um lenço azul, embora guarda-pós carcomidos e com remendos indicassem uma origem mais humilde.

Os professores com os quais convivi possuíam sólidos valores cívicos, e não me lembro de um só gesto de discriminação devido à raça ou religião. O único momento em que eu não me sentia bem era nas aulas de canto, pois as letras de algumas músicas se referiam a temas cristãos, como uma cuja letra dizia algo como: “São Severino do monte, São Severino cortês, agora que sou cristão, agora me casarei.”

Mais tarde descobri que o Uruguai era um dos países mais laicos do mundo. Graças ao batllismo, corrente política formada por uma elite urbana e europeizada que permaneceu no poder de forma quase contínua por





mais de meio século, a vida pública foi secularizada de uma maneira praticamente sem equivalentes na história moderna, com exceção da Revolução Francesa e da Revolução Russa. A Semana Santa foi rebatizada como “Semana do Turismo” e o Natal passou a se chamar “Dia da Família”. As cruzes foram retiradas dos edifícios públicos e hospitais, onde enfermeiras substituíram as freiras.

O batllismo consolidou uma cultura cívica sustentada em uma educação escolar pública universal, sob o princípio de que devia ser gratuita, laica e obrigatória, e um sistema político arraigado em uma cultura de ampla negociação e de participação da oposição na distribuição de cargos públicos. Várias políticas sociais incluíam certos direitos que se mostraram de difícil sustentação econômica, como a “lei mãe”, que permitia que a mulher se aposentasse com poucos anos de trabalho e a possibilidade de que funcionários de órgãos estatais transmitissem seus cargos aos filhos. Um terço da população adulta era formada por funcionários públicos, cujos cargos dependiam de indicação política e que, no verão, gozavam de um horário reduzido, para que pudessem ir à praia de tarde.

Boa parte dos setores médios aspirava a um cargo público, enquanto os mais ambiciosos pretendiam trabalhar como bancários. O ideal se resumia a ter um trabalho vitalício e um salário que permitisse um nível de vida razoável, que na época incluía basicamente comida, a mensalidade do seguro saúde, roupa e diversão. Esta consistia em escutar rádio e, de vez em quando, ir ao cinema





ou a um jogo de futebol. Em geral, as casas do bairro só tinham um aparelho de rádio — nunca vi um toca-discos nas casas dos vizinhos — e raras tinham automóvel. Na maioria das casas, liam-se refrãos emoldurados, do tipo: “Somos pobres, mas somos honestos”, ou “Aqui se ganha o pão com o suor do rosto”, ou alguma frase retirada do livro clássico sobre a vida gaúcha, *Martin Fierro*.

A televisão só chegou ao Uruguai, nas casas das famílias mais abastadas, no final dos anos 1950 e, com ela, de forma crescente, a cultura de consumo de massas. Mas, na minha época, cada setor social mantinha estilos de vida paralelos, e a nenhum de nós teria ocorrido a ideia de passear pelos bairros de “gente rica”, ou de vestir-se como eles, que eram considerados meio afeminados e tratados depreciativamente de “pitucos”.

Em suma, era um país com uma classe média extensa e culturalmente homogênea, graças a um excelente sistema educacional, mas também conservadora, inclusive em seus hábitos alimentares — que nunca se afastaram da carne e das massas, preparadas sempre da mesma forma — e no relativo aos padrões de como as pessoas devem se apresentar em público. Era comum que uma mãe chamasse a atenção de outra com comentários do tipo: “Seu filho está despenteado...”

Uma sociedade de fortes consensos incluía, entre eles, a desconfiança em relação a pessoas inovadoras e ambiciosas. A inovação e a ambição eram associadas, entre o povo, aos imigrantes ou, no discurso político-ideológico da esquerda, ao imperialismo. No Uruguai,





o anti-imperialismo, dirigido contra os Estados Unidos, era bastante difundido entre os estudantes, intelectuais e operários, e disseminado pelos partidos de esquerda, pelos sindicatos e, de forma limitada, em alguns setores de um dos partidos tradicionais, o Blanco. Fenômeno curioso esse, considerando que, no Uruguai, os investimentos estrangeiros eram mínimos e o Estado detinha o monopólio do comércio de álcool, do cimento tipo *portland*, dos hidrocarbonetos, da água corrente, da eletricidade e das telecomunicações. Os principais setores produtivos pertenciam a uruguaios. E se, desde meados dos anos 1950, o país enfrentava desequilíbrios econômicos, eles eram produto da falta de dinamismo de uma economia na qual mais da metade da população adulta era formada por aposentados e funcionários públicos. O Uruguai nunca sofreu, em sua história, uma invasão dos Estados Unidos, somente dos vizinhos, e a única ingerência importante de um país imperialista, a inglesa, foi responsável por sua criação como Estado-tampão entre a Argentina e o Brasil.

2.

O uruguaio dos anos 1950 vivia idealizando as décadas passadas, rememorando as vitórias nos campeonatos mundiais de futebol, e uma época sem inflação na qual as pessoas, inclusive os políticos, eram honestas e todos tinham uma vida simples e feliz. A expressão máxima desse passado glorioso, ao qual as músicas folclóricas can-





tavam odes, era o gaúcho, homem livre, simples e austero. Curioso ideal, pois o gaúcho real — rústico, ignorante, vivendo à intempérie e em permanente insegurança — foi, na prática, o oposto da forma de ser e das expectativas do montevidiano médio.

Na escola nos ensinavam que o Uruguai tinha 3 milhões de habitantes, a Argentina, 20 milhões, e o Brasil, 45 milhões. No meio século que se passou, a população uruguaia aumentou 10%, a argentina dobrou e a brasileira quadruplicou. Orgulhoso de ser chamado de a “Suíça da América”, nos anos 1950 o país descobriu que era uma sociedade bloqueada, na qual as demandas sobre o Estado levavam a processos inflacionários, a crises monetárias e à migração maciça. Na única universidade permitida no país, pública e dominada por tendências políticas de esquerda, realizavam-se anualmente greves de longa duração, pelas mais diversas razões, que praticamente dobravam o número de anos necessários para se terminar um curso, o que seguramente não favorecia a permanência dos estudantes pobres.

Diferentemente da identidade portenha, com a qual compartilhava a mistificação do passado e a frustração com o presente, em lugar de desenvolver mecanismos compensatórios por meio de uma valorização desmedida de si mesma, a intelectualidade montevideana se caracterizava por um forte igualitarismo e por uma ironia mordaz, que não permitia veleidades narcisistas. A retração das expectativas individuais e a limitada relevância do Uruguai na esfera regional e global eram compensadas pela propensão





BERNARDO SORJ

dos intelectuais e da população em geral a supervalorizar o poder das palavras e a ter uma opinião sobre tudo que se passava no país e no exterior, sempre debaixo do manto de uma visão moralizante e denunciadora. Parecia que as pessoas acreditavam que o futuro do país passava pelo destino do mundo, e chegava ao paroxismo no extremo internacionalismo dos partidos de esquerda e dos sindicatos, sempre dispostos a lutar, e mesmo a fazer greve, por alguma causa política em um país vizinho ou distante. Todos os muros das ruas do meu bairro estavam rabiscados com frases de solidariedade com as lutas de algum povo, em algum lugar do mundo, e contra o imperialismo.

3.

A maior parte da população tinha origem espanhola ou italiana. Havia chegado entre fins do século XIX e início do XX e se autodefinia como “criolla”, querendo com isto dizer que eram “nativos”. Assim se contrapunham aos “estrangeiros”, imigrantes que chegaram a partir dos anos 1920. Esses, em sua maioria, eram espanhóis da região da Galícia — por isso todos eram chamados genericamente de “galegos” —, que mantinham seu sotaque de origem, e os judeus, que totalizavam entre 30 e 40 mil nos anos 1950, e que às vezes também eram chamados “turcos” ou “russos”.

Boa parte da sociedade “criolla” uruguaia tinha uma enorme carga de ressentimentos contra os “estrangeiros”,





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

em particular contra os galegos, mas de forma ainda mais virulenta contra os judeus. Decerto era extremamente preconceituosa também em relação aos homossexuais e aos negros, inclusive usando expressões mais aviltantes, mas de caráter diferente, porque as ofensas, em lugar de inveja, expressavam desprezo.

Os novos imigrantes chegavam com aspirações de ascensão social, poupavam tudo o que podiam, trabalhavam incansavelmente, apoiavam-se mutuamente e se concentravam no setor de serviços. Os “galegos” estavam presentes particularmente nos armazéns, nos bares e na principal cooperativa de transportes urbanos, “CUTCSA”. Os judeus vendiam a crédito de porta em porta; os que ascendiam se concentravam no setor mobiliário e têxtil, e seus filhos começavam a graduar-se como profissionais liberais — advogados, engenheiros e médicos.

Os comentários negativos e gracejos contra os galegos eram parte do dia a dia. Contra os judeus também eram, mas a sanha era maior, e as pilhérias eram contadas com o sotaque típico do imigrante da Europa oriental, indicando, assim, que não eram realmente uruguaios. A cada ano, no carnaval, as “murgas” — grupos musicais burlescos — percorriam os palcos improvisados em clubes de bairros e geralmente incluíam um quadro de humor no qual o personagem central era um judeu — estereotipado como comerciante, agiota ou proprietário de uma casa aonde ia cobrar o aluguel. Nos anos 1980, ainda em tempo da ditadura militar e última vez que vi um espetáculo de murgas, várias delas promoviam um





discurso de esquerda, cantavam a liberdade e a pátria, criticavam o imperialismo ianque, mas ainda mantinham, nos seus repertórios, piadas antisemitas.

Como parte da cultura popular, na Semana Santa (isto é, oficialmente, a Semana do Turismo), as crianças faziam um boneco de trapos, colocavam-no na rua com um cartaz: *Judas*, e pediam aos transeuntes “um vintém para Judas”. No final do dia, com parte do dinheiro, compravam balas e, com a outra, foguetes que enfiavam no “corpo” do boneco, incendiando-o, ou, às vezes, simplesmente o destruíam a chutes e pauladas.

As relações sociais entre as pessoas eram guiadas por um código de conduta de cordialidade e civilidade, e comentários antisemitas dificilmente apareciam se o interlocutor soubesse que conversava com um judeu, mas podiam ser facilmente ouvidos, em qualquer conversação próxima, em todos os ambientes: no ônibus ou em uma mesa de bar. Na escola, o antisemitismo das crianças, trazido de casa, mas não domesticado pelo autocontrole adulto, era explícito e, muitas vezes, violento. Várias vezes me bateram ou ameaçaram “agarrar-me a socos” porque eu “havia matado Jesus”, e com frequência eu tinha que ouvir que era um “judeu de merda”, que não era “criollo”, que os judeus eram os donos do país, e que eu tinha que decidir que lado apoiaria se houvesse uma guerra entre o Uruguai e Israel. Embora eu não tivesse muito contato com os outros alunos fora da escola, cheguei a frequentar a casa de alguns deles. Com 13 anos fiquei amigo de Rubén García, cujo pai era médico ou





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

advogado, e fui algumas vezes à sua casa, até que seus pais, ao rezar antes de comer, descobriram que eu era judeu. Nunca mais fui convidado.

O milagre uruguaio era que o sistema político e as instituições públicas não deixavam passar a influência do antissemitismo presente na sociedade civil. No nível das elites políticas, os temas judaicos e do Estado de Israel assumiam outros contornos, com um filossemitismo explícito por parte de setores importantes do batllismo. Na época, era publicada esporadicamente uma revista mensal, *A Escoba*, com posições explicitamente antisemitas, embora com pequena circulação e sem maior impacto. Houve também alguns eventos que mobilizaram a opinião pública, como a destruição de túmulos do cemitério judeu, ou quando gravaram uma suástica com uma lâmina de barbear na perna de uma adolescente judia, mas em geral, para os imigrantes judeus vindos da Europa oriental, era uma sociedade em que se sentiam seguros e bem tratados.

4.

Obviamente, eu vivia tudo isso em um ambiente saturado pela sensibilidade, pelos temores e preconceitos dos imigrantes judeus que acabavam de chegar do Leste Europeu. O judaísmo em minha casa e nas dos outros judeus do bairro não era a versão estilizada e pasteurizada que se lê nos livros, mas uma forma de conviver e





de sentir o mundo que ainda estava arraigada na experiência de séculos de isolamento e perseguições, das quais a maioria dos adultos ainda tinha lembranças pessoais, e em crenças e práticas religiosas que se impunham pelo respeito à tradição trazida da Europa.

Judaísmo, em minha casa, era sinônimo da língua ídiche e de história. Eram em ídiche as músicas que meu pai cantava para me fazer dormir, e o primeiro idioma que escutei antes de pôr os pés na rua. Minha mãe e minha tia eram argentinas, e para elas o espanhol era a língua materna, mas com seus maridos e muitas vezes entre elas e seu irmão a comunicação era em ídiche, embora não soubessem ler nem escrever nesse idioma. Comigo, todos eles falavam desse modo, embora minha mãe usasse o espanhol quando meu pai não participava da conversa. E eu quase sempre respondia a todos em espanhol.

A história e os acontecimentos políticos impregnavam o ambiente. Desde as festas judaicas, que remetiam a relatos bíblicos, até as biografias de meus pais e de meu tio — que passavam pela Hungria, Polônia, Bessarábia e desembocavam no Holocausto — e a preocupação constante com o Estado de Israel, tudo levava a querer conhecer o passado para compreender o presente e estar preparado para o futuro. Quando olho para trás, sinto que ser judeu era, em boa medida, inclusive para as pessoas menos cultas da comunidade, uma forma extrema de sensibilidade sobre tudo que acontecia na sociedade e na política internacional, e uma consciência aguda sobre a volatilidade dos ventos históricos, o que levava todos





a se manterem informados e acompanharem os acontecimentos da atualidade.

Sem dúvida, era uma sensibilidade que tinha como referência a situação dos judeus. Quando se falava de qualquer pessoa, a primeira pergunta era: “É *yd* (judeu) ou *gói* (não judeu)?”, seguida por: “É boa ou má?”. A atitude inicial diante do *gói* era sempre de desconfiança, sustentada em uma pergunta que só o tempo poderia responder, mesmo assim não totalmente, pois ele sempre podia mudar: “Esse *gói* é antissemita ou é ‘*a guiter goi*’ (um bom *gói*)?”

Na realidade, o sentimento fundamental a respeito do *gói* não era de desconfiança, mas de temor. O *gói* é aquele que tem o poder de ofender, humilhar, perseguir. Em suma: de fazer o mal. O *yd* pode ser mau, mas nunca poderá fazer o mesmo tipo de mal que o *gói*. Nas conversas com pessoas não conhecidas, havia sempre um medo subjacente de que elas descobrissem que éramos judeus, e eu mesmo, durante décadas, escondia o fato de sê-lo até estar seguro de que o interlocutor não era antissemita. Ao mesmo tempo existia uma categoria que era usada para caracterizar pessoas que eles particularmente respeitavam, os “*guite neshume*” (uma alma boa), e que era utilizada indiscriminadamente para judeus e não judeus.

Na geração de meus pais, dificilmente alguém enfrentava um comentário antissemita. Mas havia exceções, e uma delas era meu tio Aharon, que tinha uma coragem admirável e não temia ameaças físicas.

O temor ao *gói* se expressava em particular quando ele possuía alguma autoridade, como se qualquer policial





fosse um membro potencial da Gestapo, e todo padre, um virtual inquisidor. A preocupação com o que os “*goym* dirão” gerava uma enorme preocupação quando aparecia um *yd* associado a escândalos públicos ou a atividades ilegais, porque isso alimentaria os preconceitos contra a comunidade.

A sensação era de que o direito do judeu a existir não era natural, e ele devia ser constantemente justificado, o que levava a que os jornais e estações de rádio judaicas sempre enfatizassem a “contribuição que os judeus deram para a humanidade”. Minha mãe sempre chamava a atenção cada vez que algum judeu era reconhecido no campo das artes e das ciências, quando contribuía para resolver algum problema, como a vacina contra a poliomielite, ou quando recebia um prêmio Nobel. Creio que as interpretações das anedotas sobre a mãe judia e a ambição de êxito de seus filhos não captam a dimensão de angústia coletiva deste desejo: o de querer contribuir para a justificativa do direito dos judeus a existir.

A relação com os não judeus passava por uma aproximação lenta com cada indivíduo. Com os judeus, a identificação era automática e incluía, *a priori*, certo nível de confiança e cumplicidade e a expectativa de alguma forma de solidariedade. Obviamente, de quando em quando, aparecia na minha casa uma conversa sobre judeus “maus”, o que exigia de meus pais uma explicação de que existem judeus maus e *goym* bons, mas o problema é que os *goym* sempre podem nos perseguir, portanto, continuava a haver diferenças entre *Ydn* e *Goyim*...





Os eventos políticos invariavelmente suscitavam a pergunta: *Iz guit far ydn?* (É bom para os judeus?) ou sua variante: *Iz guit fur Isruel?* (É bom para Israel?). E, quando um judeu estava envolvido em algum acontecimento, a primeira indagação era como isso iria afetar os judeus.

Minha mãe usava, além desse, outro parâmetro, o qual era também um valor disseminado entre as pessoas do bairro para julgar alguém: “É culto ou ignorante?” Obviamente outro critério se referia a se a pessoa era pobre ou rica, mas a resposta não tinha conotações positivas ou negativas, se bem que as pessoas ricas e boas eram particularmente respeitadas, pois era implícito que os poderosos eram naturalmente egoístas.

5.

Em minha casa, componentes persecutórios judaicos levavam ao paroxismo uma cultura uruguaia que se dedicava a julgar tudo e todos, e que era típica do mundo feminino do meu bairro. A maioria das mulheres não trabalhava, e as fofocas eram uma forma de elaborar uma visão de mundo dentro da qual buscavam disciplinar seus filhos e maridos. O resultado era um mundo de fofocas, superficial, medíocre e moralista, uma verdadeira caricatura de valores pequeno-burgueses, na qual a opressão feminina era transformada em opressão universal.

As crianças eram sempre boas ou más, em proporção direta com sua obediência. Os maridos eram igualmente





catalogados em função de serem trabalhadores, do tempo que passavam no bar, do fato de baterem ou não nas esposas (pois bater nas crianças era natural) e de serem ou não fiéis. Todos os acontecimentos que saíam da norma, como divórcios, casamentos entre pessoas com diferença de idade, uso de roupas extravagantes e condutas mais liberais, eram condenados. Diante dos infortúnios, a frase mais usada era “é preciso resignar-se” ou “a vida é uma luta”. O sofrimento era enfrentado com expressões como “a vida é um sacrifício”, e o futuro era sempre “uma questão de ter sorte”. Os comentários sobre a vida das pessoas eram variações em torno de: “pobre senhora, tão sacrificada, e os filhos se portam mal”, “teve má sorte com o marido”, ou “há que aprender a resignar-se”.

A favor desse mundo opressor que levava a aceitar passivamente os acontecimentos da vida, comparado com o mundo atual — onde tudo se explica com base em erros individuais, onde os pais são responsabilizados pelos problemas dos filhos, os cônjuges pelas dificuldades matrimoniais, as doenças são atribuídas à falta da prática de esportes ou aos maus hábitos de alimentação, e onde todos os desejos devem ser realizados de forma instantânea —, deve-se reconhecer a existência de certa sabedoria na capacidade de aceitar a tristeza como parte da condição humana, fazer sacrifícios materiais na expectativa de um futuro melhor e reconhecer o pouco que controlamos nosso destino. Assim, se a resignação tinha muito de fatalismo opressivo, também continha um





componente sábio de aceitação das limitações da vida, protegendo contra a depressão na qual hoje tantos desembocam, incapazes de suportar contrariedades e tristezas.

6.

Vivi minha infância em dois universos, em certa medida paralelos. Um era o mundo não judeu, em especial a escola pública e os contatos esporádicos com os vizinhos. Também fazia parte desse cotidiano acompanhar o campeonato de futebol — toda a família era torcedora do Clube Nacional —, os programas humorísticos do rádio, os jornais, as revistas e o cinema. No mundo de casa, na sinagoga, na escola judaica e no movimento juvenil sionista, a sensibilidade, os sentimentos e a tradição judaica eram dominantes.

Nas noites de sexta-feira a família festejava coletivamente a chegada do *Shabat*, quando comíamos *guefilte fish* (peixe recheado) e a galinha que meu pai geralmente trazia de suas andanças como vendedor pelas periferias de Montevideú, e que era sacrificada ritualmente, na noite anterior, pelo *shochet* (abatedor), nos fundos do armazém dos Akerman. Como o dinheiro era escasso, a galinha era depenada em casa, trabalho um pouco mais difícil de realizar com o corpo do animal já frio. Essa prática durou até meus 12 anos, quando a estrutura de convivência das duas famílias que dividiam a mesma casa se desmoronou definitivamente.





Festejávamos intensamente *Pessach*,* *Rosh Hashana*** e *Yom Kippur**** e um pouco menos *Sucot***** (na cabana provisória que meu tio construía nos fundos da casa), *Purim****** e *Hanukkah*.***** A chegada de *Yom Kippur* mobilizava toda a família, pois era a única festa, com *Rosh Hashana*, em que minha mãe ia à sinagoga, e o momento de vestir nossa melhor roupa. Como eu estava em crescimento, a cada ano me compravam um terno, mas, ao completar 12 anos, meu pai só conseguiu fazer isso no último momento: as mangas do paletó ficaram curtas e as calças largas. Foi uma das poucas vezes em que tive uma crise descontrolada de choro e deixei de ir à sinagoga.

Na minha casa, de noite e aos domingos ao meio-dia, ouvíamos a *Ydishe shu* (a hora judaica), algumas horas de programação em ídiche, com dois momentos em que todos deviam ficar em silêncio: quando se anunciava quem havia morrido e o noticiário, basicamente sobre acontecimentos em Israel.

**Pessach*: comemoração do fim da escravidão no Egito.

***Rosh Hashana*: ano novo judaico.

****Yom Kippur*: Dia do Perdão.

*****Sucot*: festival dos Tabernáculos, no qual se lembra a peregrinação pelo deserto e uma cabana provisória (*Suká*) é utilizada como lugar das refeições e inclusive para dormir.

******Purim*: quando se festeja a intervenção da rainha Esther para que o rei da Pérsia cancelasse o edito de seu conselheiro que visava ao extermínio dos judeus.

******Hanukkah*: celebração da libertação do templo de Jerusalém por volta do ano 200 a.C., numa revolta liderada pela família dos Macabeus. *Hanuca* em particular celebra o fato de um pequeno jarro de azeite puro do Templo ter sido suficiente para manter as luzes da menorá acesas por oito dias.





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

Eu ia à sinagoga com meu pai todas as sextas à noite, todos os sábados pela manhã e também ao entardecer. A sinagoga era um dos marcos de sociabilidade da minha infância. Diferentemente de igrejas ou mesquitas, a sinagoga é mais um lugar de convivência, conversação e mexericos. Sem dúvida se rezava — aos sábados as orações demoravam várias horas —, mas as pessoas não deixavam de conversar, não só antes e depois, como durante as orações, suscitando pedidos constantes de silêncio.

Os pais levavam à sinagoga somente os meninos, que passavam boa parte do tempo brincando no pátio. A sinagoga, onde estavam meus principais amigos, ficava a umas oito quadras da minha casa. O edifício era uma construção antiga onde, em uma sala ampla, funcionava a sinagoga, em outra, havia um pátio, e algumas salas que, por alguns anos, foram utilizadas como escola judaica. A maior parte dos membros da sinagoga não tinha nenhuma erudição nos textos sagrados. Muitos não entendiam as orações que liam em hebraico, mas todos rezavam com a força do sentimento trazido de suas vilas da Europa oriental. Era uma forma de estar em contato com um mundo que não existia mais, mas que eles sentiam profundamente. Um sentimento que dificilmente poderiam transmitir a seus filhos.

A sinagoga não tinha rabino, mas, por vários anos, um membro extremamente estudioso, Ainstein, ao fim das orações de sábado de manhã, comentava alguma coisa sobre o capítulo da Torá da semana. Eram em geral histórias extraídas do Talmud, no qual predominavam





as *Hagadot* (lendas), que contavam como Deus castigou Tito Vespasiano por destruir o templo de Jerusalém, ou protegeu Sara, esposa de Abraão, quando o faraó a tomou como concubina, ou narravam o destino das tribos de Israel que tinham sido exiladas pelos assírios, mas que ainda existiriam em algum lugar distante. Em suma, um universo no qual a maioria acreditava piamente, no qual as pessoas compensavam as humilhações do mundo exterior com histórias de milagres divinos que asseguravam que Deus não abandonara seu povo.

As relações humanas na sinagoga eram intensas e conflituosas, especialmente quando se tratava de definir quem devia ocupar os cargos de direção. Uma vez, quando o *shamesh*, o responsável por cuidar do edifício, um homem pobre e alcoólatra, foi maltratado, chamou o filho. Bastou que o jovem, de quem se dizia estar ligado a grupos marginais, se sentasse em silêncio ao lado do pai para que nunca mais ninguém lhe faltasse ao respeito.

Se bem que, para mim, a sinagoga fosse um momento de diversão, desde pequeno sentia incômodo com a situação de meu pai, que se dedicava muito a ela, em particular à escola judaica que funcionou ali por vários anos. No entanto, eu sentia que, por ser pobre, ele não era suficientemente respeitado, ainda que lhe reconhecessem certo status por ser filho de rabino. Uma das formas pelas quais a sinagoga conseguia dinheiro era chamando ao púlpito alguns fiéis com mais recursos para que realizassem as bênçãos à Torá e fossem abençoados. Meu pai não tinha condições de comprar essa honra e, não obstante





ter sido chamado algumas poucas vezes, essa situação seguramente me deixou um sentimento de mal-estar em relação ao poder do dinheiro nas instituições, o que, de certa forma, perdurou pelo resto da minha vida.

Esse sentimento era alimentado também porque nas histórias religiosas valorizavam-se as pessoas santas e boas, mas, na prática, quem recebia as honras era o presidente da sinagoga, Mendl Sancovski, que os jovens desrespeitosamente chamavam de San Cono. Dono de uma loja de móveis e considerado o judeu mais rico do bairro, tinha doado o edifício da sinagoga, onde só aparecia no *Rosh Hashana* e no *Yom Kippur*, e não por muito tempo. Eu não conseguia entender como ele podia ser o presidente da instituição.

Em fins dos anos 1950, quando decidiram derrubar a sinagoga e construir um edifício novo, esperava-se que Sancovski fizesse a maior doação, mas outro dono de loja de móveis, Scolnik, fez uma doação similar. A congregação aproveitou para nomear Scolnik presidente do comitê de construção, para humilhação de Sancovski. Poucos anos depois do término do novo edifício, a sinagoga começou a entrar em decadência, já que a nova geração estava abandonando o bairro, e o prédio praticamente deixou de ser utilizado.

Alguns anos atrás, ao passar por Montevidéu, me disseram que haveria uma reunião dos filhos dos fundadores para discutir que destino dar ao edifício. Quando foi lido o estatuto, constatou-se que apenas os homens tinham direito de participar das assembleias, o que não foi bem recebido





pelas mulheres presentes. Na parte final, que tratava do que se deveria fazer em caso de fechamento, o documento indicava que a propriedade deveria ser doada ao representante, no Uruguai, da Autoridade Palestina. O documento fora escrito nos anos 1940, antes da existência do Estado de Israel, quando Palestina era sinônimo de Israel, inclusive o banco judeu se chamava Banco Palestino-Uruguai.

7.

A vivência judaica da geração de meus pais estava impregnada de histórias trazidas da Europa, das memórias de perseguições e antissemitismo, nas quais estava viva inclusive a lembrança da expulsão da Espanha. O nazismo era vivido como uma continuação dos maus-tratos sofridos na Europa, e se alimentava dos relatos de gerações e gerações que sofreram perseguições nas mãos dos cristãos. Quando pequeno, meu pai pedia, ao entardecer das sextas-feiras e dos sábados, que eu fosse ver se já tinha aparecido a primeira estrela — que indica, na tradição judaica, o começo do novo dia —, mas não podia apontar a estrela com o dedo. Ele me dizia que isso era proibido. Muito tempo depois descobri que a tradição começou séculos atrás, na Península Ibérica, onde os judeus convertidos à força, e que mantinham em segredo suas tradições, podiam ser identificados e entregues à Inquisição por causa desse tipo de imprudência.





O Holocausto não era algo que se ensinava formalmente, nem um tema que se descobria nos livros ou no cinema. A palavra passou a ser usada muito mais tarde, para indicar o extermínio dos judeus. Na minha infância se falava do nazismo, dos campos de concentração (os *lager*), de Hitler. O Holocausto não era um número de mortos, mas a lembrança dos familiares desaparecidos, uma experiência vivida, em que cada um carregava seu drama pessoal. Na sinagoga ou em ambientes judeus falava-se pouco, muito pouco, sobre o tema, já que a maioria tinha perdido familiares e o sofrimento era solitário e intransmissível. Não me lembro se na escola judaica era mencionado, e no movimento sionista a lembrança se concentrava nos levantamentos armados dos guetos.

O único episódio em que o nazismo surgiu no ambiente público da comunidade foi quando uma senhora, que tinha estado em um campo de concentração, reconheceu uma mulher do bairro como uma *kapo* (prisioneiros que colaboravam com os nazistas e recebiam certos privilégios). Nas conversas entre os adultos, contava-se que a mulher tinha fugido com ouro roubado dos outros prisioneiros. Para as crianças, a pergunta era: devíamos continuar a ser amigos de seus filhos? Meu pai me disse que eles não tinham culpa pelo que a mãe tinha feito.

Na minha casa a memória física do Holocausto eram quatro fotos. Papai trouxera consigo fotos de meus avós e recebera pelo correio as fotos de seus irmãos e de seus sobrinhos. Minha mãe mandou ampliar e emoldurar as fotos originais de meus avós, que se encontravam





apoiadas no aparador da sala. Elas dominavam, de forma silenciosa, todo o ambiente. E mesmo que meu pai tenha tratado de transmitir-me a vida que havia por trás delas, para ele não podiam deixar de estar associadas à morte. Cada vez que ele passava os olhos sobre as fotos, era uma cerimônia de sofrimento, até que um dia minha mãe decidiu colocá-las meio de lado para que o olhar dele não cruzasse diretamente com elas.

Meu pai não sabia as datas de aniversário de morte de seus familiares, quando deveria rezar o *Kadish*, a oração em memória dos falecidos, e por isso passou a fazê-lo durante o *Izkor*, momento no *Yom Kippur* quando se orava por familiares mortos e se retiravam as crianças do recinto, onde só permaneciam os adultos que tivessem perdido algum ente querido. Muitos anos mais tarde, um amigo de meu pai me contou que era aterrador ficar ao lado dele e ver como cobria totalmente o rosto com o *talit* (um xale utilizado nos serviços religiosos), para silenciar seu pranto convulsivo. Eu só me lembro de que, ao final da oração, meu pai saía com os olhos vermelhos e me abraçava.

Para mim, o Holocausto representou conviver com a tristeza permanente de meu pai, escutar histórias da família que nunca conheci e tratar de entender e reagir contra o sofrimento que a barbárie humana havia imposto a ele. Cada vez encontrava menos respostas na religião. Um dia, cheguei em casa e pedi ao meu pai que nos sentássemos, pois tinha algo importante para conversar com ele. Eu tinha 14 anos. Preocupado, ele me pergun-





tou de que se tratava, e eu lhe disse que se o Holocausto tinha existido, então Deus não existia. Ele me olhou e, com lágrimas nos olhos, me respondeu que não tinha argumento, pois ele mesmo não sabia se Deus existia e não conseguia entender por que ele, que era o menos capaz dos irmãos, tinha se salvado e toda a sua família, em particular as crianças, tinha sido exterminada; não acreditava que existisse outra vida depois da morte, nem paraíso nem inferno. Perguntei em que acreditava, e ele me respondeu que no destino, que para ele significava encontrar coragem para dar continuidade à memória dos mortos, mantendo as tradições e praticando os valores que seu pai lhe transmitira.

8.

O Holocausto era um nó na garganta, um amálgama de sofrimento, raiva e ódio, sobre o qual pouco se comentava. E não se falava sobre ele porque se encobria um tema que era insuportável, não apenas pelo que aconteceu — afinal desde os tempos bíblicos os judeus sempre foram perseguidos —, mas porque não tínhamos nos defendido e lutado contra o nazismo.

A resposta prática a essa pergunta insuportável era o Estado de Israel. Israel devolveu o orgulho, a dignidade e a alegria de viver a um povo que foi massacrado; demonstrou que os judeus eram capazes de lutar e de se defender, e que nunca mais iriam, como cordeiros, ao matadouro. E se o país que foi construído por uma ideologia que se





propunha a normalizar o povo judeu estava revivendo a eterna história de perseguições, pois os árabes queriam aniquilá-lo, os inimigos de Israel tinham agora que enfrentar um exército judeu.

Em casa, o tema constante das conversas e preocupações era o que acontecia em Israel. Escutar músicas israelenses, ir a espetáculos nos quais os jovens dos movimentos sionistas dançavam e cantavam, e o profundo orgulho por Israel e seus êxitos no campo da agricultura e das ciências, na recuperação de pântanos e desertos, na imagem dos *kibutznik* que em uma mão tinham o arado e na outra o fuzil, não podia ser mais bem resumida do que na frase de meu pai: “Boruch, para mim o messias chegou, e é o Estado de Israel!”

Diferentemente da religião, da qual a maioria dos jovens se afastava, Israel se transformou em um valor comum entre pais e filhos. Certamente havia diferenças. Para os pais, a existência do Estado de Israel era vivida como um milagre, um fenômeno quase religioso. Para a maioria dos jovens, o sionismo era uma ideologia secular, uma alternativa à visão religiosa e resignada do mundo, uma interpretação diferente da história judaica, na qual a diáspora aparecia como a causa do antissemitismo, que só seria superado com a “normalização” do povo judeu vivendo em seu próprio território. Mas a força do sentimento pró-Israel não era suficiente para que a maioria dos pais se dispusesse a emigrar novamente nem para desejar que seus filhos se fossem, por mais que estivessem orgulhosos de que outros jovens o fizessem.





9.

Fiz parte de uma geração de transição. Éramos filhos de imigrantes. Para nossos pais, o Uruguai foi um porto seguro, uma sociedade democrática que protegia seus cidadãos, na qual a vida política não estava atravessada por ódios étnicos ou religiosos e eles podiam manter suas tradições religiosas sem serem incomodados. Certamente sofriam preconceitos, mas eram praticamente irrelevantes diante dos que tinham vivido no passado. Eles se sentiam tão uruguaios como poderiam ser imigrantes que não falavam perfeitamente a língua e que, em parte, estavam ainda enraizados em um mundo que tinham deixado para trás. Já nós, os filhos, éramos diferentes. Nascemos e fomos socializados no Uruguai, em uma cultura laica e democrática — na crença na igualdade entre todas as pessoas e na valorização do conhecimento científico. Atos de intolerância e preconceitos, temas menores para nossos pais, para nós eram insuportáveis. Víamos como direitos naturais aquilo que para nossos pais eram favores pelos quais deviam ser gratos; e se eles pensavam que o melhor era não chamar a atenção e viver em paz sem incomodar nem ser incomodados, nós queríamos ser membros ativos da sociedade e nos sentíamos responsáveis por mudar o mundo.

Com maior ou menor intensidade, a insatisfação com uma sociedade que prometia a igualdade, mas não cumpria totalmente sua promessa, se expressava em minha geração por meio de uma forte identificação com o sionismo,





muitas vezes associado ao socialismo e, para um grupo menor, mas relevante, à participação na esquerda nacional, geralmente no partido comunista. Por vias diferentes, ambos prometiam o mesmo: a possibilidade de viver em um mundo onde não haveria mais discriminação. Para os sionistas, isso ocorreria porque, no Estado de Israel, os judeus se transformariam em um povo normal, não mais uma minoria dependente dos humores da maioria. Para os comunistas, porque o internacionalismo proletário propunha acabar com todas as formas de opressão. E, para nós, que nos definíamos como sionistas-socialistas, se tratava de avançar em etapas, primeiro normalizar o povo judeu e, a partir de um Estado próprio, lutar pelo socialismo.

A história se mostrou mais complexa, mas, nos nossos tempos de juventude, a crença de que entendíamos os caminhos da história — e acreditávamos possuir as respostas para todos os problemas — era uma enorme força motivadora, e produzia em nós um voluntarismo e uma disposição para dedicarmo-nos a objetivos coletivos que hoje é difícil de imaginar.





São Paulo







1.

O IMI do Uruguai continuava a crescer, já sob a liderança de Bubi, pois René tinha sido enviado para o Rio de Janeiro, e competia de igual para igual com as outras organizações juvenis sionistas. A radicalização política do movimento acompanhava a radicalização da região. Estávamos sujeitos a todo tipo de influência, já que não sofríamos nenhum controle externo por parte de instituições comunitárias, nem éramos parte da vida política local, pelo que podíamos dar-nos ao luxo de não ter que escolher entre as diferentes seitas revolucionárias. Mao, Che Guevara e os escritos de Lênin passaram a fazer parte de nossa lista de leituras. Nós nos abastecíamos, em particular, na livraria Povos Unidos, do Partido Comunista, que importava os livros da União Soviética, em encadernações primorosas e a preços baixíssimos.

Em seus primeiros anos, como era de se esperar de um movimento que pretendia implantar o socialismo nas cidades, aceitava-se que os membros cursassem a universidade. Era, ademais, um diferenciador em relação





aos outros movimentos juvenis sionistas, que proibiam os estudos universitários, pois se esperava que o jovem, aos 19 ou 20 anos, fosse viver em um *kibutz*.

A radicalização do movimento levou-nos a questionar “expectativas pequeno-burguesas” que colocavam os interesses individuais acima dos coletivos. O pecado capital entre nós era o “subjetivismo”, isto é, dar importância aos problemas ou projetos pessoais. A dinâmica coletivista do grupo era tal, que os casais que ficassem de mãos dadas durante os eventos eram malvistas, e aqueles cujas sensibilidades ou condutas se desviavam da norma, ou que não se dedicavam às tarefas comuns, eram marginalizados.

Diferentemente das outras organizações juvenis que recebiam um enviado (*sheliaj*) de Israel, pago com recursos da Agência Judaica, responsável pela orientação educacional, pela linha ideológica ou pela criação de novos núcleos, nós mesmos devíamos produzir e financiar nossos missionários. A necessidade de ter pessoal disponível para ser enviado a outras cidades ou países entrava em conflito com os planos individuais, em particular o de entrar para a universidade. Assim, no interior do IMI, foi sendo gestado um choque.

2.

Quando, em janeiro de 1966, Zezinho mencionou pela primeira vez que eu tinha que ir para São Paulo, entrei em pânico. Pensava que meus pais e eu mesmo nunca su-





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

portaríamos esse afastamento. Pela mesma razão, sempre duvidei que iria morar efetivamente em Israel.

Com o passar dos meses, minha mente começou a absorver a ideia. E apareceu um novo incentivo quando Kitty, com quem finalmente eu tinha começado a namorar, mudou-se permanentemente com os pais para São Paulo em setembro de 1965. Embora ela tivesse voltado ao Uruguai para participar de um acampamento no final do mesmo ano e tivesse declarado que tudo entre nós tinha terminado, só acreditei parcialmente.

Segundo Zezinho e Tommy, era necessário um “teórico” que fosse responsável pela formação ideológica do grupo de 15 a 18 anos em São Paulo. Eu tinha transformado o IMI em um segundo lar, seus dirigentes eram autoridades quase paternais que eu temia questionar, e minha vida estava sem qualquer horizonte. Em meados de 1966, confirmei que viajaria.

Como era menor de idade, precisava da autorização de meus pais para sair do país. Não me lembro bem com foi a conversa que tive com eles, mas meu pai argumentou com minha mãe que eu tinha razão, que em Montevideú não havia futuro e que eu deveria fugir dos problemas de casa. Fomos ao Consulado brasileiro e, na hora de assinar, as mãos do meu pai começaram a tremer, as lágrimas desceram pelo seu rosto. Segurei seus ombros com firmeza e lhe pedi que assinasse.

O ônibus me levou de Montevideú a Porto Alegre, onde tive que esperar algumas horas para fazer a conexão que me levaria a São Paulo. Estava caminhando pela rua





quando apareceu uma pessoa que me ofereceu uma capa impermeável para chuva que, segundo ela, tinha caído de um barco alemão. Entusiasmado com a possibilidade de ter, pela primeira vez na vida, uma peça de roupa estrangeira, paguei dois dólares por ela. Com isso, sobravam oito para o resto da viagem. Quando abri a capa, vi que na etiqueta estava escrito “*Made in Brazil*”. Foi meu batismo no mundo grande e alheio.

A recepção em São Paulo foi ambígua. Eu tinha que liderar um grupo de várias pessoas um ano mais velhas do que eu, que não se sentiam confortáveis tendo alguém mais jovem ocupando a posição de liderança. Para superar o mal-estar, fui nomeado *madrich* (líder/guia) teórico, e outra pessoa, com alguns anos a mais, *madrich* prático, situação que se prolongou por um bom tempo. Apesar do mal-estar inicial, era querido e protegido pelo grupo, e só muitos anos depois entendi quanto havia de brasileiro nessa atitude de não alimentar conflitos e ressentimentos.

Como o movimento estava dividido em *shchavot* (camadas), organizadas por faixas etárias, permaneci em um limbo no interior da estrutura do movimento, entre um status superior como “enviado” e um inferior pela idade. No entanto, minha posição de “teórico” e a proximidade com Zezinho, que buscava meu apoio nos embates ideológicos internos que se anunciavam, eram a principal fonte de reconhecimento e respeito entre os membros do grupo.





3.

Devo minha precoce formação intelectual à necessidade de fugir, desde muito cedo, dos problemas do entorno familiar, assim como ao apoio e à importância que meus pais davam à cultura. Em casa, cultivava-se a memória de meu avô rabino, como estudioso e exemplo da própria importância de ser um estudioso. Os grandes heróis, que os enchiam de orgulho e que deveriam ser imitados, eram cientistas e artistas famosos, como Einstein e Freud, Chagall e Yehudi Menuhin. O dito popular “o saber não ocupa lugar” possuía para meus pais, assim como para os judeus de sua geração, um sentido particular. Eles insistiam com frequência que os judeus sempre podem ser expulsos, mas nunca lhes poderão tirar o que levam em suas cabeças.

Desde menino, tive duas educações paralelas: a escola pública, ou escola góí, e a escola judaica, ou escola ídiche. Aos 3 anos fui para a escola judaica, que meu pai tinha ajudado a organizar na sinagoga local. Lá, fui introduzido ao alfabeto hebraico. Aos 7, passei à Talmud Torá, uma escola mais distante de casa, onde estudava diariamente por quatro horas, em geral com professores que tinham vindo da Europa, com uma pedagogia que incluía reguardas nos dedos e um conteúdo que não conseguia atrair a atenção de nenhum dos alunos. Aos 11 anos, frequentei, por menos de um ano, a Yeshiva, escola rabínica onde os alunos eram divididos entre os que perguntavam e os que respondiam, alternando as posições, muitas vezes para responder à mesma pergunta. O rabino valorizava





muito as *kashes* — perguntas difíceis de seus pupilos, geralmente do tipo “por que na torá está escrito isto e não aquilo?” —, nas quais eu sobressaía, mas passava de medíocre quando se tratava de traduzir os textos em hebraico e aramaico para o ídiche, que eu tinha dificuldade de falar, porque o associava à vergonha que eu passava quando meu pai o falava na rua.

Foi a escola pública que provocou a primeira reviravolta em minha vida, depois de passar pelo jardim de infância como um menino solitário com dificuldade para entender que o nome Bernardo se referia a mim, já que só me reconhecia pelo meu nome hebraico, Boruch. Os primeiros boletins deixaram meus pais preocupados. No primeiro trimestre, a média fora regular, no segundo, regular bom. Se eu continuasse com essa nota, perigava repetir o ano. No final do último trimestre, voltei para casa com uma carta lacrada a ser entregue aos meus pais. Minha mãe a abriu, supondo de antemão, como sempre, a pior notícia: de que eu havia perdido o ano. Surpresa, leu e releu a carta, que informava que eu havia sido o melhor aluno da turma e, portanto, seria o porta-bandeira na cerimônia de fim de ano, durante a qual o melhor aluno do último ano entregava a bandeira ao melhor aluno do primeiro. Além de usar luvas brancas e um uniforme impecável, eu deveria proferir algumas palavras que tinha que preparar.

Nunca soube bem o que aconteceu. Imagino que a mudança brusca tenha ocorrido porque tivemos a visita de um inspetor, responsável pela avaliação do ensino das escolas, que concentrou todas as perguntas em problemas





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

de aritmética. No sistema da época, respondia quem levantasse a mão primeiro. Respondi a todas as perguntas. Ele me propôs perguntas mais difíceis, e eu continuei respondendo. A diretora e a professora presentes devem ter ficado felizes.

A partir de então, passei a ser tratado em casa como gênio, o que, em nosso sistema familiar, significava condenar meus dois primos ao lugar de menos capazes. A explicação de meu sucesso não foi a influência de minha mãe, uma pessoa culta e inteligente, mas dos genes mais distantes, embora de maior *pedigree*, de meu avô rabino, do qual eu tinha herdado o nome Boruch.

4.

Quando completei 10 anos, minha mãe decidiu que eu deveria me inscrever no concurso “General Electric pergunta às crianças” transmitido pelo rádio e realizado num auditório lotado. Se eu conseguisse responder a todas as cinco perguntas, ganhava um pequeno aparelho elétrico de rádio. Tive que suportar para o resto da vida que minha mãe mostrasse, a qualquer visita, o rádio e o recorte do jornal com a foto e a notícia, emoldurado na parede.

Como aos 12 anos não ia mais à escola judaica e deveria começar a pensar nos preparativos para meu *Bar Mitzva* (rito de passagem a partir do qual o jovem é considerado responsável pelos seus atos), meu pai pediu a Manuel Eplboim que me desse aulas particu-





lares. O Sr. Eplboim, um homem solteiro que vivia na extrema pobreza em um pequeníssimo apartamento onde a quantidade de livros empilhados no chão não permitia praticamente nenhum movimento, passava a maior parte de seu tempo na Biblioteca Nacional, onde era a única pessoa, ou pelo menos assim diziam, com autorização para levar livros para casa. Conhecedor de vários idiomas (meu pai dizia que eram 14), vivia nas nuvens, vestia o mesmo terno por semanas, se não meses, e geralmente aparecia vestindo duas gravatas. Conhecedor de todos os textos religiosos judeus, o tema que realmente lhe interessava era filosofia, e não levava, até onde pude entender, uma vida religiosa.

Meu pai sempre pedia doações para Eplboim ou lhe dava algo de seu próprio bolso e, no *Pessach*, ia à Comunidade Israelita para buscar *matzá* (pão ázimo) e alguma comida, que levava à casa dele, para que não se sentisse humilhado de ter que ir lá pessoalmente. Recebendo como pagamento um almoço e uns poucos pesos, Eplboim ia duas ou três vezes por semana à minha casa, onde passava as tardes ensinando-me a Bíblia e suas interpretações e a *Mishná* (tratado de interpretações e comentários sobre a Bíblia), mas também conversando sobre os temas mais variados de cultura geral, especialmente sobre a história grega e romana. Como nos sentávamos à única mesa da casa, na sala, sobre a qual minha mãe também deixava a roupa que tinha que passar a ferro, a tendência de Eplboim de manusear a roupa íntima de minha mãe dificultava minha concentração.





Durante minha infância, na tarde dos domingos e nas férias — quando eu ficava em casa, enquanto todos os amigos iam passear ou veraneiar com seus pais, algo que nunca aconteceu comigo —, minhas leituras prediletas eram a revista argentina *Billiken* e as dos heróis da época: *Mickey e Pato Donald*, a *Hopalong Cassidy* e *Roy Rogers*. Mas meu herói era, de fato, o Super-Homem, alguém aparentemente tímido e sem êxito, mas que, na realidade, possuía superpoderes. De vez em quando também lia livros de literatura juvenil, como os *Três mosqueteiros* ou *O prisioneiro de Zenda*.

Quanto mais impotente e insatisfeito me sentia com o mundo no qual vivia, mais fantasiava sobre figuras históricas ou imaginárias. Quando entrei na adolescência e comecei a frequentar cinemas mais amiúde, fui substituindo minha identificação com os heróis das revistas por atores famosos, geralmente de comédias ou de filmes de ação americanos. Aos 15 anos, comecei a ler a revista semanal *Marcha*, que incluía longas análises, que nem sempre eu entendia, sobre a importância da obra de Ingmar Bergman, do neorealismo italiano e da *nouvelle vague* francesa. Apesar de ela manifestar um desprezo olímpico em relação a Hollywood, nunca perdi o prazer de assistir a bons filmes de ação e de rever as comédias clássicas de heróis desastrados, de Chaplin a Jerry Lewis, passando por Cantinflas.

Quase chegando à adolescência, aos 11 anos, comecei a ler coisas mais sérias. Meu pai tinha comprado e trazido nas costas uma *Enciclopédia Britânica* usada, que





pagou em prestações, em uma época em que nem ele nem minha mãe gastavam com nada além de comida e remédios. Descobri também a biblioteca pública local e me transformei em frequentador assíduo, e, quando as vendas na feira melhoraram, passei a comprar os fascículos da *Enciclopédia Juvenil*, vendidos na banca da esquina.

Continuei a ser o melhor aluno da turma, apesar de uma caligrafia atroz e cadernos cheios de borrões de tinta da caneta de pena que nunca consegui dominar — pois até a idade adulta os transtornos de casa afetaram um pouco minha capacidade motora. Por isso, alguns professores insatisfeitos colocavam como nota de fim de ano STE/MB (excepcional/muito bom) em vez de STE. Mesmo assim, fui novamente indicado como porta-bandeira no final do sexto e último ano, quando disputei o primeiro lugar da turma com Alfredo, que tinha uma caligrafia e um caderno impecáveis. Garanti a posição quando tive que fazer a apresentação sobre a história do Egito antigo. Em lugar dos esperados 15 minutos, minha exposição se prolongou por uma hora e meia.

Meu rendimento no liceu foi uma linha descendente. No primeiro ano, sentia dores de cabeça e, só ao final do curso, descobri que precisava usar óculos. A entrada na adolescência, em uma casa onde as brigas e os gritos diários se tornavam cada vez mais insuportáveis, me levou a passar longas horas lendo. Nada tinha a ver com as matérias do liceu. Eram livros que me permitiam escapar para outros mundos e épocas, e, sobretudo, textos de psicologia nos quais buscava explicações para meu





caos emocional. Passei a crer que as ideias e a busca da verdade deveriam guiar minhas ações, e pensava que todas as pessoas agiam dessa forma. Somente o passar dos anos, a experiência de vida e a ascensão social me permitiram entender e aceitar que a maioria das pessoas não sente nenhum prazer em questionar suas crenças, que a procura da verdade é um caminho que nos dá respostas parciais e que as teorias sobre a sociedade e os indivíduos só nos enriquecem se estamos dispostos a questioná-las constantemente. Mas, na época do IMI, eu estava no ápice da minha intolerância intelectual.

5.

A maioria das mulheres que participavam do IMI tinha entre 15 e 17 anos, e os rapazes entre 16 e 18. Além das atividades formais de fim de semana e dos encontros das diversas comissões durante a semana, o ritmo do movimento era dado pela organização e realização de *machanot* (acampamentos) em julho e no fim do ano, que culminava geralmente nas *asefot* (reuniões) da *hanagá* (direção) e em *kinusim* (congressos) dos quais participavam todos os membros dos grupos de mais idade. Se bem que ninguém do grupo falasse hebraico, como em outras organizações juvenis sionistas, a maioria das canções era nesse idioma, e usávamos muitas palavras cujo significado era dado pela nossa experiência, e que não era necessariamente o mesmo do termo original em língua hebraica.





No primeiro *machané* (acampamento), em circunstâncias pouco claras, em uma laguna rasa para criação de peixes de cerca de metro e meio, Soriel morreu afogado. A atitude resignada de seus pais nos levou a pensar que talvez houvesse outra razão de saúde que desconhecíamos e que nunca soubemos. Depois disso, jamais tivemos outro acidente, mesmo que, em mais de uma caminhada pela rodovia, em noites de chuva, por sorte não fomos atropelados pelos caminhões.

Inicialmente realizados em locais fixos, com certa infraestrutura, muitos dos eventos seguintes incluíam passeios pelo interior do Brasil, do Uruguai e da Argentina, por onde se viajava de carona, às vezes na cabine do motorista, mas em geral na carroceria, junto com a carga do caminhão. Em dois anos fiz, dessa forma, várias vezes o trajeto São Paulo-Montevideú e São Paulo-Rio. Dormíamos em postos de polícia, escolas e qualquer outro lugar para o qual “o grupo de vanguarda”, que chegava antes, tivesse conseguido permissão das autoridades do povoado ou da cidade pela qual passávamos.

O ritmo de atividades era frenético. No início de 1964, realizou-se o primeiro Kinus Artzi, congresso nacional que reuniu os grupos de São Paulo e do Rio de Janeiro, e em 1965 foi montado o primeiro acampamento continental, com a participação dos uruguaios. Em 1967, o último *machané* continental contou também com a presença de chilenos. Com a saída do primeiro grupo para Israel, iniciamos os planos para criar a *hanagá* (direção) mundial.





6.

O encontro realizado em fins de 1966, em uma casa em Petrópolis, se anunciava como diferente dos anteriores. Zezinho tinha perdido a mãe e estava desconsolado. Naquela época, ele passava boa parte do tempo no apartamento no qual eu vivia sozinho em São Paulo, porque Tommy tinha ido para a direção do movimento no Uruguai e Bubi para o Rio de Janeiro.

Zezinho queria que eu o ajudasse a enfrentar o “grupo dissidente”, cujo principal porta-voz era Aharon, que, com Michel e Arnaldo, fora um dos fundadores. Inicialmente, Michel e Arnaldo eram os “teóricos” do movimento, mas ambos rapidamente se distanciaram de nosso cotidiano e, de fato, acabaram por perder qualquer contato. Aharon esperava contar com o apoio dos participantes do Rio, e Zezinho, com os de São Paulo.

A crise girava, na prática, em torno de um conceito inventado por Zezinho: “*alya rayonit*” (ascensão intelectual ou ascensão ideológica). A palavra hebraica *alya* significa subida/ascensão e serve também para referir-se a ir para Israel. “Fazer *alya*” era o objetivo de todos os movimentos sionistas, ou, como se dizia na época: “realizar-se”. A tese de Zezinho era de que a *alya rayonit* era a forma de realização interna dentro do movimento, que deveria “forjar” seus membros, forçando seus limites. Isso incluía caminhadas de 40 quilômetros, mas, sobretudo, a disposição para abandonar a casa e os estudos e ir para outros lugares onde era preciso fortalecer o movimento,





ou para Israel quando o movimento julgasse necessário. A seu modo, Zezinho estava querendo criar um partido de tipo leninista, formado por quadros totalmente dedicados à causa.

Poucos estavam realmente dispostos a apoiar incondicionalmente suas posições, e menos ainda a confrontá-lo diretamente. Aharon anunciou que o faria escrevendo um texto para a reunião de Petrópolis. Zezinho queria que eu criticasse o texto de Aharon, defendendo as teses que ele estava preparando, intituladas “Sobre a prática”.

Aharon era talvez o integrante do IMI que se mantinha mais próximo da tradição religiosa, e sua apresentação se referia a uma variedade de temas, inclusive ao judaísmo. Lembro-me de que era um texto interessante, embora um pouco barroco e confuso, talvez porque ele quisesse evitar o confronto. O texto de Zezinho era basicamente uma defesa da segunda tese de Marx sobre a filosofia de Feuerbach:

O problema de se é possível atribuir ao pensamento humano uma verdade objetiva não é um problema teórico, mas um problema prático. É por meio da prática que o homem tem que demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poderio, a terrenalidade de seu pensamento.

Sua argumentação básica era tomada de um livrinho de Mao Tsé-tung que tinha o mesmo título do texto de Zezinho. Pessoalmente não concordava com sua posição teórica. Pensava que, ainda que a prática fosse fundamen-





tal como critério de verdade para um materialista, essa prática era a científica, ou seja, não se tratava de defender a experiência pessoal, mas a experimentação científica e suas formas próprias de elaborar hipóteses. Porém concordava com as consequências práticas da posição de Zezinho. Além do mais, não deixava de ser uma oportunidade de afirmação pessoal e de aproximação e reconhecimento pelo líder máximo, que estava passando por um mau momento.

À parte o golpe que a morte de sua mãe significou, Zezinho começou a suspeitar de que Tommy estava contra ele e queria ocupar seu lugar. De fato, Tommy não estava dando importância à discussão com Aharon, e havia se transformado, para todos os efeitos práticos, no líder do IMI, já que Zezinho tinha se afastado das atividades cotidianas e mantinha uma atitude mais distante com a maioria das pessoas. Mas Tommy não tinha interesse em substituí-lo, se bem que muitos de nós conversássemos sobre essa possibilidade, pois ele se sentia bem fazendo o que fazia, respeitava o papel de Zezinho e concordava com suas posições. Mas havia seguramente uma diferença de estilos. Tommy era um aglutinador e negociador; Zezinho funcionava por meio de uma lógica de oposição e confrontação: os que não estavam do lado correto da linha — a dele — eram considerados desviacionistas e deviam ser combatidos.

O encontro de Petrópolis foi triste. Eu me dediquei a criticar, frase por frase, o texto de Aharon, em seguida Zezinho o denunciou como destruidor do movimento.





Ao fim da reunião, sem ninguém que o apoiasse, Aharon pegou sua mochila e se retirou chorando. A ideia de “*alya rayonit*” continuou a ser discutida em uma reunião de fevereiro de 1967 em Montevideú, apoiada pelo grupo do Uruguai, embora o de São Paulo, o mais importante, dissesse que concordava “em princípio, mas deixava em suspenso como se aplicaria”. Toda a discussão acabou por ser varrida pelos ventos da história, com a Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967, e a atração exercida pelos movimentos revolucionários na região. Logo me arrependi de meu papel no encontro de Petrópolis, que me serviu para aprender que o intelectual que se coloca a serviço do poder político perde sua liberdade, deixa de buscar a verdade para produzir justificativas.

7.

O auge do IMI ocorreu em 1966/1967. No Uruguai, graças à presença de Borora, “enviado” do Rio de Janeiro e possuidor de dotes artísticos, montamos no *kibutz* a peça *My fair lady*, mantendo as músicas do filme e mudando as letras. A peça foi apresentada com grande êxito em um teatro. Mr. Benny, um hindu judeu que vivia em São Paulo, escreveu uma canção sobre Jerusalém com letra em hebraico, que nós gravamos em um pequeno disco junto com outras músicas. O disco foi gravado imediatamente depois da Guerra dos Seis Dias, que tornou famosa a canção “Jerusalém de Ouro” (*Yerushalaim shel Zahav*),





de Noemi Shemer. Nós oferecíamos, de casa em casa, nosso disco, que tinha a palavra Jerusalém no envelope, e, quando nos perguntavam se era a canção de Noemi Shemer, dávamos a entender que sim. Foi um êxito de vendas.

Iniciamos a publicação de uma revista na forma de jornal, e os projetos de expansão não paravam. Abrão, de São Paulo, foi enviado primeiro para a Argentina, depois para o Chile para implantar o IMI em Santiago; Jeffery, do Rio, e Sara, de São Paulo, foram para Porto Alegre; Tommy e Esther, que vivia em São Paulo, foram para Montevidéo; Bubi e René, de Montevidéo, para o Rio; e Luizinho, do Rio de Janeiro — por um curto período —, e eu, para São Paulo.

Se bem que funcionando à revelia das organizações judaicas oficiais, passamos a obter lugares nos cursos de um ano em Israel, oferecidos a jovens líderes das organizações sionistas. Primeiro foi Reginaldo, depois Kitty. Meses depois de chegar a São Paulo, voltei a aproximar-me de Kitty, mas quando ela foi para Israel obter formação de líder, propôs acabar com a relação, apesar de minha opinião em contrário. Pouco tempo depois namorei Raquel, uma linda lourinha de olhos azuis, que na época tinha 15 anos, a mais jovem do grupo que eu liderava. Um sucesso enorme para alguém que só tinha o intelecto para compensar a insegurança e a timidez.

Passei o ano de 1967 praticamente sozinho no apartamento. A vida em São Paulo não era muito fácil. A seu favor, havia o fato de que, pela primeira vez na vida, vivia em um apartamento com espaço e um bom banheiro com





chuveiro a gás, muito diferente do da minha casa, onde tínhamos que colocar e molhar o algodão com álcool, que aquecia por pouco tempo, e mal, a serpentina por onde circulava a água. Eu dedicava boa parte do dia a ler, depois ia para a sede, que ficava a 100 metros, com a expectativa de encontrar alguém para conversar. Felizmente, Mocha e Menachem, pouco adeptos dos estudos, muitas vezes passavam por lá no final da tarde e me convidavam para sair, comer alguma coisa e, de vez em quando, jogar bilhar.

O contato com meus pais se dava por meio de cartas semanais. Iniciamos um rito que duraria os próximos 25 anos. Eu escrevia: “Queridos papai e mamãe, aqui está tudo bem. Não se preocupem. Beijos, Boruch”, seguido por uma frase escrita em ídiche, para meu pai, dizendo a mesma coisa. De vez em quando complementava com alguma novidade, e posteriormente incluí na fórmula a menção a Bila, depois a Pablo. Meus pais respondiam de forma similar. Para eles, o importante era receber a carta semanal. Um dia de atraso era vivido como um drama. Algo compreensível no caso de meu pai, que, durante a guerra, esperou durante cinco anos uma carta que nunca chegou, com notícias dos familiares.

Em São Paulo, Zezinho mobilizou seus contatos para conseguir-me um trabalho. Uma entrevista inicial, na Hebraica, poucas semanas depois de minha chegada, foi um fracasso. Diante da pergunta “você já trabalhou em algum escritório?”, minha resposta foi “não”. Declarei





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

que só tinha experiência de trabalho em uma “oficina”.* Finalmente, Zezinho conversou com um conhecido, Tatar, que era gerente de uma empresa de roupas de banho e me contratou para trabalhar no depósito. Trabalhei alguns meses classificando roupas, mas perdi o emprego. A única parte agradável do trabalho era que os outros empregados mantinham o rádio ligado o tempo todo, e assim entrei em contato com a música popular brasileira. Só voltei a trabalhar por algumas semanas, vendendo livros soviéticos sobre física e matemática para estudantes de engenharia no pátio da Universidade Mackenzie, mas o que ganhava mal pagava o transporte.

Meus gastos eram cobertos pela tesouraria do IMI e incluíam o aluguel do apartamento, as compras no armazém e o serviço de lavar e passar feito por uma mulher, para mim algo inimaginável, mas Zezinho me explicou que, no Brasil, era a norma. Ela vivia com a família no subsolo insalubre de um edifício próximo. Um dia ela desapareceu com sua família e metade das minhas roupas. Semanas depois, quando eu almoçava no balcão de um bar, alguém bateu nas minhas costas. Era o marido da lavadeira, que me explicou que tinham sido expulsos e me perguntou onde devia entregar minhas coisas.

*As falsas semelhanças entre o português e o espanhol produziram o mal-entendido, já que “oficina” tem, em espanhol, o mesmo significado de “escritório” em português. Outras confusões ocorreram. Ao retornar de uma viagem ao Uruguai, perguntei a Raquel se ela me “*había extrañado*” (tinha sentido saudades), e ela respondeu que não. Insisti uma vez mais, e a resposta foi a mesma. Somente muito depois aprendi que estranhar, em português, significa perceber algo como estranho, diferente.





Como Raquel era a tesoureira na época, pagava todos os gastos sem reclamar, até a conta do armazém, que ia aumentando com o tempo, porque eu tinha me viciado em leite condensado. Em algum momento escutei, de passagem, um comentário de alguém do grupo de que eu estava gastando muito, mas a atitude de todos sempre foi de extrema generosidade. Também comprava alguns livros, e, por duas vezes, os roubei na livraria Toca, que pertencia a Moïshe e Clara, o que era comum na época em que pensávamos que a propriedade privada era imoral. Anos depois, em Israel, Clara me contou que esses roubos ajudaram a quebrar o pequeno negócio que tinha com seu companheiro, Moïshe. Me arrependi, mas já era tarde.

De certa forma, eu me sentia melhor no grupo de São Paulo, onde praticamente não havia membros de origem alemã, o que não era o caso de Montevidéu. No Uruguai, a maioria dos novos membros mais jovens eram filhos de pais vindos da Europa oriental, chamados genericamente de *polnish* (polacos), muitos deles amigos antigos, como Mauricio, Dorita, Ricardo, Julio e David, e novos, como Carlos, Miriam, Victor, July e Enrique, estes dois de origem sefardita. A eles se contrapunham os mais velhos, que eram majoritariamente de origem alemã, os *iekes*: Tommy, René, Julio, Julito, Bubi, Ruben Victor, Roberto e, de certa forma, Pedro e Kitty, de origem húngara. No IMI sempre fazíamos brincadeiras mútuas sobre a organização exagerada dos *iekes* e o estilo desarrumado dos *polnish*. Sendo eu, na época, um caso de rusticidade e despreocupação a respeito das boas





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

maneiras e aparências, sempre senti, em Montevideu, que os olhares zombeteiros dos mais *iekes* se cruzavam por cima de mim. Sem dúvida, meu complexo de inferioridade social ajudava muito, mais ainda quando Julio, René, Pedro ou Kitty começavam a falar em inglês uns com os outros — o que eu achava que era de propósito.

As poucas vezes que comia bem era na casa dos pais dos companheiros do movimento. A maioria deles tinha uma relação de desconfiança com o IMI, mas quase nunca declaravam isso ou pressionavam os filhos a sair, mesmo que a muitos desagradasse nosso “fanatismo”. A mãe de Roberto, que viveu os anos 1930 na Alemanha, comentava com o filho que nós lhe fazíamos lembrar as *hitlerjugend* (juventudes hitleristas). Mas também havia casos, como o do pai “dos Kosman”, três irmãos que eram membros do IMI, que tinha lutado na resistência francesa, de formação de esquerda e psicanalisado, que nos apoiava e conversava sempre comigo. Até hoje me lembro quando o barco que me levava para Israel parou no porto de Santos e ele me convidou a tomar um licor Benedectine no bar, e insistiu que eu fizesse psicanálise, afirmando, em seu português afrancesado, que “*neuroza* aos 20 se transforma em *psicoza* aos 50”.

Basicamente, porém, e com raras exceções, nunca éramos hostilizados, pois, apesar de nossa ideologia de esquerda, não deixávamos de ser um “ambiente judeu”, e, no final das contas, estávamos falando em ir para Israel e, portanto, os filhos não corriam o risco de entrar para os grupos revolucionários armados locais. Mas em





poucos lares eu era bem-visto, com exceção da casa dos irmãos Abrão e Mauricio e, com visitas mais frequentes, da casa de Bila, cujo pai, embora sionista de direita, me apreciava e se divertia conversando comigo.

8.

A notícia caiu como uma bomba: Zezinho ia se casar. A futura esposa, Ceres, não era membro do movimento, embora tivesse a seu favor o fato de ser filha de um ativista do movimento sionista-socialista. A atitude de manter a notícia em segredo e, sobretudo, de não dizer o que faria com os presentes de casamento aumentou ainda mais a distância entre Zezinho e grande parte do grupo. No final das contas, tínhamos, bem ou mal, uma *kupá meshu-tefet* (fundo comum), onde todos depositavam o que ganhavam. Zezinho argumentou que teríamos que criar regras para pessoas casadas, mas a nova situação não era confortável. Na verdade, sem pretendê-lo, Zezinho anunciava o fim do IMI como grupo formado por jovens sem compromisso, profissão, trabalho ou propriedades, a maioria dos quais dependente dos pais.

A discussão sobre como se organizaria e quem participaria do primeiro grupo que viajaria para Israel no segundo semestre de 1967 foi atropelada pela Guerra dos Seis Dias. Em maio desse ano, o presidente egípcio Nasser fechou o estreito de Tiran, pelo qual saíam os





barcos israelenses para o Mar Vermelho. Colocamo-nos à disposição das instituições da comunidade para fazer cartazes e decidimos que deveríamos participar do movimento de voluntários, no qual milhares de jovens judeus de todo o mundo embarcavam para Israel para servir como trabalhadores na retaguarda, embora os mais românticos pensassem que iam participar da guerra. Os acontecimentos se desdobraram rapidamente, e a guerra durou apenas seis dias. A maioria dos voluntários, muitos viajando em barcos, chegou depois de haverem terminado as hostilidades.

A decisão de quem viajaria imediatamente foi tomada basicamente por Zezinho e Tommy, que estava em Montevideu. Minha mãe chamou Tommy, disse a ele que se lembrasse de que eu era filho único e lhe pediu que não me incluísse, porque temia que, chegando a Israel, me enviassem para a frente de batalha. Tommy explicou a ela que tinha sido decidido que eu ficaria como parte do grupo que deveria assegurar a continuidade local do IMI.

A guerra animou muita gente a viajar para Israel, o que dificilmente teria ocorrido em condições normais. Uma oportunidade única para ampliar nosso núcleo. Várias pessoas conectadas a um grupo chamado Kadima, no Uruguai, meu primo Uli e um grupo de chilenos que estavam no barco foram incluídos no grupo do IMI que se dirigiu ao *kibutz* Ein Dor.





9.

Contrariando todas as nossas expectativas, não fomos “inundados” por cartas de Zezinho, contando-nos a experiência em Israel e seus planos para o futuro. Depois de bastante tempo, a primeira carta que nos enviou, e que nos pareceu confusa, dizia que, na realidade, o sionismo era um movimento pequeno-burguês, que havia um problema palestino, e que deveríamos nos juntar à revolução latino-americana.

Nunca soube com exatidão o que se passou no *kibutz* Ein Dor. Pelas histórias que escutei posteriormente, creio que a ruína do grupo foi produto de vários fatores. Desde a morte da mãe, Zezinho passava por um mau momento, e o casamento acabou por ser uma fonte a mais de problemas. A tendência dele sempre fora radicalizar, e os primeiros contatos em Israel o colocaram diante do problema palestino em um país no qual os partidos sionistas-socialistas estavam comprometidos com a ordem estabelecida, e, por fim, a sociedade israelense tinha ingressado em um delírio nacionalista por causa do triunfo na Guerra dos Seis Dias. Toda a nossa “estratégia” se chocava de frente com uma realidade que era muito distante das nossas expectativas e dos nossos planos. As posições de Julio, que somente no navio se associou ao nosso grupo, e que, em Montevidéu, fora membro de uma pequena organização trotskista, crítica do nacionalismo sionista, conseguiram catalisar o momento de frustração, e boa parte do grupo, assim como o próprio Zezinho, ficou a reboque delas.





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

Depois de meses de inumeráveis reuniões e discussões, o grupo se desmembrou. Alguns, como Carlos, foram estudar em Jerusalém para seguir seu próprio rumo, e meu primo ficou no *kibutz*, mas boa parte decidiu retornar à América Latina e juntar-se à luta revolucionária. Zezinho mantinha boas relações com o primeiro-secretário da embaixada cubana, e vários membros do grupo preencheram uma ficha para ir a Cuba a fim de receber treinamento revolucionário. Finalmente, o próprio funcionário cubano aconselhou que cada um retornasse a seu país.

A maioria dos membros do *kibutz* Ein Dor que voltaram ao Brasil seguiu sua vida profissional. Embora vários tivessem algum tipo de atuação de resistência contra a ditadura, somente Basia foi presa e torturada. Zezinho continuou a se dedicar à política, mas nunca se projetou além do município paulista de Osasco, onde chegou à presidência da Câmara de Vereadores.

10.

Quem tinha ficado na América Latina não entendia bem o que acontecia em Israel. Não tínhamos noção do tema palestino, e o argumento sobre o caráter pequeno-burguês do sionismo não nos parecia convincente. Isso não significa que a atração pela esquerda nacional não houvesse chegado ao IMI. Além da influência das ideias de esquerda, tínhamos um calcanhar de aquiles interno. Nossa posição se fundamentava em que a única solução





contra o antissemitismo era ir para Israel. Se no Uruguai o antissemitismo não estava longe do cotidiano, no Brasil ninguém do grupo o havia sofrido. Em São Paulo, a maioria dos membros do IMI vivia no Bom Retiro, bairro que, na época, concentrava a maior parte da comunidade e no qual o judaísmo era vivido com certa naturalidade, mas esse não era o caso do Rio. É possível que não fosse por acaso que fossem do Rio alguns membros que, como Jerson, mantinham uma atitude crítica diante do sionismo, apoiando-se no livro de Abraham Leon, *A questão judaica: uma interpretação marxista*, ou mesmo em Jacques, que se perfilava como um líder em potencial, mas mantinha uma atitude distante. Embora tivesse viajado para Israel, poucos meses depois regressou para integrar-se à esquerda brasileira, na carreira política de maior êxito entre as que foram empreendidas pelos membros do grupo.

Em 1º de maio de 1968 fui com Bubi à manifestação do Dia dos Trabalhadores, que foi duramente reprimida. Fomos perseguidos pela polícia, e Bubi, que sofria de uma dor crônica no joelho, teve dificuldade de correr, mas conseguimos despistar os policiais entrando em um café. Lá, Bubi me propôs que ficássemos no Uruguai, eventualmente entrando para os Tupamaros, grupo sobre o qual se começava a falar, mas do qual sabíamos muito pouco.

Mas era tarde para mudar de rumo. Estávamos a duas semanas da viagem, e meus pais já tinham comprado o caixote de madeira, de um metro quadrado, que tínhamos direito a levar na adega do navio. Demasiado lugar





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

para as poucas coisas que tinha: muitos livros, poucas roupas e os objetos exigidos pela Agência Judaica, uma lista ridícula que incluía pratos, facas, garfos e copos que nunca tiveram utilidade.

Em fins de 1968, o grupo remanescente em São Paulo publicou o último número de nossa revista, com um artigo brilhante e premonitório de Rafael sobre os perigos de que a ocupação pudesse transformar Israel em um país militarizado e opressor. Um ano depois, em 1969, saiu o último grupo do movimento rumo a Israel.

11.

Graças ao igualitarismo reinante no IMI, pude ocultar minha situação social e ser valorizado por meus conhecimentos. Um adolescente que morava com os pais em uma pequena dependência construída nos fundos da casa dos tios convivia com um presente insuportável e um futuro sombrio. Por meio do sionismo, do socialismo e do marxismo, encontrei um sentido para uma vida que parecia não tê-lo. Passei a habitar outro mundo, o real era o futuro, e não o presente; a história universal, e não os problemas familiares; o valor das ideias, e não do dinheiro.

No IMI, tive o privilégio de viver os valores de uma geração, de solidariedade e busca de um mundo melhor, sem transfigurá-los em vontade onipotente de impô-los por meio da violência e de regimes autoritários.

A virtude não era nossa — pois tínhamos toda a inexperiência e ingenuidade da juventude, que facilmente





a transformam em joguete de verdades absolutas e de ideologias fanáticas —, mas o produto de uma atuação no interior de uma comunidade judaica que, felizmente, não possuía os instrumentos disciplinadores do Estado.

Isaac Bashevitz Singer escreveu, em algum lugar, que todos os mundos vividos são imaginários, mas eles só se revelam como tais depois que desaparecem. Uma frase profunda, mas parcialmente verdadeira. Seguramente, as ideias que defendíamos parecem-me, agora, ingênuas e pouco realistas. Mas não a experiência individual, os valores e os laços humanos criados com a intensidade da vivência de um grupo de jovens que, durante alguns anos, ousaram escrever sua própria história, geraram amizades que atravessaram os tempos e as ideologias do momento, e se desdobraram em outras formas de atuação, em outros lugares e organizações. Assim foi para uma parte do grupo, na criação do IESH em Israel, aonde eu havia chegado aos 19 anos, a mesma idade que meu pai tinha ao deixar para sempre sua família na Bessarábia.





Chotin e Bahia Blanca







1.

A estada no Brasil tinha me ajudado a me desprender de meus pais, o que, somado à pressão do grupo e à libido mobilizada por Raquel, me permitiu tomar a decisão que até então me parecia impossível: deixar meus pais e ir morar em Israel. Havia em comum entre meu caso e o de meu pai que ambos abandonamos o lar movidos por uma mescla de razões pessoais e outras ligadas à condição judaica.

Mas para meus pais, ao se despedirem de mim no porto de Montevideú, vendo o barco se afastar, existia outra similitude. Tal qual meu pai tinha se despedido de sua família para nunca mais voltar a vê-la, ambos, minha mãe e meu pai, estavam convencidos de que se despediam de mim para sempre e de que nunca mais tornaríamos a nos encontrar. Ademais da experiência traumática de meu pai e do pessimismo crônico de minha mãe, as viagens internacionais não eram comuns na época, e eles não tinham recursos para imaginar que algum dia nos encontraríamos novamente.





2.

Meu pai nasceu em 1909, segundo conta, já que seu documento indica 1910, em Kelmenitz, Bessarábia. Ele sempre me dizia: “Nunca esqueças o nome do lugar onde nasci, Kelmenitz.” Kelmenitz? Em vão busquei esse lugar no mapa. O nome só aparece uma vez no Google, como lugar de nascimento declarado por uma senhora que chegou em 1922 a Ellis Island, Nova York. Possivelmente, tanto meu pai como ela se referiam a Kamientiz, mas o som gutural das vogais pronunciadas em russo as transformava em “l” em ídiche.

Quando menino, sua família se mudou para Chotin (Hotin ou Khotyn nos mapas atuais), onde seu pai oficiava como rabino na principal sinagoga e era reconhecido em suas funções de juiz pelas autoridades locais. Meu avô pertencia a uma longa cadeia de rabinos, da qual um elo se encontrava na Suíça e outro circulou pelo império austro-húngaro até chegar à Rússia, onde o governo do czar aparentemente obrigou meu bisavô a mudar de sobrenome, que soava alemão, para que pudesse exercer funções junto às autoridades locais.

Chotin era uma cidadezinha de umas 10 mil almas, onde quase metade da população era de judeus. Meu pai viveu nove anos sob o domínio russo, até o final da Primeira Guerra Mundial, e dez sob o domínio romeno, mas não sabia uma só palavra em russo ou romeno. Só falava ídiche, o único idioma que as pessoas usavam em casa e na escola judaica. Continuou a falar, escrever e ler





livros e jornais em ídiche (embora sempre lesse o jornal em espanhol e o rabiscasse onde fosse necessário).

3.

“*Du vist a besaraver*” (tu és um bessarábio — de Bessarábia) foram as primeiras palavras que me lembro haver ouvido de meu pai, quando ainda não sabia que vivia em Montevidéu e que o idioma local era o espanhol, e não o ídiche. Bessarábia era uma região entre o que é hoje o sul da Ucrânia e a Moldávia. Foi possessão russa desde inícios do século XIX até o fim da Primeira Guerra Mundial, quando foi anexada pela Romênia. Para meu pai, a Bessarábia era sua infância e juventude, o lugar principal de sua memória e de suas emoções, o único momento de sua vida em que teve contato com sua família. Filho de rabino, foi o mais jovem dos meninos, até o nascimento de Shimshon (Samson, que ele chamava pelo diminutivo Shimshale). Seus irmãos mais velhos, Moshe e Mordejai (Motke), estudaram para ser rabinos, mas apenas o segundo exerceu o rabinato em um vilarejo próximo, Secureni. Suas irmãs, Mindl e Yentl Zisl, eram professoras e começaram a se interessar por leituras científicas. Quando menino, Shimshale mostrou uma enorme aptidão para a matemática e, em vista disso, ainda adolescente, foi enviado à capital, Kishnev, para estudar. Quando começou a guerra, tratou de retornar a Chotin com um primo, mas ambos morreram no caminho, possivelmente de fome.





Meu avô, Boruch,* nasceu na Áustria, mas mudou-se para a Bessarábia a fim de exercer o rabinato — primeiro em Kelmenitz, depois em Chotin. Seguindo uma longa tradição que unia a aristocracia do saber à elite econômica, casou-se com Frida (em ídiche, Tzvia em hebraico) e recebeu um dote que lhe permitiu montar um negócio, cuidado por minha avó, que também criava os filhos, enquanto meu avô estudava o Talmud ou se dedicava a julgar conflitos civis ou a decidir sobre problemas de *kasbrut* (alimentos, geralmente animais, que por alguma razão seriam inapropriados para consumo).

Em poucos anos, como não era raro, minha avó não aguentou a pressão, adoeceu e não pôde mais cuidar adequadamente dos negócios. A falência se deu na época em que meu pai nasceu. Sua infância foi de extrema pobreza, faltando muitas vezes a farinha de milho com a qual se fazia a principal, e muitas vezes única, comida: a polenta ou *mameligue*, tão tradicional que os judeus de Bessarábia eram também chamados de *mameligue*.

4.

As lembranças de infância de meu pai me eram contadas constantemente por ele, como se quisesse manter viva a memória de um mundo que tinha desaparecido para

*Pronunciado em ídiche também como Burech ou Burke (pois *ch* e *k* se escrevem iguais, a mesma letra, com a diferença de um ponto interno), e em ídiche se pronunciam muitas vezes as vogais hebraicas *o* e *a* como *u*.





sempre. Elas mostravam um menino feliz, que corria pelas ruelas de Chotin com seu único brinquedo, uma argola de ferro que controlava por meio de uma vareta. Recordava orgulhoso que, quando seu pai entrava na sinagoga, todos se levantavam e permaneciam de pé até que ele se sentasse em sua cadeira.

Durante a adolescência, ficou claro que os estudos não eram seu forte. Um filho de rabino não podia fazer tarefas manuais indecorosas, mas ele buscava formas de ajudar com as despesas da casa. Quando pequeno, ia com um primo esperar os cossacos que chegavam ao povoado a fim de cuidar de seus cavalos, enquanto eles faziam compras ou se embebedavam nos bares. Até que um dia um deles voltou embriagado e levantou o primo pela orelha, que foi arrancada. Quando podia, sem contar a seus pais, acompanhava uma tia, ajudando-a a transportar contrabando da Rússia escondido debaixo das roupas. Quando adolescente foi trabalhar na colheita de nozes. Foi descoberto pelo pai porque não conseguiu limpar as nódoas das mãos. Ainda que nunca tivesse sido castigado fisicamente — como tampouco fez comigo —, seu pai ficou chateado e lhe pediu que não voltasse a repetir a aventura. Finalmente conseguiu um emprego mais “digno”: ajudante de relojoeiro. Meu pai, que nunca teve habilidades manuais, conseguia desmontar os relógios, mas não tinha êxito ao tentar o caminho inverso.

Na adolescência, usava o prestígio de filho do rabino para aproximar-se das moças e, quando as tocava, elas ameaçavam contar ao pai dele — embora nunca o fizes-





sem, nem deixassem de falar com ele. De sua infância, meu pai conservou o prazer pelas coisas simples da vida.

Praticamente não tinha qualquer contato social com o mundo não judeu, que somente aparecia em sua vida nas noites de Natal e Páscoa, quando o padre, carregando uma cruz, encabeçava uma multidão que incendiava algumas casas no bairro judeu. Uma dessas noites, incendiaram a casa de um tio, e um primo morreu carbonizado.

Apesar das dificuldades pelas quais passou, meu pai mantinha uma imagem idealizada de sua infância, sentimento natural para alguém que associava aquele mundo à presença de sua família. Mas eu creio que não se limitava a isso. Na única vez que gravei uma conversa com meu pai, já no fim de sua vida, ele reconheceu que a pobreza era extrema, a maioria das doenças incuráveis, mas ele sentia que, em sua cidadezinha, as pessoas possuíam valores e um sentimento profundo de comunidade que não existia mais. E acrescentou: “Isso era verdade para o mundo dos homens. As mulheres eram praticamente escravas, estavam a serviço do mundo masculino e, desse ponto de vista, o mundo de hoje é melhor.”

5.

A vida de meu pai foi, de certa forma, um culto à memória de seu pai, ou, mais precisamente, à memória do que ele entendeu que seu pai lhe havia ensinado. Eu nunca soube realmente quanto do que meu pai me transmitia era o que meu avô pensava e quanto era a sua própria versão.





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

Creio que sua forma particular de não aceitar a submissão às pessoas poderosas foi, de alguma forma, recebida de seu pai, que lhe dizia que nunca deveria julgar as pessoas por seu poder ou pela oratória, somente pela conduta. Meu pai levou isso ao extremo. Admirava as pessoas que possuíam conhecimento, porém era pelos atos que as pessoas mereciam seu respeito. Era assim que ele via seu o agir do pai que, quando precisava julgar um litígio entre um pobre e um rico, quase sempre apoiava o pobre, ainda que significasse a perda de favores e de apoio financeiro. Mas era ele quem se rebelava quando às vezes aparecia no povoado um rabino chassídico (grupo que enfatizava tendências místicas), acompanhado de sua corte, que se aproveitava da incredulidade do povo. Esses rabinos formavam dinastias que eram transmitidas de pai para filho, e se lhes atribuíam poderes milagrosos. As pessoas humildes faziam fila para receber bênçãos, levando como presentes comida e seus poucos objetos de valor. Quando meu pai comentava com meu avô que aquilo lhe parecia injusto, seu pai se calava.

Meu avô lhe dizia que de nada valia que as pessoas na sinagoga rezassem com um fervor fanático se, fora da sinagoga, não fossem pessoas justas e solidárias, e meu pai entendia isso de forma ainda mais radical. Para ele, o mais importante era como as pessoas agiam em relação ao próximo, sendo totalmente secundário orar e seguir as práticas de *kashrut* (comida preparada em forma ritual). Em sua forma simples de se expressar, dizia que as pessoas que enchiam a boca com a palavra Deus e não faziam nada





para ajudar os outros eram uma mistura de fanáticos e hipócritas. Ele dizia que essas pessoas pensavam que o modo de assegurar um lugar no outro mundo era orando a Deus, quando o que Deus quer é que as pessoas se dediquem a fazer o bem a suas famílias e à comunidade.

A frase que meu pai sempre repetia, e que lhe fora transmitida por seu pai, era “*tzu zain a Yd iz tzu zein a mench*” (ser um judeu é ser humano/ser gente). Assim como na frase do grande rabino Hillel, que sintetizou a Torá no princípio: “Não faças ao outro o que não desejas que te façam a ti”, Deus não era mencionado quando se tratava de definir a essência do judaísmo.

6.

Em uma família de rabinos, o único filho que não tinha vocação para os estudos foi enviado a Montevidéu. Dessa forma, escapou ao serviço militar na Romênia, onde seria condenado a abandonar as práticas religiosas e a afastar-se do judaísmo.

Seu pai se despediu dele com dois conselhos: que tomasse cuidado caso chegasse a ter relações com mulheres da rua, para não adquirir doenças venéreas, e que sua família não rompesse com a “*di goldene keit*” (a cadeia de ouro: a tradição judaica).

No caminho, meu pai parou em Zurique, onde viviam tios de meu avô. Quando chegou à casa, foi recebido pela tia. Vestido com suas botas de camponês e o sobretudo





de inverno de tecido rústico, meu pai disse em ídiche: “*Ich vin Bentzion, Burech der ruf zin*” (eu sou Ben-Tzion, filho do rabino Boruch). A pobre senhora não suportou a emoção e foi socorrida pelas filhas. Quando elas o levaram para passear, ele viu, pela primeira vez, um parque de diversões. Na memória de meu pai, foi a mais bela lembrança de sua vida, e as primas, as moças mais lindas que já tinha visto. Encabulado, não sabia como dizer que precisava ir ao banheiro, o que, segundo ele, deu origem aos seus problemas renais.

Assim que chegou ao Uruguai, devolveu, em uma carta, os 5 dólares que seu pai lhe dera para a viagem.

7.

As autoridades portuárias uruguaias lhe perguntaram seu nome, e ele respondeu: Ben-Tzion Shorj. O funcionário, que tinha a seu lado um membro da comunidade que o ajudava a traduzir, lhe disse que, em espanhol, o mais próximo a Ben-Tzion era Benjamin e que, não existindo em espanhol o som *sh*, ele deveria escolher entre Sorj ou Chorj, o que o transformou em Benjamin Sorj. Como meu pai só possuía um documento precário, uma espécie de autorização de viagem emitida pelas autoridades romenas, recebeu uma carteira de identidade temporária, na qual estava escrito que o portador “disse chamar-se” tal nome. Nos 61 anos em que viveu no Uruguai, nunca teve outro documento, como se quisesse indicar que sua





estada era transitória, e que sua identidade permanente tinha ficado na Bessarábia.

Meu pai foi para o Uruguai porque, além de ser um dos poucos países que ainda não tinha fechado os portos para imigrantes judeus, era lá que vivia a família Sankovsky, também de Chotin, que havia escrito a meu avô dizendo que receberia meu pai. Para o padrão de vida da comunidade judaica da época, eram solidamente estabelecidos. O filho mais velho, Mendel, permitiu que meu pai dormisse no estábulo e lhe emprestou dinheiro para que comprasse mercadorias a fim de iniciar sua carreira de “*cuentenic*” (mascate). Assim se chamava, no Uruguai, num espanhol *idichizado*, a venda informal a crédito (ou seja, alguém que faz contas).* O *cuentenic* passava de porta em porta oferecendo as mercadorias que levava às costas. Nos primeiros meses, como não conseguia entender uma só palavra do que diziam os eventuais clientes, meu pai ficava sentado na praça, chorando e pensando que faria para voltar para casa.

Meu pai não era particularmente hábil com a palavra e sempre falou muito mal o espanhol. Às vezes chegava a ser ininteligível (Plaza Independencia se transformava, em sua boca, em Platza Pendentzia). De toda forma, saía às ruas, e o que vendia lhe permitia viver em um quarto só para ele. Quando a situação apertava, o dividia com o amigo Chaim, igualmente desafortunado

*No Brasil o *cuentenic* era chamado de *clientelshnik* (alguém que tem clientela).





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

nos negócios. Levando uma vida frugal, poupava com o objetivo de trazer a família, já que as notícias da Europa não eram boas. Em 1936, um amigo lhe pediu que emprestasse todo o dinheiro que tinha, dizendo que o devolveria rapidamente, o que não aconteceu. Meu pai sentiu-se culpado pelo resto da vida, pensando que podia ter salvado seus pais e irmãos. Mais tarde, em Israel, eu soube que a situação da família dele tinha melhorado com o casamento de seu irmão Moshe, e que não se foram de Chotin simplesmente porque não pressentiam a catástrofe que se avizinhava.

8.

Meu pai gostava da vida. Sentia um prazer enorme em comer e em cozinhar, arte que ensinou à minha mãe. Mas para ele não havia comida melhor do que crosta de pão ralado com alho e, quando sobrava dinheiro, creme de leite azedo (*smetene*, como dizíamos em casa) com pedacinhos de pepino. Gostava de ler um bom romance em ídiche e apreciar as mulheres bonitas. Antes de se casar, via filmes de gâsteres com James Cagney, jogava dominó com os amigos, tomando um café na Sorocabana, uma enorme cafeteria no centro da cidade. E, sobretudo, gostava de conversar. Por onde passava, tinha algum conhecido.

Mas não tinha habilidade para fazer negócios. Quando vendia algo — em geral em um bairro pobre onde viviam alguns donos de pequenas chácaras ou soldados —, co-





brava o primeiro mês, mas se, ao retornar no segundo, a senhora que o atendia lhe dissesse que não podia pagar, ele não insistia e, muitas vezes, lhe emprestava dinheiro ou lhe deixava outra mercadoria. Não conseguia manter a contabilidade organizada, e se esquecia de fazer as cobranças, ou preferia esquecer de fazê-lo porque lhe era penoso.

9.

As cartas da família demoravam pelo menos três meses para chegar. Entre mandar notícias e esperar a resposta, passavam-se seis meses, mas até 1940 o intercâmbio era permanente. Mal recebia uma carta, esta era respondida. Quando começou a guerra, a correspondência cessou. Meu pai passou a trabalhar o mínimo necessário, e ficava colado ao rádio, escutando notícias e lendo os jornais para ver se encontrava alguma referência ao que se passava na Bessarábia.

Terminada a guerra, não chegaram cartas, e ele já temia o pior, que só foi confirmado com a chegada ao Uruguai de uma senhora de seu povoado que contou que toda a família dele tinha sido exterminada. Eram meados de setembro de 1948. Ele vagou chorando pelas ruas, sem saber se se jogava debaixo de um bonde ou se esperava meu nascimento, que ocorreu poucos dias depois. Meu pai sempre me dizia que o suicídio é a alternativa mais fácil: o que exige realmente coragem é enfrentar a vida. E citava uma discussão do Talmud sobre “se vale ou não a pena ter nascido”. A escola





do rabino Hillel diz que vale a pena ter nascido, e a do rabino Shamai diz que não vale a pena. A interpretação dominante no judaísmo rabínico (*halacha*) sempre segue as respostas da escola de Hillel, com exceção da resposta de Shamai a essa pergunta, conquanto agregue que os que nasceram têm a obrigação de viver a vida.

Em 1956 apareceu na sinagoga uma pessoa que, seguindo uma tradição milenar, pedia doações, de cidade em cidade, para centros de estudos (*yeshivot*) em Israel. Ao fim das orações, era convidada a contar histórias sobre outras comunidades distantes que havia visitado. Contou que tinha estado na Colômbia e perguntou se havia alguém com o nome de meu pai na sinagoga, pois trazia o endereço do Sr. Mordechai Moverman, da cidade de Cáli, que lhe pedira que localizasse seu primo Ben-Tzion, que vivia no Uruguai.

Os Moverman eram primos-irmãos de meu pai pelo lado materno e, nos anos 1920, os irmãos se foram para a Colômbia, e as irmãs, para Israel. A primeira carta que meu pai recebeu dos Moverman trouxe uma notícia que talvez tenha sido a mais importante, feliz e dramática de sua vida: sua cunhada tinha conseguido salvar-se com os dois filhos, e vivia em Israel com um deles, David.

10.

Em 1945, meu pai foi diagnosticado com infecção renal. O primeiro médico que o atendeu lhe deu pouco tempo de vida. Meu pai arrumou uma pequena mala e se internou





no hospital, no quarto 124, do qual pensava que não mais sairia. Um dia apareceu seu médico e lhe disse que acabava de chegar um remédio, chamado antibiótico, que poderia combater a infecção e que ele já não corria risco de vida. Se bem que não pudesse lhe assegurar por quanto tempo viveria, o melhor que podia fazer era casar-se e ter filhos.

A doença de meu pai e a possibilidade de que morresse a qualquer momento me acompanharam desde o nascimento. O problema era aumentado pelos cálculos renais, que lhe causavam crises permanentes, mas ele nunca se queixou de dores diante de mim. O tema se atualizava todas as semanas devido à necessidade de dinheiro para comprar o remédio, necromicina, especialmente quando não passava um vendedor do laboratório que distribuía amostras, e que as vendia com desconto e, se preciso, a crédito. A doença aumentava a fragilidade de meu pai, que nunca acreditou, nem ele nem ninguém na família, que chegaria aos 80 anos. Quando os problemas em casa se tornavam insuportáveis e ele já não sabia o que fazer, declarava que ia para o “quarto 124”, como se continuasse presente a possibilidade de uma morte iminente.

Em 1964 tiveram, finalmente, que retirar o rim inficionado. A operação, em um hospital público, não correu inicialmente muito bem, e ele ficou internado por várias semanas. Continuou tomando antibióticos por vários anos, e a doença não lhe causou um dano fatal.





11.

Meu pai aceitou o conselho do médico. Sentia necessidade do apoio de uma família e não queria ser o último elo da sua. Como, na época, o uso de um casamenteiro (*shadchen* em ídiche) era o caminho usual para encontrar uma esposa, pediu ao intermediário do bairro que buscasse possíveis candidatas. Casou-se com a primeira, minha mãe. Cada um teve que pagar 5 pesos ao *shadchen*, que meu pai quitou em mensalidades.

Meu pai simpatizou muito com minha mãe, mas quando começaram a falar de casamento ele contou, chorando, que tinha uma doença incurável, mas que o médico tinha dito que ela não afetaria sua capacidade de gerar filhos. Minha mãe tinha uma visão mais atualizada da medicina e possivelmente entendeu que a situação não era tão dramática. A história do casamento era sempre um tema de conversa em minha casa, e meu pai brincava que minha mãe lhe custara 5 pesos, e ela, mais séria, tentava explicar por que tinha aceitado se casar com ele. Em sua versão, romântica, dizia que tinha ficado apaixonada pelas mãos dele, como o personagem de um romance de Stefan Zweig, seu autor preferido. Também dizia que o fato de ser *bessaraber* (da Bessarábia) fora fundamental, porque os nascidos nessa região eram considerados boas pessoas. Eu acho que o mais importante para ela foi sentir que, apesar de suas limitações, meu pai tinha um enorme coração, e que teria como companheiro alguém que lhe oferecia algo que ela não teve na infância.





12.

Minha mãe nasceu em Bahia Blanca, Argentina, assim como suas irmãs, Rebeca e Helena, e seu irmão Julio. Abraham, o irmão mais velho, nasceu em Bialistok, Polônia, de onde a família saiu em 1910. Na Argentina, seus pais eram proprietários de uma grande loja e as lembranças de minha mãe eram de uma vida abundante. Sua mãe vinha de uma família de rabinos e era lembrada como uma pessoa dedicada que teve de suportar um marido que, na memória de minha mãe e de suas irmãs, era considerado a personificação do mal. Não somente batia na esposa, como maltratava os filhos com suma violência, situação que só acabou no dia em que seu filho Julio, já crescido, alto e forte, enfrentou o pai quando ele quis agredi-lo, tomando-o pelo braço e jogando-o no chão. Nunca mais houve violência em casa, mas, para o resto da vida, restaram lembranças amargas sobre o passado e uma cumplicidade quase incestuosa entre minha mãe e sua irmã Rebeca em relação ao irmão Abraham. Os esforços delas para protegê-lo a qualquer custo geraram nos seus maridos ciúmes e mal-estar. Julio foi viver nos Estados Unidos no início dos anos 1950 e nunca mais voltou ao Uruguai. Como em toda regra existe uma exceção, minha tia Helena, diferentemente das irmãs, era alegre e otimista. A filha mais velha se casou em 1943 e se mudou com o marido para uma cidade do interior.





13.

Aparentemente, meu avô Gregorio tinha uma grande capacidade de ganhar e de perder dinheiro. Quando quebrou a loja em Bahia Blanca, se mudou com a família para Montevideú. Ali alugou um amplo local em uma das principais ruas comerciais da cidade, a Avenida 8 de Octubre. Além de oferecerem todo tipo de produtos, também produziam molduras de quadros para colocar fotos ou imagens de santos, que eram vendidas na própria loja ou, por atacado, nos grandes magazines da cidade. O processo de produção dos quadros, nos quais trabalhavam os filhos e Rebeca, era relativamente simples. Compravam varetas de madeira, vidro, cartolina e papéis de várias cores. O principal trabalho era lixar, encerar e cortar as varetas em diferentes tamanhos, cortar o vidro e a cartolina, colocar alguns preguinhos em torno, e colar um papel na parte de trás. Nas tarefas de finalização se destacava minha tia Rebeca, que tinha capacidades manuais excepcionais.

Em meados dos anos 1940, minha avó faleceu e, no mesmo período, meu avô Gregorio adoeceu e perdeu a mobilidade das pernas, vindo logo a falecer. Em seguida, os proprietários pediram a devolução da loja. Na mesma época, minha tia Rebeca se casou, e o marido comprou uma casa grande; instalou a loja na parte da frente e a oficina de produção de quadros num galpão localizado no interior. A um quarteirão e meio da avenida principal, numa rua sem movimento, a mudança ocasionou a perda da clientela e, pelo resto das décadas que sobreviveu,





gerou uma escassa renda. Sua pequena relevância econômica se contrapunha à enorme importância que adquiriu nas relações internas da família.

14.

Minha mãe era a filha mais jovem e a que mais estudou. Seu objetivo era cursar medicina, mas os problemas familiares a fizeram abandonar os estudos antes de entrar para a faculdade. Ela era rápida em aritmética, tinha uma memória fantástica de tudo o que havia estudado, e lia o que encontrava sobre avanços científicos, psicologia e literatura e, em particular, poesia. Nunca se recuperou da frustração de não ter estudado nem da degradação econômica e social da família, que se acentuou com seu casamento. Ainda que vivesse se lamentando, era uma mulher com enorme espírito prático e capacidade de enfrentar problemas.

Extremamente realista, gostava de acreditar que era romântica, repetindo frases poéticas e filosóficas que, em geral, expressavam uma sabedoria oposta ao que sentia e praticava. Tinha muito pouco em comum com meu pai, e se isso lhes produziu permanentes desencontros e sofrimento, também os complementou enormemente. Para ambos, o passado era central, mas o que, para meu pai, estava associado a boas lembranças para minha mãe era uma prolongada lamentação. Meu pai confiava nas pessoas; minha mãe desconfiava de todos. Para meu pai o importante era fazer o que pensava ser correto, e só estava preocupado





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

com a felicidade das crianças, enquanto minha mãe estava sempre preocupada com o reconhecimento social e com o que os outros diriam. Meu pai falava pouco, e o fazia de forma direta, não usava frases de efeito nem se demorava em intermináveis elaborações filosóficas, como minha mãe. Era um intuitivo e, diante de algum problema, ia direto ao essencial, preocupado com o bem-estar da pessoa, enquanto minha mãe buscava dar longas explicações moralizantes, dando voltas ao redor do problema. Quando, nos anos 1950, um parente de minha mãe apresentou problemas psicológicos e a família não parava de buscar culpados, meu pai disse que a solução era mandá-lo a um psiquiatra. Conselho que a família não aceitou. Meu pai se sentia feliz tomando mate e lendo, durante horas, um romance ou o jornal em ídiche. Minha mãe era inquieta, insatisfeita e constantemente preocupada. Meu pai tinha inteligência emocional; minha mãe, inteligência cognitiva.

15.

Depois do casamento, meus pais foram viver em uma casinha na rua Pernas, não muito longe da casa de meus tios Rebeca e Aharon. Nasci um ano e meio depois. Já estava definido que, se fosse menino, o nome seria Boruch e, se mulher, Frida, em homenagem aos pais de meu pai. Em espanhol, pensaram primeiro em chamar-me Boris, mas a ideia de que eu tivesse um nome russo não os atraía. Assim foi que aceitaram a sugestão de meu tio, de um nome que começava com B, como Boruch: Bernardo.





Para minha *brit milá* (circuncisão), eles tinham que decidir quem seria o padrinho: aquele que leva o menino dos braços da mãe aos do pai, antes de realizar a circuncisão. Sankovsky reivindicou a honra, pois respeitava meu pai por ser o filho do rabino de sua terra natal, e estava certo de que meu pai concordaria. Afinal, era o judeu mais rico do bairro e presidente da sinagoga. Meu pai decidiu que a honra devia ser de Rivka e Jaim, pessoas humildes que o abrigaram em sua casa e cuidaram dele por dois meses quando estive muito doente.

Em poucos meses, ficou claro que meu pai não conseguiria pagar o aluguel da rua Pernas e, por isso, o casal aceitou a proposta de mudar-se para a casa de meus tios. Minha tia se dedicava à loja e tinha pouco tempo para cuidar dos filhos. Em um dos cantos do amplo quintal da casa, meu tio construiu uma pequena dependência, com dois quartos contíguos, sem corredor, uma ínfima cozinha e banheiro, e um ambiente que seria a sala de estar. Meu quarto não tinha janela, apenas um pequeno, basculante próximo ao teto. Assim, quando completei 10 meses, mudamos para a casa que seria meu lar, na rua Comercio 2490, até que saí do Uruguai. Embora a decisão em vários sentidos tenha sido desastrosa, por outro lado aparentemente não havia alternativa, e para meu pai foi uma forma de materializar a expectativa de ser novamente parte de uma família na qual podia apoiar-se. Mas para mim e para meus primos foram tempos tormentosos.





Kibutz Eilon — Haifa







1.

Embora tivéssemos decidido ir todos juntos para um *kibutz*, as conversas informais no navio indicavam que cada um começava a pensar em seu próprio futuro. Com exceção de Bubi e de mim, todos tinham completado o curso secundário e comentavam seu interesse de continuar os estudos universitários. Bubi me dizia que se sentia bem com a perspectiva de viver em um *kibutz*. Se eu tivesse continuado com Raquel, possivelmente pensaria igual, mas, dadas as circunstâncias, me sentia perdido.

Enquanto o IMI existiu, minha situação social ficou em suspenso. Éramos, ou ao menos nos sentíamos, todos iguais. De repente, meu passado se fazia novamente presente, e, com a morte de Bubi, não tinha com quem compartilhar o problema da impossibilidade de uma alternativa universitária.

Fomos enviados para o *kibutz* Eilon, localizado ao norte da Galileia, onde, por causa de minhas dificuldades para andar, não fui trabalhar no campo, tendo como responsabilidade regar as plantas que ficavam à beira das





estradas que cortavam o *kibutz*. A tradição era que cada um recebesse uma família adotiva. A minha não falava ídiche, e eu não falava hebraico nem inglês, de forma que o contato era bastante limitado. Mas fiquei amigo de um chileno, Yossi, que estava morando ali havia dois anos e que nos confirmava as críticas que começávamos a fazer ao *kibutz*, como o uso de trabalho assalariado, geralmente de árabes da aldeia próxima, Idmit, que além disso tinham perdido parte de suas terras para o *kibutz*.

Começamos a conversar com os jovens do *kibutz* sobre esses temas, o que deixava a direção nervosa, e, quando todos nós fomos embora, com exceção de Raquel e Ami, não insistiram para que mantivéssemos contato, como era comum na época.

2.

Todos se inscreveram na Universidade de Haifa, a mais próxima e recém-inaugurada sob a tutela da Universidade Hebraica de Jerusalém. O poder se dividia entre o reitor, indicado por Jerusalém, um jurista, conhecido por suas posições nacionalistas extremistas, e o administrador, indicado pela prefeitura do partido trabalhista. Só estavam prontos os primeiros prédios, com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer.

Pensei que, se eu demonstrasse que já havia sido estudante universitário, talvez a universidade me aceitasse. Depois fiquei sabendo que, na época, a atitude era bas-





tante flexível, pois aceitavam *kibutznikim* (membros de *kibutz*) que não tinham o diploma formal de término dos estudos secundários, já que os *kibutzim* adotavam um sistema educacional alternativo. Preenchi os formulários e anexei, como prova de que já tinha estudado na universidade, uma cópia de um papel mimeografado com a lista dos cursos que os alunos ouvintes da Faculdade de Humanidades do Uruguai deviam completar e carimbar na secretaria, e que felizmente tinha levado.

Depois de algumas semanas, todos começaram a receber as cartas confirmando a aceitação, e eu... nada. Fui à universidade e conversei com Basia, uma argentina responsável pela análise dos dossiês, que me disse que se lembrava de que meus documentos haviam passado por suas mãos e sido aprovados, mas por algum motivo não conseguia encontrá-los. Insisti que os procurasse, mas ela disse que eles estavam perdidos. Assim, eu tinha que levar uma cópia, caso tivesse, ou pedir aos meus pais que conseguissem uma no Uruguai.

Foi uma triste viagem de volta, pensando que deveria me adaptar à ideia de ficar no *kibutz*. Os documentos da Faculdade de Humanidades eram uma simples formalidade, uma espécie de promemória para o aluno, e não havia cópia deles nos arquivos. Voltei a revolver meus papéis e achei o único documento que não tinha entregado: a metade de uma folha de papel mimeografado, com o carimbo da Faculdade de Humanidades, que declarava que eu tinha apresentado o exame de raios X confirmando que não era portador de tuberculose.





Voltei a Haifa com o “documento”. Expliquei que seria difícil para meus pais buscarem as cópias, e que a responsabilidade era da universidade por ter perdido os originais que eu tinha entregado. Depois de algumas semanas de angústia, recebi a confirmação de que havia sido aceito. Quando me matriculei no curso de Sociologia, me explicaram que precisava apresentar as notas de matemática dos dois últimos anos do secundário. Diante dessa impossibilidade, me matriculei nos cursos de História Judaica e História Universal, pois, na época, era necessário cursar duas disciplinas para obter a licenciatura.

No terceiro e último ano da licenciatura, passei a frequentar, como ouvinte, vários cursos de Sociologia, em particular os oferecidos pelo professor Teodor Shanin. Era claramente uma matéria que me interessava, o que me levava a participar ativamente das aulas. No final do curso, Shanin me convidou para estudar no mestrado em Sociologia e trabalhar como seu assistente.

3.

A Agência Judaica oferecia dois tipos de bolsa aos estudantes estrangeiros, de acordo com o status legal no país: temporário ou imigrante. A maioria do grupo imediatamente aceitou a cidadania, mas existia a possibilidade de ser residente temporário, pelo menos por um período de alguns anos. Obviamente havia alguma pressão para aceitar a cidadania. A temporária era renovada





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

anualmente, e o funcionário responsável não deixava de insistir que mudássemos de status — o que incluía um incentivo financeiro, já que as bolsas para os temporários eram menores. Contudo, a ideia de que eventualmente deveria servir no exército por um longo período entrava em choque com minha preocupação de ajudar meus pais e de comprar uma casa onde pudessem viver. Também me inquietava o fato de eles sofrerem pensando que eu estivesse na frente de batalha. Na verdade, o restante dos homens do grupo só foi chamado em algumas férias de verão para um treinamento não muito intenso. Além disso, criavam problemas para o exército, devido às perguntas e aos questionamentos nas palestras informais e à atitude desmoralizadora de vários deles, que faziam de conta que não entendiam o que os oficiais — quase sempre mais jovens — ordenavam. Iossi, nascido no Egito e formado em uma escola inglesa, respondia às ordens declamando poesias de Shakespeare.

4.

No primeiro ano, dedicado a um curso de hebraico, dividi um apartamento com outros membros do IMI: Esther, Jeffery, Tommy e Iossi. Ali, organizávamos reuniões para discutir temas da atualidade das quais participavam umas 20 pessoas, a maioria latino-americanos. Em 1969, foi publicado um encarte, “Proibido proibir”, como parte do jornal do Centro Estudantil, editado por Iossi, no





qual escrevi dois artigos, um sobre as relações entre os imigrantes e os israelenses, “Um diálogo possível?”, no qual argumentava que, embora chegássemos com ideias trazidas de outras realidades, elas eram necessárias em um país onde a juventude estava em um estado apático. Em outro artigo, criticava as tendências do país de se transformar em um Estado teocrático.

No final das férias, em setembro de 1969, Iossi foi estudar em Jerusalém. Tommy, seu irmão, Esther e Jeffery alugaram outro apartamento, e eu, informado da decisão no último momento, fiquei no ar, sem alojamento. Fui à universidade para ver se conseguia lugar em alguma moradia estudantil, mas àquela altura estavam todas ocupadas. Foi um dos piores momentos que passei, e marcava o fim de uma época na qual a solidariedade se sobrepunha às opções e aos interesses pessoais. Por sorte, um dia depois, quando eu estava sentado no fundo de um ônibus, desesperado, Yorimasa se aproximou. Contei que não tinha para onde ir e ele me disse que também estava buscando alojamento. Alugamos um quarto no apartamento de um estudante israelense.

Yorimasa era um japonês recém-chegado. Seus objetivos eram conhecer Israel e aprender a Bíblia em hebraico. Era o desejo de seu pai — um samurai que, ao terminar a Segunda Guerra Mundial, foi internado com uma grave crise emocional por não ter podido morrer como camicase e terminou por se converter ao cristianismo. Yorimasa estava sozinho em Haifa, porque o amigo com quem fora para lá tinha ido viver em Jerusalém, e o grupo





latino-americano passou a ser seu principal meio social. O interesse pelos estudos bíblicos desapareceu mal chegou à terra santa e começou a cursar ciências sociais. Passou a participar intensamente de nossas atividades, embora com certas dificuldades culturais. Quando escutava piadas com conotações sexuais na presença de mulheres, começava a suar e, muitas vezes, saía correndo para dar umas voltas e diminuir a tensão. Mas com o tempo foi mudando e, depois de dois anos, ao voltar ao Japão para visitar a família, abraçou o pai, deixando-o perplexo, porque não se tocavam desde que ele era menino. Quando saiu, no Japão, para jantar com uma amiga, ficou segurando a porta, esperando que ela passasse primeiro, o que a deixou totalmente confusa. Seu pai sempre andava alguns passos adiante de sua mãe, e o natural no Japão da época era que o homem fosse o primeiro a entrar e sair. Com o tempo foi mudando, embora mantivesse sua candidez. Quando me casei, ele veio me visitar, entrou no dormitório, sorriu e indicou a cama, dizendo “eu sei o que vocês fazem aqui”.

Guidon era o nome de Yorimasa em hebraico. Era um excelente amigo, sempre divertido, com um lado fortemente infantil com o qual eu me identificava. Recebia periodicamente comida do Japão, que, dada nossa escassez de recursos, era muitas vezes nosso principal alimento. Durante dias, comíamos diferentes tipos de caviar com arroz, que ele cozinhava magistralmente. Punha os ingredientes na panela e, depois de alguns minutos, apagava o fogo, informando que estava pronto. Eu perguntava se já





tinha provado, e ele me respondia que só quem não sabe preparar arroz precisa experimentar.

Emotivo, mas sempre tratando de conter as emoções com um sorriso oriental quase permanente, me explicava a cerimônia do *haraquiri*, um corte horizontal no estômago que retornava ao centro, para descer e, em seguida, ascender. Se realizado ao lado de outra pessoa, geralmente o melhor amigo, era a este que deveria ser entregue a espada para que, com um golpe, lhe cortasse o pescoço. Emocionado, me dizia que, se o dia chegasse, queria que eu fosse o executor.

Depois de um tempo, começou a sair com uma linda moça canadense. Um dia ela desapareceu. O pai, um rabino, foi a Israel e levou a filha intempestivamente de volta ao Canadá. Quando, semanas depois, Yorimasa recebeu uma carta dela e foi lê-la no *campus*, em um lugar distante, vi de longe que estava chorando. Eu me aproximei e lhe perguntei por que chorava, ao que me respondeu que eu estava equivocado, “*Ish iapani lo boché*” (“um homem japonês não chora”).

Yorimasa e seu colega japonês que vivia em Jerusalém descobriram que a cultura japonesa podia ser uma fonte de renda. Yorimasa dava cursos de *origami* nas escolas e nos centros culturais, e seu amigo ensinava judô em Jerusalém e nas cidades árabes próximas, em uma época em que havia livre circulação nos territórios ocupados. Em 1972 surgiu uma oportunidade inesperada: a prisão de Kozo Okamoto, o único terrorista que sobreviveu ao ataque realizado no aeroporto de Tel-Aviv, no qual morreram 25





pessoas e 71 ficaram feridas. A chegada de uma legião de jornalistas japoneses para cobrir o julgamento criou uma demanda de tradutores do hebraico para o japonês que o país não possuía. Yorimasa e o amigo ganharam um bom dinheiro e, antes de ir-me de Israel, na última vez que tive contato com ele, havia entrado no ramo de importação/exportação de produtos japoneses e israelenses.

5.

Outro amigo com quem convivi bastante nesse período foi G'eorj Kalegorakis. Nascido em Creta, filho de camponeses pobres, teve uma infância muito difícil, acompanhando a mãe, de fazenda em fazenda, em busca de trabalhos temporários. Seu ressentimento se cristalizava em uma visão marxista ortodoxa, que incluía a defesa de Stalin, por influência do pai, que tinha sido membro do partido comunista.

Militante estudantil na época da junta militar que governou a Grécia (1967-1974), G'eorj teve que fugir para a cidade de Salônica, onde continuou os estudos secundários. Na turma ficou amigo de Avi, com quem compartilhava os ideais de esquerda. G'eorj sempre ia à casa dos pais de Avi, mas nunca o levava à sua. Depois de muita insistência, G'eorj finalmente lhe mostrou onde vivia: um quarto em um edifício abandonado. Avi não conteve as lágrimas e levou G'eorj para morar em sua casa. Quando a repressão política aumentou, Avi decidiu viajar para Israel e conse-





guiu que a Agência Judaica, responsável pela autorização e pelo traslado dos emigrantes, incluísse G'eorj.

Era uma figura ímpar. Mesmo sob o calor do verão israelense, vestia frequentemente terno e gravata — e só tinha um de cada, até que os amigos lhe presentearam outros. Expressava um profundo ódio aos ricos ou, mais precisamente, às pessoas que humilharam sua mãe, e suas crenças marxistas não eram questionáveis. Argumentava que, na vida, havia que ser duro e dominar os sentimentos. Na mesma época que Yorimasa passou pela frustração amorosa, G'eorj teve uma experiência similar com uma amiga que tinha saído do país. Quando ambos comentaram que tinham recebido cartas de seus antigos amores, G'eorj contou que havia queimado a sua sem ler. Yorimasa disse que também havia queimado a sua, mas antes a lera, e que se lembrava do texto, palavra por palavra. Pelo resto da noite, o pobre Yorimasa teve que escutar as longas explicações de G'eorj sobre os efeitos destrutivos do romantismo.

Em 1972, o pai de G'eorj foi visitá-lo em Israel. Além de encontrar o filho, declarou que tinha a missão de levar mudas de árvores do Monte das Oliveiras em Jerusalém para plantar em sua terra, que assim se transformaria em lugar de peregrinação. Bila e eu os levamos a passear de carro, no primeiro dia à universidade, no segundo a um *kibutz* onde vivia um professor de ciência política que simpatizava com as ideias do nosso grupo, Buma Yassur. No carro, eles falavam e discutiam sem parar em grego, e nós não entendíamos nada. Mas cada vez que G'eorj





mencionava a palavra *comiunism*, o pai sinalizava para que falasse mais baixo, com o dedo na boca, fazendo “shshshsh”. A reação de G'eorj era, naturalmente, gritar mais alto *comiunism*, argumentado que não devia temer porque Israel era uma *democratia*. Quando chegamos ao *kibutz*, fomos ao restaurante comunitário, um amplo salão que fazia parte do edifício central. Quando o pai entendeu que íamos almoçar nesse lugar, indicou com o dedo um galpão distante que, segundo pensava, era o lugar onde comiam os camponeses, mas que na realidade era um galinheiro. Quando, finalmente, G'eorj o convenceu de que todos comiam no mesmo lugar, sentamos à mesa do restaurante. De repente, o pai de G'eorj se levantou e começou a tremer. Via aproximar-se o carrinho que distribuía comida, puxado pelo professor que lhe tinha sido apresentado na véspera na universidade. A norma era que as pessoas que trabalhavam fora do *kibutz* durante a semana realizassem serviços comunitários às sextas e aos sábados. Uma nova e longa discussão, na qual o pai de G'eorj insistia que não podia aceitar que o professor o servisse, até que este se aproximou e o tranquilizou.

Ao retornar, paramos para jantar em Daliat Hakarmel, uma aldeia drusa próxima de Haifa onde havia um excelente restaurante de comida árabe. De repente, pai e filho começaram a discutir de forma violenta. G'eorj estava muito nervoso porque tinha se evidenciado o verdadeiro objetivo da viagem do pai: um rico proprietário da região, sabendo que G'eorj era agora um estudante universitário, propunha que se casasse com sua filha,





oferecendo como dote um grande número de oliveiras. Perguntei sobre o que era a discussão, e ele me explicou que o pai argumentava que podia negociar um maior número de árvores, e cada vez que G'eorj lhe dizia que não estava interessado, o pai voltava a argumentar que o dote poderia ser aumentado um pouco mais.

Perdi contato com G'eorj quando saí do país. Por intermédio de amigos, soube que tinha se casado e vivia em um *kibutz*. Alguém me disse que mudou seu nome para Kliguerkis, algo simples, considerando que em hebraico não se usam vogais e em KaLeGoRaKiS e KLiGuerRKiS são usadas as mesmas consoantes.

6.

Outro membro improvável do grupo era Amir. Argentino com alma de aventureiro, a ideia de estudar na universidade não o atraía muito. Mulherengo com enorme êxito com as meninas, confirmava meus pensamentos de que o sexo feminino, pelos menos as moças da época, sentia uma atração especial por homens durões.

Amir não tinha muito interesse em ficar em Israel nem em fazer um curso universitário. Quando comecei o primeiro ano de estudos na universidade, ainda bastante confuso em relação a meu futuro e com dificuldade de dar conta das longas leituras semanais, em hebraico e em inglês, exigidas pelos professores, pensei em abandonar a universidade e fazer um curso de cozinheiro com Amir.





Tommy, que então cursava História Judaica, dominava o inglês e tinha aprendido o hebraico melhor do que eu, propôs que estudássemos juntos, o que me ajudou a tomar a decisão de permanecer na universidade. Amir fez uma nova proposta: que nos dedicássemos a trabalhar para juntar dinheiro e fazer uma viagem ao redor do mundo. Concordei, mas disse-lhe que antes tinha que poupar o suficiente para comprar um apartamento para meus pais, com o quê o projeto se tornou inviável.

Amir acabou indo para os Estados Unidos, depois para o Canadá e a Espanha, mantendo seu estilo de vida pouco convencional. Graças à internet, voltamos a estabelecer contato.

7.

Durante os dois primeiros anos, realizei todo tipo de trabalho para complementar a bolsa. Por dois meses trabalhei em uma discoteca, onde minha função era recolher as garrafas e assegurar a ordem. Quando me mandaram separar um grupo de pessoas que estavam brigando, fui recebido por uns gigantes que me ameaçaram com cacos de garrafa. Pedi demissão imediatamente.

Passsei a trabalhar, em horário noturno, na central telefônica da cidade. As chamadas interurbanas não eram diretas, passavam por um operador que recebia os pedidos diante de um painel cheio de cabos, um que era ligado quando recebíamos a chamada, outro para conectar-se





com a cidade de destino, para onde discava o número pedido. Com meu hebraico pobre e mínimos conhecimentos de geografia, aprendi a repetir uma série de frases escritas que me entregaram depois de um treinamento de uma hora, do tipo “*hamispar shevikashta eineno mechubar*” (“o número solicitado está ocupado”). Os problemas surgiam quando eram solicitadas mais informações ou eu confundia cidades com nomes parecidos. Especialmente problemáticas eram Ramle e Ramala, a primeira uma cidade israelense e a segunda localizada na Cisjordânia. Uma noite atendi o telefone e, do outro lado, escutei uma voz que me informava: “Aqui fala Shem Tov, ministro da Saúde. Preciso falar imediatamente com tal número em Ramle.” Poucos minutos depois voltou a ligar e pediu para falar com o responsável, pois haviam transferido a chamada para Ramala...

No verão de 1969 fui trabalhar durante um mês, com boa parte do grupo, em um *kibutz*, onde ajudávamos na colheita de maçãs. Passei o segundo verão no Brasil, e no terceiro trabalhei em uma fábrica de vidro, Fenitzia.

Eu era parte de uma equipe responsável por uma linha de produção que começava em uma máquina na qual eram colocadas as garrafas que giravam em torno de uma matriz com tinta, que as rotulava. Daí, as garrafas passavam a uma esteira, que as levava a atravessar um forno onde a tinta secava e, no fim da linha, eram encaixotadas. Tínhamos um descanso de meia hora, ocasião em que bebíamos o litro de leite que era distribuído. Se conseguíssemos superar a produção de um certo número





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

de garrafas, ganhávamos um bônus. Durante o descanso, analisávamos se conseguiríamos ou não chegar à meta e decidíamos se valia a pena forçar o ritmo. Uma noite, com um amigo israelense de minha idade, achamos que estávamos com a produção baixa e não alcançaríamos a meta, então decidimos que não fazia sentido continuar trabalhando. Assim, usando a tampa de alumínio da garrafa de leite, provocamos um curto-circuito que parou as máquinas e deixou o galpão sem eletricidade. Parece que meu amigo, orgulhoso de seu ato, comentou com os colegas, o que nos custou o emprego. Quando cheguei ao trabalho, fui enviado para falar com o gerente, que me informou da demissão. Solicitei, então, o salário devido. O gerente disse que só me pagaria depois que se realizasse uma auditoria, mas inventei uma história de que no dia seguinte viajaria para o Sinai, para a frente de batalha, o que o deixou comovido, e ele me pagou.

8.

No período acadêmico de 1969 a 1970 me afastei, ao menos relativamente, dos membros do grupo com o qual havia chegado, se bem que, no final, ia com frequência ao apartamento onde Bila vivia com várias amigas. Também visitava com certa frequência, limitada pela relativa distância, meus primos Uli, no *kibutz* Mishmar Hasharon, e David, em Beer Sheva. David havia chegado a Israel em 1947, onde hebraizou seu sobrenome para Sorek, e era





o único sobrevivente, com o irmão e a mãe, da noite em que toda a família de meu pai fora massacrada. Ao fim da guerra, voltou com a mãe a Chotin para saber se alguém da família havia sobrevivido, já que seu irmão mais velho tinha sido recrutado pelo Exército Vermelho. Sua mãe, filha de uma família rica, ao pressentir que se avizinhava uma catástrofe, deixou várias valises com joias, ouro e peles com vizinhos. Quando tratou de recuperá-las, eles disseram que não sobrara nada. Ela os ameaçou, dizendo que chamaria o filho militar, e assim obteve uma valise com peles que lhe permitiu sobreviver durante o inverno. David voltou a estudar e ganhou um concurso nacional de matemática que lhe deu direito a estudar em Moscou. Ele e a mãe optaram por ir para Israel, aonde chegaram em 1948, depois de deixar o irmão na União Soviética para terminar o serviço militar. Quando este deixou o exército, não lhe foi permitido viajar para Israel: devia esperar dez anos por ter servido no setor de foguetes e, supostamente, possuir conhecimentos militares de segurança. Faleceu relativamente jovem, de câncer, mas David e a mãe conseguiram visitá-lo em Kiev nos anos 1960.

Em Israel, a mãe foi morar na cidade e David em um *kibutz* perto da fronteira de Gaza, Nir Itzjak, onde se casou com Pnina em 1949. Poucos meses depois, o jipe no qual Pnina viajava passou por cima de uma mina e ela foi lançada a 30 metros de distância. Depois de vários meses no hospital, se recuperou, mas caminhou com dificuldade pelo resto da vida. Em 1955, saíram do *kibutz* porque Pnina discordava dos métodos educacionais e foram morar em Beer Sheva, onde David passou a trabalhar na





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

prefeitura, dedicando-se a causas públicas, e Pnina criou um jardim de infância no pátio do edifício onde viviam.

As três filhas de David e Pnina eram mais novas do que eu. Anat acabava de entrar para o exército, Galit era um bebê e Tali, com quem eu brincava, tinha 11 anos. Nós também conversávamos muito, porque era uma criança superdotada que fazia perguntas sobre a finitude do universo e a Teoria da Relatividade. Seus professores queriam que fizesse cursos na universidade, mas os pais não autorizaram, porque pensavam que não seria bom para o desenvolvimento emocional dela. Extremamente sensível, aos 13 anos escreveu um poema que circulou pelo mundo:

Eu tinha uma caixa de lápis de cores,
brilhantes e fortes.

Eu tinha um estojo com cores,
algumas quentes e outras muito frias.

Não tinha o vermelho para o sangue das feridas,
nem o negro para o luto dos órfãos.

Não tinha branco para os rostos e as mãos dos mortos,
nem o amarelo para as areias ardentes.

Mas tinha o alaranjado para a alegria de viver,
e tinha o verde para os filhotes e os ninhos.

Tinha azul para céus claros e luminosos.
E rosa para sonhos e quietude.

Me sentei e pintei
Paz.





David nunca comentava sobre seu passado, até que um dia lhe pedi que me contasse a história da família, na Bessarábia, depois que meu pai viajou para Montevideu, em 1928. Ele me disse que sua mãe era de uma família rica e que, depois do casamento, seu pai, Moshe, assegurou que não faltasse nada aos meus avós e a seus irmãos. Todas as semanas, mesmo nos dias mais frios, ele ia visitar os pais.

Um dia, em 1941, membros da Guarda de Ferro, um partido político paramilitar que apoiava o governo romeno, aliado de Hitler, concentraram na igreja local todos os judeus de Secureni — onde, naquele momento, se encontrava toda a família, com exceção de Mindl e Shimshon — e ordenaram que se levantassem todas as pessoas que ocupavam um cargo institucional. Meu avô quis se identificar, mas a mãe de David não deixou. As pessoas que se puseram de pé foram levadas para fora da igreja e fuziladas. Depois de um dia sem comer, levaram-nos de noite para andar em torno da aldeia, em pleno inverno. Quando alguém caía de cansaço, era fuzilado. Meu avô caiu, mas o pai de David o levantou e começou a carregá-lo, porém depois de um tempo também caiu e ambos foram fuzilados diante da esposa e dos filhos. A mãe de David aproveitou a escuridão para se esconder em uma canaleta da estrada com os dois filhos. Com o filho menor no colo, caminhou até o território controlado pelos soviéticos, onde ficaram até o final da guerra, e só não morreram de fome graças à engenhosidade do filho mais velho, que derretia pedaços de borracha com





os quais preparava uma cola para consertar as solas das botas dos soldados, que lhe pagavam com batatas.

David nunca contou sua história às filhas. Tampouco à esposa, que tinha sobrevivido graças ao pai, que depois de colocar-lhe um colar com uma cruz lhe dissera que fosse andando pela estrada. Uma camponesa, mesmo suspeitando de que havia algo de "errado" com a menina, a adotou. Em 1945, quando ela tinha 15 anos, a camponesa decidiu casá-la com seu filho, mas a irmã de Pnina, que, ao contrário dos pais, também havia sobrevivido à guerra, a localizou e conseguiu levá-la consigo e, finalmente, foram para Israel.

A primeira vez em que conversaram sobre o que passaram na Segunda Guerra Mundial foi durante o julgamento de Eichman, quando Pnina viu na televisão uma testemunha contando uma história similar à sua e se pôs a chorar. Mas ambos haviam decidido que Israel seria o começo de uma nova vida, na qual o passado deveria ser esquecido. Décadas depois, nos anos 1980, a filha mais velha foi viver por um tempo na Alemanha, para onde seu marido foi enviado pela empresa em que trabalhava. Isso incomodou David, mas seu mundo estava mudando em várias direções inesperadas, e o que mais lhe doía era a situação em Israel. Sentia que sua geração tinha sido substituída por uma nova elite sem valores, cujo único objetivo era ganhar dinheiro, e considerava inaceitável a influência crescente dos religiosos. Repetia: “Roubaram nossos sonhos.”





A vivência da Segunda Guerra Mundial havia sido suprimida do mundo das palavras, mas continuava influenciando suas atitudes. Apesar de ser membro do partido mais à esquerda no sionismo-socialismo, a segurança do país e o respeito pelas forças armadas de Israel eram sua religião. E, em casa, as penúrias da guerra se expressavam em uma geladeira sempre repleta de alimentos e na insistência constante de que suas filhas ou os convidados comessem algo. Em cada viagem que fazia a Beer Sheva, retornava com várias sacolas de comida.

9.

Eu mancava cada vez menos. Em março de 1970, passados quase dois anos de meu acidente de carro, era chegado o momento de retirar o parafuso do fêmur que me fora colocado na Alemanha. Sem avisar a ninguém, me internei durante a noite no pequeno e, só saberia depois, precário hospital Rotchild, para ser operado de manhã.

Ao amanhecer, apareceu um enfermeiro, recém-chegado da Rússia, que mal falava hebraico e se comunicava comigo em ídiche, que começou a raspar minha pele, região relativamente distante do local da cirurgia. Fiquei preocupado e pedi para ver o prontuário médico. Estava claro que ele não havia compreendido as instruções. Aplicou-me uma injeção de sedativos e me disse que deveria dirigir-me ao bloco cirúrgico, no subsolo. Com minha túnica de paciente, fui sozinho, cambaleando, pelas es-





cadás, já que, aparentemente, o elevador não funcionava. Entrei na sala de cirurgia, de onde fui expulso aos gritos porque estavam realizando outra operação.

Fiquei sentado em uma maca até que, finalmente, me mandaram entrar e deitar-me sobre a mesa de cirurgia. Despertei na cama do quarto. Gotas d'água golpeavam meu rosto. Estava sob o efeito da anestesia e tinha dificuldade para abrir os olhos e falar. Se bem que ninguém estivesse informado sobre a cirurgia, pensei que se tratasse de Tommy, praticando a técnica que usávamos nos acampamentos para despertar os sonolentos: deixando cair gotas d'água no rosto. Comecei a murmurar que não me incomodasse, mas as palavras não saíam. De repente, senti que as gotas não caíam no rosto, mas na parte inferior do corpo. Quando tratei de localizar o lugar com a mão, entrei em contato com um charco formado por um líquido viscoso. Só quando vi minha mão entendi que se tratava de meu sangue, e que o gotejar era produzido pela hemorragia que caía da perna direita sobre a esquerda.

Tratei novamente de gritar, mas as palavras não saíam. Vi ao meu lado uma senhora árabe que cuidava do marido. Puxei a coberta e a senhora saiu correndo para pedir ajuda. O enfermeiro russo chegou e começou a gritar, em ídiche, que uma pessoa estava morrendo de hemorragia. Voltou com bolsas de gelo e me explicou que o médico já tinha saído e que, por telefone, mandara que colocassem muito gelo no local da cirurgia. Finalmente a hemorragia parou. Depois vi que o que deveria ter sido uma cirurgia simples produzira um corte para retirar o parafuso que era o dobro do que haviam feito na Alemanha.





10.

Apesar de certo distanciamento de meus velhos amigos, continuávamos a nos encontrar na universidade e, uma vez por semana, jogávamos pôquer até altas horas da madrugada. Essas noitadas eram dominadas pelos duelos entre Zuka e Moishe. Zuca era o amigo que conheci no navio, cujo irmão trabalhava no consulado de Praga, e Moishe havia chegado a Israel com Clara em meados de 1969. Eram militantes de esquerda e a situação no Brasil havia se tornado perigosa. Ambos faziam apostas altas, que eliminavam os demais e iam aumentando de forma vertiginosa. Zuca apostava a bolsa de um mês e Moishe dobrava, até chegarem a apostar a bolsa de todo o ano. Quando abriam as cartas, um tinha um par de oito, o outro um par de sete, quando muito.

O vazio causado pela desintegração do grupo nos atingiu a todos, e a resposta natural, apesar de jovens, foi reconstruir o sentimento de comunidade em torno da vida conjugal. Vários de nós nos casamos em 1970, mais precisamente em setembro, antes de iniciar-se o período letivo. Nas décadas que se seguiram, Bila foi a companheira de uma longa viagem, durante a qual amadurecemos juntos, enfrentando dificuldades e compartilhando alegrias, a maior delas o nascimento de Pablo, em Belo Horizonte.





IESH







1.

O Israel ao qual chegamos não era o que me haviam descrito nem o que eu imaginava. Em toda ideologia ou versão oficial da história, constrói-se uma visão simplificada da realidade, polarizada entre malfeitores e heróis. Talvez certa idealização seja necessária de modo a haver a adesão das crianças e jovens aos valores e ideais da sociedade. Mais tarde, quando eles entram em contato com a vida real, descobrem que o presente, como o passado, está habitado por pessoas que não são anjos nem demônios, e que, na história como na sociedade, predominam as zonas cinzentas. A frustração do choque de realidade ou bem pode levar ao cinismo ou à apatia com relação à vida pública, como é comum hoje, ou ainda, como era mais frequente em nossa época, à rebelião, que supõe ser possível realizar transformações que ajustem rapidamente o mundo real ao mundo ideal.

Os novos dados que a realidade israelense nos trazia produziram inicialmente uma mistura de frustração e radicalização. Apesar de um fundo ideológico dogmático,





BERNARDO SORJ

felizmente sempre predominou no IMI uma atitude de aprendizagem e de negociação com a realidade exterior. Nosso contexto particular — uma comunidade judaica majoritariamente conservadora que, no entanto, tinha como valores fundamentais a solidariedade e a identidade grupal — permitia que um grupo radical como o nosso pudesse existir e atuar sem ser excomungado, e que pudéssemos manter uma relação crítica, mas nunca de ruptura. Em Israel a situação não seria a mesma.

2.

Nos movimentos sionistas de que participei, como forma de expressão, entre outras, dos nossos valores de austeridade, simplicidade e distanciamento da sociedade urbana e burguesa, não íamos a festas nas quais se dançasse música moderna, não fumávamos nem usávamos gravata. As meninas não deviam usar batom, penteados elaborados ou maquiagem. Confesso que, até hoje, parecem-me mais bonitas as mulheres vestidas com simplicidade e com pouca maquiagem.

O primeiro choque que tive em Israel foi a primeira noite de sexta-feira no *kibutz*. Depois do jantar, eu esperava desfrutar de uma noitada de canções e danças israelenses. Para minha surpresa, dançou-se música moderna, todas as moças usavam maquiagem e havia rapazes de gravata, apesar do calor israelense!





Infelizmente, o contraste entre a expectativa e a realidade ia muito mais longe que do apenas sentir-me meio tolo. A Guerra dos Seis Dias tinha gerado uma mudança profunda na sociedade israelense. A vitória contundente e a ocupação da faixa de Gaza, do deserto do Sinai, das colinas de Golã, da Cisjordânia, incluindo a parte antiga e a zona oriental de Jerusalém, geraram um delírio de onipotência nacionalista em uma população que até pouco tempo antes se via como extremamente frágil, rodeada de inimigos poderosos que a qualquer momento poderiam atirá-la ao mar.

Os novos ventos transformaram o espectro político, empurrando os principais partidos para a direita. Diminuiu consideravelmente a distância entre a direita e o partido trabalhista — que iniciou, daí em diante, um processo de declínio eleitoral que chega até nossos dias. O sonho de Israel Hashlema (A grande Israel), que para a direita era, até então, apenas isso, um sonho, terminou sendo realizado por um governo do partido trabalhista. Embora continuasse a haver diferenças em relação ao conflito com o mundo árabe — o partido trabalhista orientava-se por preocupações de segurança; a direita, por princípios irredentistas —, na prática as convergências eram enormes. Até os líderes do governo trabalhista negavam a existência de um povo palestino. Sem dúvida, no interior dos trabalhistas havia vozes discordantes. Tanto no novo partido laborista recriado depois da guerra, que incluía o partido MAPAM, da esquerda sionista, como no próprio partido majoritário, o MAPAI, surgiam





vozes que se opunham à colonização dos territórios e apoiavam as negociações de paz. Mas esses divergentes sempre acabavam saindo, juntando-se a outros grupos pacifistas para criar novos partidos que nunca chegaram a cristalizar e aglutinar um apoio eleitoral importante.

O partido trabalhista tanto foi responsável pelas decisões políticas de colonizar os territórios ocupados e por negar, por muito tempo, a existência de um povo palestino, como por iniciar um processo de expansão capitalista que aumentou as desigualdades sociais e corroeu a base social sobre a qual se sustentava seu apoio eleitoral.

O ideário da elite que construiu o Estado de Israel era sintetizado na noção de *halutziut* (pioneirismo), o ideal de construir uma sociedade orientada por valores igualitários, na qual a realização individual se daria por meio de projetos coletivos, cujo clímax foram os *kibutzim*. Certamente esses valores não podiam ficar imunes às transformações produzidas pelo desenvolvimento econômico, pela integração de imigrantes de outras culturas e pela urbanização do país. Tampouco, como aconteceu, estavam condenados a ser substituídos por um individualismo crescente, um nacionalismo extremista e o fortalecimento da ortodoxia religiosa.

Assim, quando chegamos a Israel, os partidos políticos, em particular os de esquerda, estavam em pleno processo de transformação e direitização. Ao mesmo tempo, surgiam movimentos sociais fora do quadro partidário tradicional: em torno dos direitos civis e contra a “opressão religiosa”; de jovens casais que reivindicavam uma política de habita-





ção com os mesmos privilégios que possuíam os novos imigrantes; e um grupo autodenominado “Panteras Negras”, formado por filhos de migrantes dos países islâmicos que denunciavam a desigualdade social e os preconceitos culturais contra eles por parte da elite dirigente, que provinha, majoritariamente, da Europa oriental. Creio que não seria exagerado dizer que, desde então, Israel vive dividido entre uma sociedade civil com uma vida cultural, científica e artística extremamente criativa e um *establishment* político sem imaginação, no qual boa parte das pessoas mantém relações obscenas com o mundo dos negócios e cujo único objetivo é manter-se no poder.

3.

A diversidade de origens culturais dos emigrantes sobre a qual se construiu a sociedade israelense é possivelmente sua maior riqueza, uma vez que gera um universo humano, cultural e artístico extremamente diverso, e, ao mesmo tempo, seu principal calcanhar de aquiles, pois fragmenta a vida política em torno de interesses corporativos e étnicos que dificultam os consensos. É um verdadeiro arquipélago de culturas nacionais, em relação ao qual os aparatos de Estado, em particular o sistema educacional e o serviço militar, até os anos 1960, foram extremamente bem-sucedidos em seus esforços para homogeneizar e moldar um “homem novo”, um judeu “normalizado”, sem as “patologias” do exílio. Pessoas práticas e pouco





reflexivas, orientadas por certezas em lugar de dúvidas, amantes de sua terra e com um desprezo olímpico pelos 2 mil anos de história vividos na diáspora, apresentados como um sem-fim de perseguições diante das quais os judeus se encontravam indefesos.

Boa parte dos israelenses com os quais convivemos na época, independentemente de posições políticas, tinha sido moldada por uma atitude anti-intelectual que, para nós, se resumia na palavra “*cacha*” (é assim), utilizada constantemente por eles para responder a qualquer de nossas perguntas sobre o porquê das coisas. Contudo, apesar da distância cultural que sentíamos, seria injusto negar a disposição das instituições e de boa parte das pessoas de nos receber e nos inserir na sociedade israelense, ainda que houvesse situações excepcionais, como quando, nas manifestações que realizávamos contra a ocupação, nos gritavam na rua: “Voltem para seus países.”

Mais ainda: em Israel me sentia em um país no qual era um igual, e se alguém quisesse me excluir eu me sentia capaz de enfrentá-lo e de me defender, uma sensação que nunca tive no Uruguai. Ao mesmo tempo, o modo dominante de ser não era o meu. Boa parte dos israelenses tinha se distanciado de características que eu sempre tinha associado à condição judaica: a valorização do intelecto e a sensibilidade em relação ao sofrimento alheio. Certamente a maioria dos israelenses sabia menos que eu sobre a história do Estado de Israel. Alguém que tentou viver em Israel, mas acabou por decidir retornar a seu país de origem, sintetizou em uma bela frase a ex-





periência simultânea de sentir-se parte e de estranheza cultural: “Tinha que escolher entre sentir-me nativo em uma cultura estranha, ou ser considerado um estranho em minha cultura nativa.” Para mim, foi mais um giro na espiral que me havia levado a ser judeu no Uruguai, uruguaio no Brasil e sul-americano em Israel, onde aprendi a apreciar, pela primeira vez, as músicas e letras de tango.

No cotidiano israelense, o ambiente estava saturado pela guerra; não a que acontecia a cada década, mas a situação diária na frente de batalha e a preocupação constante em relação a algum parente que se encontrava no exército. A cada hora, quando cinco toques anunciavam as notícias no rádio, onde estivessem, até mesmo no ônibus, as pessoas permaneciam em silêncio. E, como toda guerra — independentemente de quais sejam suas causas e justificativas —, aquela empobrecia a alma, congelava os corações, simplificava as mentes, alimentava os temores mais irracionais e os preconceitos mais repugnantes, e constituía o terreno ideal para que o poder político manipulasse o povo. Israel não era uma exceção.

4.

Nos primeiros dois anos participei durante alguns meses das reuniões do Matzpen (Bússola), indicado por Zezinho como o grupo com o qual havia se identificado nos últimos meses antes de ir-se de Israel. Formado por trotkistas que foram membros do partido comunista israelense,





se definia como antissionista e propunha a criação de um Estado binacional participante de uma federação de países socialistas da região.

Se bem que tenha sido sempre um grupo diminuto, e nos anos 1970 tenha se desmembrado em núcleos ainda menores, a célula de Haifa era particularmente pequena. Reunia-se no acanhado escritório da casa de J'abra, um árabe-israelense, com cerca de 60 anos, que se encontrava em prisão domiciliar. Os demais membros do grupo básico, na faixa dos 40 anos, eram de origem judaica e tinham, como J'abra, formação trotskista. De vez em quando aparecia nas reuniões algum israelense jovem, que em geral retornava poucas vezes. J'abra comentava que possivelmente era alguém do Shin Bet (serviços internos de segurança do Estado) e dizia, com certa ironia, que não havia nada a esconder e, quem sabe, o visitante pudesse aprender alguma coisa.

Frequentei por poucos meses algumas reuniões do Matzpen. Não sentia muita afinidade geracional com o grupo nem com suas propostas políticas, menos ainda com suas implicações práticas. Estas últimas chegavam a ser um paradoxo, pois, ao questionar permanentemente o direito dos judeus de viver em Israel, eu me perguntava se estava sendo excluído. As propostas políticas de uma federação socialista do Oriente Médio me pareciam totalmente irrealistas, porque nada indicava que a região se orientasse nesse sentido. Tampouco me atraía a ideia de ser parte de uma seita em que todas as discussões terminavam com referências à teoria marxista, à obra de





Trotsky e à revolução mundial, sem nenhum senso de realidade em relação às forças que, de fato, estavam se enfrentando na região. Eu pensava que não havia lugar para um movimento socialista revolucionário em Israel enquanto não fosse encontrada uma solução para o conflito com o mundo árabe. E, se bem que eu estivesse contra a ocupação e favorável aos direitos da população árabe em Israel, parecia-me ingênuo e suicida o apoio acrítico aos palestinos em nome da identificação com os oprimidos.

Se minhas andanças pelo Matzpen foram quase solitárias, os contatos com outros grupos eram sempre acompanhados por outros amigos do IMI. Graças à presença de Iossi em Jerusalém, entramos em contato com Reuven Kaminer, um norte-americano radicado em Israel que participava do recém-fundado Siach (Nova Esquerda Israelense), cujas posições eram próximas à tradição sionista-socialista de esquerda. Apoiava a devolução dos territórios ocupados e a busca de uma paz com os palestinos, sustentada em uma solução o mais justa e adequada possível para o problema dos refugiados, sem propor a criação de um Estado binacional, o que considerava irrealista.

Nesse período inicial, também visitei várias vezes outro contato deixado por Zezinho: o primeiro secretário da embaixada cubana. Ele me fornecia exemplares da revista *Pensamento Crítico*, uma publicação que buscava dialogar com as tendências intelectuais e filosóficas do pensamento marxista europeu, a qual, em poucos anos, acabou sendo fechada pelo regime. Em um dos encon-





tros, ele criticou “esses intelectuais que falam mal da revolução enquanto se divertem nos bares e restaurantes de Paris, que eu conheço muito bem, pois viajo muito para a Europa”. Talvez ele tenha detectado algum sinal de estranheza no meu rosto diante do fato de que ele também desfrutava dos mesmos lugares que criticava, por isso arrematou: “Como diz Fidel, dentro da revolução, tudo, fora da revolução, nada.” A noção de que ser revolucionário não era uma forma de vida, mas algo que, por se estar “dentro” se é autorizado a realizar, mesmo o que se critica ao outro lado, me deixou preocupado. Quando me informou, sem qualquer explicação, que a revista tinha acabado, nunca mais voltei a visitá-lo. Um dia me chamou para saber se podia conseguir dados sobre alguém do governo israelense que pretendia viajar a Cuba — um pedido tão surpreendente quanto irresponsável, vindo do representante de um país que já estava a ponto de romper relações com Israel. Respondi que não tinha como obter a informação solicitada.

5.

A partir do segundo ano, em fins de 1970, minha vida tinha começado a assumir um novo contorno. Tinha conseguido finalizar o primeiro ano do curso, apesar das dificuldades com o idioma. A nova vida de casado, tanto para mim como para a maioria de meus antigos companheiros do IMI, tinha facilitado uma reaproximação com





o grupo original de amigos depois de certo afastamento. Em torno da vida universitária, o círculo de amigos continuava a se expandir. Leo, Mauricio, Arturo, Tito foram alguns dos novos amigos dos quais, de alguma forma, me mantive próximo depois que saí de Israel.

O grupo original do IMI, cerca de 20 pessoas, funcionava na universidade como um núcleo de atração em torno do qual se teceram relações com os outros estudantes, em geral latino-americanos, mas também europeus, estadunidenses, turcos, iranianos, norte-africanos e um bom número de israelenses, judeus e árabes.

A Universidade de Haifa possuía características particulares. Com pouco mais de 4.000 estudantes, era composta de um quarto de estrangeiros, chamados de *olim chadashim* (novos migrantes), 350 árabes — em geral da Galileia, região onde se concentra até hoje a maioria deles — e uns 300 membros de *kibutzim*. O corpo docente também se diferenciava do das grandes universidades de Jerusalém e Tel-Aviv e era formado por um percentual relativamente alto de professores norte-americanos e outros que não tinham feito carreira nos feudos dominados pelos grandes professores de Jerusalém.

Os professores norte-americanos, concentrados em particular no departamento de Sociologia, mantinham uma atitude positiva, embora relativamente distante, em relação a nosso grupo. Outros professores, como Svirski, de origem argentina, Jelinek, de origem tcheca, Karl Hanz, da Alemanha, ou Abraham Yasur, membro de um kibutz, nos apoiavam de forma mais ativa e se iden-





tificavam em geral com nossas ideias. No entanto, o fato de não possuírem contratos permanentes com a universidade limitava-os, de alguma forma, na expressão desse apoio em público. Zygmunt Bauman, recém-chegado da Polônia, de onde teve que fugir devido a perseguições antissemitas por parte do governo comunista, dava aulas magistrais, com uma visão da sociologia mais próxima da nossa, mas só ficava em Haifa pelo tempo necessário às aulas, retornando a Tel-Aviv, onde vivia. O apoio e incentivo mais constante era dado por Teodor Shanin, professor de sociologia, que vivia em Tel-Aviv e passava vários dias da semana em Haifa.

Na universidade havia dois órgãos dedicados aos estudantes: o Decanato de Estudantes e Beit Hillel. O primeiro era um cargo interno da universidade que, nos primeiros anos, foi ocupado pelo escritor A. B. Yoshua, que nunca expressou interesse ou simpatia por nós nem por sua ocupação. O único contato que tive com ele foi quando me convidou, com outros três estudantes estrangeiros, a participar de uma reunião no Ministério da Educação. Pensei ingenuamente que estavam interessados em escutar nossas posições, mas a equipe que nos recebeu tinha a missão de escrever folhetos em resposta às críticas que a esquerda europeia fazia à política de Israel. Nós éramos material de laboratório.

O Beit Hillel, uma instituição estadunidense responsável nos *campi* universitários pelo desenvolvimento de atividades com estudantes judeus, era dirigida pelo rabino Bernard Hoch, que pertencia à chamada corrente





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

conservadora do judaísmo,* Rav Hoch, como o chamávamos, jovem e com valores liberais, apoiava todas as nossas iniciativas. Em 1972, assumiu também o cargo de Decanato Estudantil, sem deixar a diretoria do Beit Hillel, e em ambas as posições continuou nos apoiando. Por intermédio dele, entrei em contato, pela primeira vez, com um judaísmo liberal moderno, bem diferente daquele com o qual tive contato na América Latina.

No ano escolar de 1970/1971, René (uruguaio do IMI) foi indicado como editor-chefe de um jornal que durou pouco tempo, publicado com o apoio do coordenador de Absorção, um israelense muito correto. Chamava-se *Alia ve kotz va* (As coisas boas têm seus espinhos) e era dedicado aos estudantes imigrantes, sendo parte em hebraico e parte em inglês, espanhol e francês. Publiquei nele uma série de artigos curtos sobre nacionalismo e socialismo.

6.

No primeiro ano de casados, vivemos em um *maon* (conjunto habitacional) para estudantes, no bairro de Romema. Boa parte dos moradores era constituída de estudantes estrangeiros e árabes, que tinham dificuldade de alugar quartos ou apartamentos na cidade.

*O Movimento Conservador, apesar do nome, tem posições políticas liberais e foi fundamental na criação de um judaísmo alternativo ao ortodoxo nos Estados Unidos.





Rapidamente estabelecemos relações de amizade com os árabes. Em 1966 tinha sido suspensa a legislação de emergência que, desde 1949, era aplicada aos árabes-israelenses, mas a polícia secreta (*shin bet*) continuava vetando nomes quando se tratava de ocupar cargos públicos, em particular no sistema de ensino, a principal fonte de emprego para os recém-formados nas universidades. Em 1972, a recusa da universidade em contratar um estudante árabe como assistente de ensino, devido à interferência dos serviços de segurança, levou à organização do *campus chofhi* (*campus livre*), com o apoio de 50 professores e estudantes.

Os “primos”, como nos referíamos aos árabes, de acordo com a tradição bíblica da origem comum em Abraão, encontraram nos sul-americanos, pela primeira vez, judeus interessados em saber mais sobre suas vidas e conhecer seus problemas, e dispostos a passar com eles momentos divertidos, assim como a estabelecer uma relação de amizade que se sobrepunha aos preconceitos em relação ao lugar da mulher. Como me disse uma vez um amigo árabe: “Boruch, para nós, todas as mulheres israelenses, inclusive as de vocês, agem como putas.”

O líder indiscutível do grupo era Simón, de origem cristã, alguns anos mais velho do que os demais. Desenvolvi com Simón uma amizade sólida e certa confiança mútua, se bem que nunca consegui entender os caminhos tortuosos que alguém em sua situação deveria seguir, convivendo, em seu grupo, com indivíduos que ele sabia serem informantes dos serviços de segurança.





Em princípio de 1971, Rav Hoch me propôs organizar atividades culturais no salão do conjunto habitacional estudantil do bairro Romema, o que incluía exibir filmes e organizar debates sobre temas da atualidade, e que o transformou em um novo espaço de aglutinação de estudantes estrangeiros, árabes e vários israelenses.

7.

Na mesma época, Tommy foi convidado por estudantes do partido trabalhista a participar das eleições para o centro estudantil, controlado pelo partido de direita. Nas eleições só votavam 20% do total dos estudantes, e as campanhas se resumiam aos votos que cada candidato solicitava para si mesmo, apresentando-se de sala em sala, já que os candidatos eram votados individualmente, embora se apresentassem dentro de listas. A principal atividade do Centro Estudantil era a realização semanal de um grande baile no pátio central do edifício da universidade, a boate Extasa, onde havia uma roleta em que se jogava por dinheiro e onde de vez em quando aparecia algum cantor famoso.

Minha reação inicial à proposta de Tommy foi negativa, pois não simpatizava com a ideia de fazer parte de uma lista de um partido do *establishment*. Simón, mais desconfiado ainda, concordou, mas com a condição de que se apresentassem alguns candidatos árabes, em uma lista que era majoritariamente formada por israelenses. Entre os “emigrantes” foram incluídos Tommy, René,





Jeffery e eu, além de um argentino e de um italiano. Nas eleições de março de 1971, a nova lista, batizada de YESH (há), obteve 13 mandatos de um total de 40. A comissão responsável por auditar a eleição constatou que, em uma mesma urna, havia uma grande quantidade de votos iguais a favor dos candidatos da lista do pessoal de direita, marcados com a mesma caneta e com o mesmo tipo de X. Quando procuraram o livro de votação para comparar o número de votos com as assinaturas dos votantes, ele não foi encontrado.

Pouco depois foi realizada uma licitação para ocupar o cargo de *rekaz Klita* (coordenador de Absorção), responsável pelo desenvolvimento de atividades para a integração dos estudantes estrangeiros, para o qual Tommy foi indicado, com o apoio de Rav Hoch, que participava do comitê decisório. Tommy começou a organizar todos os novos imigrantes, preparando atividades específicas por país/região de origem, e atividades conjuntas, com recursos do Beit Hillel, denominadas *Folks & Blues*, no centro cultural Beit Rotschild. Os conflitos entre os trabalhistas e a direita permitiram que a lista IESH indicasse os coordenadores da área de cultura (René) e o dos estudantes árabes, cargo ocupado por alguém do círculo de Simón.

8.

O Centro Estudantil publicava um jornal semanal no qual predominavam notícias sobre o cotidiano no *campus*, mas era bem pouco incisivo em relação aos problemas





dos estudantes e menos ainda aos da sociedade israelense. Quando o lugar de editor ficou livre, a licitação foi vencida por Guidon Spiro, uma figura chamativa e aparentemente excêntrica. Tinha 35 anos, fora jornalista e correspondente, no exterior, do jornal *Al Hamishmar*, que pertencia ao partido de esquerda sionista, Mapam. Vestia-se com elegância, tinha um carro esportivo, fumava cachimbo, usava peruca enquanto esperava que o transplante de cabelo desse resultado e, finalmente, exibia uma enorme autoconfiança.

O estilo de trabalho de Guidon era fundamentalmente o de um *free rider*, uma pessoa solitária e individualista, excelente jornalista, cujo maior prazer era escrever artigos taxativos e manchetes que atraíam a atenção. Guidon contava basicamente com o apoio de outro estudante, Shlomo Frankel, e escrevia sozinho boa parte do jornal, sem nunca consultar ninguém, nem nos momentos em que era membro pleno e ativo de nossa lista.

Guidon renomeou o semanário, que passou a se chamar *Post Mortem*, e reorientou totalmente sua linha editorial. Os temas tratados em *Post Mortem* incluíam a desigualdade social entre os judeus “ocidentais” e “orientais”, a baixa representação do gênero feminino entre o pessoal acadêmico, a presença dos serviços de segurança do Estado no *campus*, o apoio aos grevistas de uma fábrica de automóveis e a Giora Noiman — jovem israelense que se negou a servir nas forças armadas — e denúncias sobre a intervenção da administração nos assuntos acadêmicos. Cada vez que saía um *Post Mortem*, os membros





do *staff* da universidade se apressavam em comprar um exemplar, temerosos de ser objeto de alguma notícia.

9.

Quando se aproximavam as novas eleições para o Centro Estudantil, além da direita, o partido trabalhista, que convivia mal com os membros radicais da lista IESH, decidiu apresentar sua própria lista. Decidimos que uma oportunidade excepcional se abria, e que o líder da lista, que passou a se considerar um grupo, seria Tommy. Algumas pessoas, entre as quais Guidon Spiro, Itzhak Shapira e eu, conversamos com ele, que estava receoso de se dedicar a uma tarefa que afetaria o rendimento nos estudos e lhe exigiria abandonar o trabalho de distribuição de jornais nas madrugadas, o que lhe assegurava um sustento razoável.

O agrupamento IESH apresentou 39 candidatos, dos quais 14 israelenses, 7 árabes e 18 “novos imigrantes” (respectivamente três do Uruguai, dois do Brasil, da Alemanha e da Turquia, e um do Marrocos, dos Estados Unidos, da Grécia, da Venezuela, do Irã, do Egito, da Grécia e do Japão — Yorimasa).*

A plataforma, com nove páginas, concentrava-se em temas estudantis, como o restaurante, os direitos dos estudantes que deviam ausentar-se das aulas para servir como

*Um considerável número de documentos sobre o IESH, que me permitiram, inclusive, refrescar a memória, encontra-se disponível na internet, em sua maioria em hebraico: <http://socsci.ucsd.edu/~lزامosc/YESH/YESH.htm>.





soldados na reserva, transporte público, promoção de programas culturais que não se resumissem, como era o caso até então, a simples diversão, o tratamento de problemas específicos dos estudantes que trabalhavam e, em relação aos estudantes árabes, a “luta pelo direito dos árabes de realizar suas atividades livremente, dentro do marco da lei, sem intervenção de elementos extrauniversitários”. No capítulo sobre “lutas sociais e políticas”, levantavam-se os temas dos direitos dos casais jovens israelenses a uma política de habitação, da desigualdade social entre judeus europeus e dos países muçulmanos, do aumento do número de estudantes de origem pobre e da maior consciência a respeito do meio ambiente.

Na seção dedicada ao tema nacional, afirmava-se: “A terra de Israel/Palestina é a pátria comum de dois povos.” E “a independência nacional para o povo judeu em uma parte da terra de Israel e sua conexão com o povo judeu são a base do sionismo do grupo IESH”. “O povo palestino é a unidade nacional desapossada no Oriente Médio, e o Bloco IESH acredita que ele tem o mesmo direito à independência nacional que o povo judeu. Toda solução política deve levar em consideração as aspirações do povo palestino e levá-las a cabo em cooperação com ele.” “O IESH se opõe a que se anexe qualquer parte dos territórios conquistados na guerra de 1967 e qualquer mudança de fronteiras deverá se realizar em comum acordo em negociações com os palestinos.” No momento, fomos qualificados de esquerda extremista, mas com o passar do tempo, e algumas guerras no meio, o conteúdo básico





de nossas posições passou a ser compartilhado com uma fração considerável da população israelense.

10.

Realizamos um esforço para atrair para nossa lista o maior número de israelenses. Se bem que nossa vitória fosse interpretada como resultante do apoio dos membros dos *kibutzim*, só tínhamos três candidatos dessa origem e, de fato, apenas nos apoiaram os membros dos *kibutzim* de esquerda, associados ao kibutz Artzi. A maioria dos israelenses do grupo era constituída de cidadãos, muitos deles oficiais do exército, geralmente formados em movimentos sionistas-socialistas de esquerda. Contávamos também com três feministas, um movimento que começava a surgir na época e que tinha como uma de suas líderes uma professora da universidade, Marcia Friedman, recém-chegada dos Estados Unidos.

Na realidade, o IESH foi o produto de uma constelação particular. A maioria dos votos vinha dos imigrantes e dos árabes, e a participação de um grupo de israelenses dava à lista mais legitimidade, além da contribuição individual de vários deles. Tommy funcionava como o principal articulador entre os vários grupos. Por sua vez, o semanário *Post Mortem*, uma produção quase solitária da figura quixotesca de Guidon, assegurava que as atividades do IESH ressoassem dentro e fora do *campus*.





O resultado das eleições foi a vitória arrasadora do IESH, que obteve 32 dos 40 lugares na *moatza* (conselho deliberativo). Os estudantes estrangeiros e os árabes votaram maciçamente e em bloco em todos os candidatos da lista, aumentando a participação na eleição para 44% do total da estudantada. Pela primeira e única vez na história de Israel, o Centro Estudantil de uma universidade era controlado por estudantes de esquerda.

A reação do *establishment* israelense foi furiosa e se expressou em todos os grandes jornais. *Davar*, o jornal da Central dos Trabalhadores, publicou a manchete: “Os árabes tomam o *campus*.” A imprensa veiculou que Golda Meir tinha se queixado da vitória do IESH em uma reunião do Comitê Central de seu partido. Os três grandes jornais apresentavam versões não muito diferentes. O artigo de *Haaretz* se intitulava “Vitória para esquerdistas extremistas na Universidade de Haifa”, e o editorial de *Yediot Acharonot*, com o título “O inimigo de dentro”, dizia: “Quando um grupo pequeno de invasores ousa, com toda a sua força, impor suas ideias desviacionistas sobre todo o público estudantil, é algo que importa a todos nós, tanto quanto a entrada de drogas nas escolas...”

Maariv dedicou espaço a uma longa entrevista com o reitor da universidade, o qual, entre outras coisas, afirmava que a vitória do IESH não refletia a maioria do público, apenas uma minoria, que os estudantes recém-chegados do exterior continuavam a lutar nas guerras de seus países de origem — como se o próprio sionismo





pudesse ser desvinculado da história europeia —, e que o *Post Mortem* instigava os árabes a uma ardorosa posição anti-israelense — quando, na realidade, os estudantes árabes sentiam que pela primeira vez podiam participar ativamente nas instituições legais. Finalmente, afirmava que era difícil entender o que levava os estudantes estrangeiros a Israel se não o espírito sionista, esquecendo-se de que o sionismo era formado pelas mais diversas correntes e que a versão sionista do reitor — nacionalista e xenófoba — havia sido influenciada pelo fascismo.

Alguns artigos foram um pouco mais cuidadosos e buscaram explicações na “alienação” dos novos imigrantes, dos árabes e dos *kibutznikim* em relação aos valores dominantes entre os demais estudantes israelenses. Um artigo apresentava uma entrevista com o Dr. Winer, chefe do Departamento de Sociologia, que havia chegado dos Estados Unidos poucos anos antes, na qual ele declarava que “entre os israelenses ressalta a falta de curiosidade intelectual a respeito da vida social... Há uma barreira cultural mas também um temor antecipado (diga-se de passagem, por parte dos israelenses) de rompê-la. Tem-se a impressão de que eles se protegem psicologicamente, como se temessem ser influenciados por outros... e, com afirmativas do tipo: ‘quem não serviu no exército não é capaz de compreender-nos’, desqualificam os que criticam o militarismo”. No mesmo artigo, um árabe declarou que “os estudantes estrangeiros são os únicos dispostos a conversar conosco como seres humanos iguais. Em sua companhia não nos sentimos como estranhos, eles estão





dispostos a levar em conta nossos problemas acadêmicos, sociais e econômicos”.

O único intelectual que saiu em nossa defesa foi o escritor e artista plástico Amos Keinan. Em um artigo publicado em um dos principais jornais, com o título “É permitida a existência de uma esquerda sionista?”, Keinan argumentou que “houve uma época em que o sionismo continha todas as correntes políticas, mas agora o que se busca é colocar o sionismo-socialismo como algo ilegítimo. Tratando-os como traidores do povo e divisionistas, buscam silenciar visões diferentes e se esquecem de que as ideias socialistas foram centrais no sionismo e na construção do país”. De fato, tínhamos deixado de lado qualquer veleidade socialista e, mais ainda, revolucionária. Simplesmente estávamos defendendo valores democráticos e humanistas.

11.

A nova comissão (*vaada*) executiva do IESH tinha Tommy como presidente, Chanan (*kibuznik*) como vice-presidente e responsável por assuntos acadêmicos, René (uruguaio) para os assuntos internos e sociais, Avi (grego) como tesoureiro, Hana (israelense feminista) na área de cultura, Nazia (árabe) responsável pelos assuntos árabes, e Dror (israelense urbano) nas relações exteriores. Leo (argentino) substituiu Tommy como coordenador de Absorção dos estudantes migrantes. Com o apoio de Hana (alemã), eu me dediquei





à criação de uma “Universidade Livre”, fora do marco de atividades formais do Centro Estudantil. A Universidade Livre tinha, entre seus objetivos, “a transmissão não só de informação como também de pensamento crítico, e o desenvolvimento de atividades práticas que ajudassem a resolver os problemas sociais”. O primeiro programa oferecia semanalmente onze cursos, a maioria dados por professores da universidade que simpatizavam com a ideia.

Durante a auditoria das contas da antiga direção, foi encontrado um enorme *deficit*, que indicava desvio de dinheiro nas atividades realizadas pela discoteca e nos contratos com a roleta. O responsável pela discoteca reconheceu o fato, mas, chorando, disse temer a reação do grupo mafioso, dono da roleta, e pediu que não o denunciássemos à polícia.

O ambiente na universidade ficou tenso, aumentaram os ataques físicos a árabes por bandos de direitistas israelenses, e nos organizamos para defendê-los. As declarações públicas do Centro Estudantil controlado pelo IESH incluíram o apoio a uma greve de trabalhadores de uma indústria de automóveis e o direito à manifestação dos Panteras Negras, que havia sido dispersada pela polícia. Entretanto, o que produziu maior estremecimento foi a decisão do governo de Israel de bombardear o sul do Líbano como resposta ao massacre dos atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique, em 4 de setembro de 1972. O conselho do Centro Estudantil enviou um telegrama ao governo, lamentando e denunciando o massacre de Munique, mas também a morte de civis no bombardeio israelense. A resposta de Golda Meir, que gostava de pro-





jetar uma imagem maternal, foi declarar que não éramos bons meninos. Nossa atitude não desagradou somente Golda Meir, mas também muitos israelenses, e vários *kibutznikim* de nosso grupo começaram a se afastar.

A aproximação com os estudantes árabes nos levava às vezes a visitá-los nas aldeias e a participar de festas, como casamentos. Nesses contatos, entendi a profundidade do drama humano e político que as relações judaico-palestinas deviam enfrentar. Por um lado, a amizade com meus amigos árabes era sincera e mostrava como outro mundo era possível, mas, por outro, eles não escondiam o profundo ressentimento diante da existência do Estado de Israel. Tal ressentimento também tinha suas ambiguidades, porque eles sabiam que, mesmo sendo considerados uma população de segunda categoria, tanto o nível de vida como os direitos de cidadãos de que eles gozavam em Israel eram superiores em vários sentidos ao existente no restante dos países árabes. Entendi que havia um longo caminho pela frente, que exigia uma mescla de dois realismos. Segundo um deles, Israel não poderia deixar de manter forças armadas robustas; de acordo com o outro, igualmente fundamental, devia-se apostar na paz, já que sem ela o futuro do país estaria sendo inviabilizado.

12.

Quando membros do IESH se reuniram para a distribuição de cargos, alguns argumentaram que deveríamos oferecer à oposição o controle da Comissão de Auditoria





(*Vaada Bikoret*), que foi finalmente entregue a um polonês de extrema direita.

Depois das férias de verão, um grande número de membros do Conselho começou a receber cartas pelas quais eram informados, sem nenhum aviso prévio, de que haviam perdido seus mandatos por não comparecerem a três reuniões consecutivas. De fato existia esse artigo no estatuto, mas nunca havia sido aplicado antes, e nenhum de nós sabia de sua existência. A razão para tantas faltas era que, nas férias, muitos viajavam para o exterior para visitar suas famílias ou, em outros casos, sabendo que tínhamos maioria absoluta, faltávamos para dedicar-nos a atividades específicas.

Montou-se, assim, um golpe branco, para o qual o partido trabalhista e a direita se uniram a fim de retomar o poder no final do ano. A reação incluiu o apoio oficial do governo quando Kalman, um argentino membro da lista do IESH que tinha servido por três anos como paraquedista, foi demitido de seu cargo de responsável pelas atividades culturais em um conjunto residencial. O cargo era pago pela Agência Judaica, e a demissão não foi acompanhada por qualquer explicação, gerando a reação e o apoio de professores e do rabino Hoch, embora sem resultados.

Para muitos de nós, o golpe final foi a prisão de Simón, que na época ocupava o cargo de chefe da Comissão de Estudantes Árabes. Em uma madrugada, recebi uma ligação de Tommy dizendo que me preparasse, pois possivelmente os serviços de segurança passariam pela





minha casa, porque já haviam estado na dele. Simón estava preso. Com ele, haviam sido presas outras pessoas relacionadas a uma rede de espionagem síria, entre as quais se incluíam, pela primeira vez na história de Israel, um *kibutznik*, outro israelense e um brasileiro que conhecíamos, embora fosse de outra universidade e não participasse do nosso grupo.

Simón foi acusado de haver sido contatado, tempos antes, por um árabe-israelense que estaria organizando uma rede de espionagem pró-Síria. Os serviços de segurança reconheciam que Simón não aceitara participar, mas, de acordo com as leis israelenses, não fazer a denúncia o transformava em cúmplice. Simón explicou que, em certo momento, tivera dúvidas sobre o que fazer, mas a criação do IESH lhe abriu, pela primeira vez, a possibilidade de uma atuação política no âmbito da lei e, por isso, não havia aceitado. Foi condenado a cinco anos de prisão, dos quais passou três em liberdade condicional.

13.

Não fui candidato na lista do IESH para as eleições de março de 1973. Já fazia o mestrado em Sociologia e trabalhava como assistente do professor Shanin, recebendo, pela primeira vez na vida, um salário razoável. Tinha decidido continuar os estudos na Inglaterra, para onde iria no verão, e minha militância estava dedicada fundamentalmente à Universidade Livre.





Com a aproximação das eleições, o partido trabalhista e a direita se uniram em uma lista única — IACHADV (Juntos) com uma campanha de ataques ao IESH —, que usava os materiais que haviam sido publicados nos jornais e pedindo aos estudantes que saíssem da “apatia”, que eles mesmos sempre haviam cultivado.

A nova lista do IESH estava constituída, majoritariamente, por “novos imigrantes” e árabes. O número de israelenses se reduzira drasticamente, e os *kibutznikim* lançaram uma lista separada. O mesmo fizeram antigos participantes do IESH, simpatizantes dos Panteras Negras, dirigindo-se ao público judeu originário de países muçulmanos.

A campanha se polarizou entre IESH e IACHDAV. No dia das eleições, na entrada do local de votação, chegavam grupos organizados de novos imigrantes e de árabes, e também de israelenses. Na fila, onde se distribuía propaganda, começou uma discussão que terminou em socos e levou à suspensão da eleição. De acordo com a versão publicada nos jornais, uma feminista do nosso grupo criticou um candidato da lista opositora por receber ordens do partido trabalhista, ao que ele respondeu: “Todo árabe sujo vota em quem a direção do IESH indica.” O estudante israelense sofreu um processo administrativo, mas na realidade o conflito final se deu em outra discussão, na qual o estudante do IESH perguntou a um membro da lista opositora se havia matado um árabe, e a resposta foi: “Quisera ter no bolso tantos centavos quantos árabes matei.”





Foi a última participação do IESH nas eleições. O novo ano universitário de 1973 começou com a guerra de Yom Kippur, e parte do grupo mais ativo dos “novos imigrantes” tinha partido ou planejava ir-se. Chegamos a ser contatados por um dirigente político, Yair Tzaban, que estava formando uma nova frente de esquerda e foi posteriormente membro do governo de Itzjak Rabin. Mas estávamos desmotivados.

O IESH desapareceu, mas deixou uma marca na memória, por seu valor simbólico: o de ter conseguido, na época mais chauvinista da história de Israel, criar uma fissura, já que quanto mais silenciada e unânime se mostra uma sociedade, mais retumba qualquer voz destoante, por insignificante que seja. As críticas de que fomos objeto mereceriam um pequeno tratado sociológico sobre as contradições de ser judeu, não só na diáspora, mas, e talvez sobretudo, em Israel. Afinal, o que havíamos levado a Israel eram ideias dos vários países de onde vínhamos, sempre acopladas a uma sensibilidade fundada na experiência judaica, que torna inaceitável a opressão de qualquer pessoa ou povo. E se, na época, alguns de nós éramos, em certa medida, ingênuos em relação ao conflito com o mundo árabe, a história mostrou que indicávamos o caminho correto, e que o futuro de Israel depende do fim da ocupação.

De alguma forma, o movimento teve continuidade por novos caminhos. Vários dos membros do IESH, em particular árabes, continuaram seus estudos na Universidade de Jerusalém, onde se integraram ao recém-criado movi-





BERNARDO SORJ

mento CAMPUS, no contexto da ruptura do consenso nacional após a Guerra do Yom Kippur. Para lá levaram a experiência acumulada em Haifa.

Se bem que o objetivo da maioria que se foi era seguir com os estudos no exterior, muitos saímos com um sabor amargo e com dúvidas sobre nosso retorno, possibilidade que nunca havia sido totalmente descartada. A vivência israelense seria recordada como uma das mais ricas de nossas vidas. A diversidade humana que encontramos, com pessoas de tantos países e culturas, e as experiências pelas quais passamos foram de enorme intensidade. Nossa identificação com Israel e o reconhecimento de sua importância para a recuperação da dignidade dos judeus, que nos levaram a pensar que seria o país onde viveríamos, de certa forma haviam se aprofundado em contato com suas enormes realizações e com a língua hebraica, que também passou a ser nossa. Mas, como parte de um povo que viveu humilhado e perseguido por quase dois milênios, não estávamos preparados (nem eu nem a maioria do grupo com o qual mantenho contato até hoje) para ver esse país, que de alguma forma considero também meu, oprimir outro povo.





Comercio 2490







1.

Em casa conviviam duas famílias. Na construção maior e mais antiga, onde estava situada a cozinha comum, viviam meus tios, Aharon e Rebeca, e meus primos, Uli (Saul) e Kike (Enrique). Na menor, meus pais e eu.

Meu tio Aharon saía cedo e voltava para casa ao entardecer, depois de passar o dia carregando um pacote com roupas, batendo de porta em porta, o que lhe rendia um ganho mísero. Havia perdido os pais no Holocausto e tinha dificuldades de comunicar suas emoções, só conseguindo ser afetuoso comigo e muito pouco com meus primos. Ao chegar, se dedicava a ler revistas infantis, à coleção de selos e a consertar alguma coisa. Tinha grande habilidade manual e realizava qualquer trabalho de carpintaria ou de construção. Com o passar dos anos, foi se tornando cada vez mais religioso, o que, em seu caso, não deixava de ser também uma forma de permanecer à margem da realidade. Era extremamente frugal, e o restante dos adultos o considerava avaro por sua tendência a colecionar objetos que encontrava na rua (como porcas





ou parafusos) e que, pensando que poderiam vir a ser úteis, conservava em um armário que mantinha fechado a chave, pois aparentemente guardava nele objetos valiosos. Quiçá fosse avarento, mas era uma avareza em relação a muito pouco dinheiro. Quando morreu e abrimos o armário, que todos imaginávamos conter dinheiro ou coisas de valor, só encontramos objetos insignificantes.

Minha tia Rebeca, que eu chamava de Eca, havia decidido, devido a um trauma de infância, que não podia sair à rua. Dedicava todo o dia ao trabalho na loja. Portanto, minha mãe era a responsável por cuidar de mim e dos meus primos, levando-nos ao médico ou, quando pequenos, à escola. A relação dos meus tios não era afetiva.

Se bem que Eca sempre maldizia ter nascido, pedia a morte “para não sofrer tanto”, ou anunciava diariamente que tinha alguma doença incurável, ao mesmo tempo tinha enorme prazer em fazer tarefas manuais, comer ou fofocar. Toda semana jogava na loteria, sempre declarando que, com o dinheiro que iria ganhar, resolveria os problemas econômicos da família. Meu pai dizia que, no fundo, ela era egoísta, que só enxergava a si mesma e não era capaz de pensar no bem-estar dos filhos.

A frustração de minha mãe com a pobreza (o declínio social e o sentimento de que uma mulher de sua cultura merecia melhor sorte) se expressava em lamentações sobre seu destino, em constantes recriminações a meu pai e em discussões com meus tios, que quase sempre terminavam em crises, quando ela pedia a morte. Era extremamente





inteligente, sempre atualizada e curiosa, acompanhava as novidades científicas, em particular as da medicina e da psicologia, e comentava suas leituras com todos em casa. Preocupada em conservar uma figura esbelta, e orgulhosa de manter-se delgada, tinha uma enorme satisfação em conversar com pessoas cultas e mostrar seus conhecimentos e, à medida que fui crescendo, sua maior satisfação era falar orgulhosamente de mim.

Meu pai também passava o dia fora de casa, e sempre chegava, para desespero de minha mãe, sem conseguir explicar exatamente o que havia vendido nem de quem havia cobrado e, às vezes, perdia o pouco dinheiro cobrado por causa de um furo no bolso das calças. Minha mãe tentava em vão organizar as fichas com a contabilidade dos clientes.

Meu tio Abraham, melancólico, de poucas palavras, às vezes gaguejadas, ficava todos os dias na loja, fumando um cigarro ou um cachimbo, com o olhar perdido, esperando que entrasse algum cliente, e muitas vezes terminava por participar das discussões das quais queria fugir. Com o pouco que ganhava no negócio e na feira do domingo, sustentava a esposa e a filha, vivendo em um pequeno apartamento no qual, pelo que me lembro, estive uma só vez. Suas irmãs falavam mal da esposa, que era boa mãe, e ele protegia a filha, mantendo-a distante de nossa casa.





2.

A vida em minha casa era dominada por discussões que terminavam em gritos, que as crianças chamavam de confusões (*líos*), quase diárias, quando não várias no mesmo dia. Em casa se falava muito e, depois de algumas frases, começavam os mal-entendidos. Alguém sempre interpretava que estava sendo culpado pela situação em que se encontravam, e rapidamente todos participavam da discussão, que terminava indefectivelmente em maldições, automaldições, sendo a mais comum “maldita hora em que nasci”, e pedidos para morrer (*ich vil shtarbn*, eu quero morrer).

Um dos detonadores mais frequentes de conflitos era a loja, que era chamada de “herança maldita”. Meu pai e meu tio sentiam que as esposas protegiam o irmão, Abraham, pelo qual ambas se sentiam responsáveis; no caso de minha tia, ele era a única pessoa com quem ela realmente se preocupava e que de fato protegia. Nessas discussões as irmãs enfrentavam, geralmente juntas, os maridos. Em outras ocasiões, a discussão era entre minha mãe ou meu pai e minha tia, sobre a incapacidade dela de cuidar dos filhos, ou sua despreocupação em gastar dinheiro na loteria. Podia também ser entre minha tia ou minha mãe e meu tio, por ele não contribuir com os gastos da casa, ou de minha mãe com meu pai, por problemas econômicos.

Uma das razões e causas das brigas era a visão extremamente pessimista e cheia de temores sobre o futuro.





Nos poucos momentos em que estávamos bem, o comentário de minha mãe era: “Estou preocupada, seguramente coisas ruins estão por vir.” Se a situação era difícil, os vaticínios sobre o amanhã eram catastróficos. Paradoxalmente para nós, pois esse era o menor dos problemas, eles estavam sempre preocupados em não chamar a atenção dos vizinhos, porque seria uma *shande* (vergonha). Também me pareciam igualmente ridículas as superstições, como a constante preocupação com “o mau-olhado”, em especial por parte de pessoas conhecidas, em relação a mim, o que era combatido com frases de exorcismo ou, muito pior, com um alho que era colocado no bolso da minha calça e que eu jogava fora logo que chegava à rua.

No início dos anos 1950, quando foi despedido o único funcionário que trabalhou no negócio, Ramón, ele os denunciou por não terem feito todos os pagamentos na Caixa de Aposentadorias, e foram multados. Se bem que nunca sentiram rancor em relação a Ramón, que de vez em quando aparecia para prestar algum serviço. A partir daí, naturalmente temerosos a respeito de qualquer autoridade, passaram a viver atemorizados de que aparecesse um inspetor, e quando escutavam algum rumor no bairro de que estavam passando os inspetores, o terror invadia a casa e eles fechavam a cortina da loja. Os atrasos nos pagamentos das mensalidades, quase constantes, sempre davam lugar a dramas coletivos. A simples menção à palavra *pushke* (Caixa, em ídiche) era sinal de que se avizinhava uma tormenta, e para mim e para meus primos ela ficou gravada como uma palavra maldita.





Na verdade, as brigas eram variações sobre a culpa, a impotência e a infelicidade de cada um, e, para nós, crianças, os argumentos eram irrelevantes. Vivíamos as discussões — que terminavam sempre em ataques histéricos, geralmente da minha tia, mas também da minha mãe — como se o que era dito acabasse por se cumprir, como se as maldições e os pedidos de morte fossem reais, e não uma forma de expressar sentimentos de impotência e frustração. O sofrimento psicológico de uma criança é imenso, pois se sente totalmente impotente e não sabe distinguir entre as palavras e a realidade, e a vergonha não lhe permite comunicar e compartilhar sua experiência com os amigos.

De nada servia, quando as discussões chegavam ao paroxismo, que meu pai suplicasse à minha mãe que parasse, porque “Boruch está sofrendo”, e porque “as crianças se lembram dos sustos pelo resto da vida”, ou que dissesse à minha tia que seus filhos não tinham culpa de sua loucura, nem que vivesse repetindo que “só quem é capaz de pensar no bem-estar dos filhos tem o direito de ser mãe ou pai”.

3.

Quando começamos a entrar na adolescência, cada um tratou de enfrentar e de escapar do mundo dos adultos. Meu primo Kike, o mais maltratado por seus pais, passava a maior parte do tempo na rua. Uli, o preferido da mãe, de quem herdou as habilidades manuais, inicialmente





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

ajudava na oficina do negócio. Um dia, para acabar com uma briga, juntou todas as garrafas que havia em casa, e eram muitíssimas, colocou-as em fila e foi quebrando uma por uma até que todos se calaram. Então começou a ir ao cinema, onde ficava durante várias sessões.

Eu tinha 12 anos quando minha mãe se trancou no banheiro dizendo que ia se matar. Ela não abria a porta, apesar de meus socos. Fui então ao quarto e peguei o frasco com os comprimidos de Valium. Engoli um e disse a ela que continuaria tomando se ela não saísse. Imediatamente ela abriu a porta e eu lhe disse que repetiria novamente se ela não me promettesse que pararia de pedir para morrer. A partir daí, minha mãe começou a se controlar.

Se a casa era um teatro macabro, também é verdade que nenhum dos adultos era autoritário e que nunca usaram violência física, nem entre eles nem com as crianças. Se dizia tudo o que se pensava e sentia, seguramente de forma exagerada e muitas vezes ofensiva, mas quiçá viver num mundo onde tudo se falava tenha me ajudado a procurar outras formas de me expressar e encontrar caminhos para manter contato com o mundo.

Em realidade ninguém tinha autoridade. Eram apenas indivíduos frágeis, assombrados pelos fantasmas do passado, pelas frustrações do presente e pelo medo perante o futuro. A relação deles com as crianças, embora cada um agisse de forma diferente, era fundamentalmente carinhosa, ou pelo menos foi como eu, o mais protegido pelos adultos, a vivi. Até mesmo minha tia buscava expressar





seu amor preparando comidas de que gostávamos. E, quando eu trabalhava de dia e estudava de noite, muitas vezes ela deixava à minha espera uma xícara com chocolate derretido, que somente ela sabia preparar.

4.

Compartilhava com meus primos o pátio, a cozinha e as confusões. O pátio era onde brincávamos, fazíamos competições de salto e jogávamos futebol, subíamos na laranjeira ou nos pendurávamos no limoeiro. Durante a adolescência, praticávamos levantamento de pesos, feitos por Uli, que fundia o chumbo que havia em casa. Às vezes também brincávamos na figueira que ficava no fundo do quintal, um grande espaço onde meu tio fez um galinheiro. Mas meus pais pediam para eu não ir lá, porque além de todo tipo de mato, estava repleto dos mais diferentes objetos de metal e de material de construção, já que, em casa não se jogava nada fora. No teto da casa dos meus tios, onde se subia por uma precária escada de madeira, plantavam manjeriço e salsinha, e meu tio fermentava, em garrações, uva com açúcar para produzir o vinho que usávamos nas festas judaicas.

Embora minha mãe tivesse uma noção clara das normas de higiene e me protegesse em demasia, não tinha uma relação fetichista com a limpeza, e eu brincava livremente, rolando no chão, e me dedicava a observar formigas ou outros bichinhos.





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

Compartilhávamos a cozinha, onde as duas famílias comiam juntas, até que meus pais começaram a trabalhar na feira e compraram uma geladeira, separando a partir daí os alimentos. Lá eram preparadas as comidas mais variadas, inclusive conservas de frutas, que exigiam longas horas de trabalho. Ademais da impossibilidade financeira, minha mãe e minha tia acreditavam sinceramente que a “comida de casa sempre é mais sadia, sem produtos químicos nem gorduras”. E, ainda que eu e meus primos recebêssemos poucas visitas, o maior prazer de minha tia e minha mãe era oferecer as mais diversas guloseimas.

A relação com meus primos era, em geral, muito boa. Por ser o mais novo deles — Uli era dois anos e meio mais velho do que eu, e Kike, quatro —, era protegido por ambos. Por Uli, contra os que queriam me bater, e por Kike, que, já adolescente, me levava ao estádio para ver os jogos de futebol. Infelizmente em alguns momentos o exemplo dos adultos contaminava os pequenos. Em fins dos anos 1950, talvez cansados de tantas brigas, os adultos inventaram a moda de passar um longo tempo sem se falar, e em algum momento os filhos os imitaram. E sendo eu o mais privilegiado entre as crianças, algumas vezes meus primos se vingavam, escrevendo nas paredes “Petiso (o nome pelo qual me chamavam quando menino) *go home*”, ou dizendo que a casa não era minha e que não podia entrar na cozinha quando meus pais iam à feira, o que me levou, algumas vezes, a levar o fogareiro para o quintal para preparar meu almoço.





Mas se eles tinham a vantagem de se sentirem proprietários da casa, no resto estavam, seguramente, em situação pior do que a minha. Meus pais eram totalmente dedicados a mim, e demonstravam constantemente seu afeto em palavras e em atos. Quantas vezes me levaram à cantina do bairro, quando não havia condições de comer em casa, para saborear um prato de raviólis, enquanto observavam cheios de satisfação, sem nunca consumir nada. Quando eu precisava ir ao médico, no centro, minha mãe me comprava um docinho na confeitaria dos meus sonhos — A Vitória —, ou, se não podia, algum biscoito nos “Dois Chinesinhos”. Ia com minha mãe ao mercado da cidade velha e ela comprava *pastrami* e me fazia um gostoso sanduíche. Se meu pai não conseguia cobrar as dívidas, quase sempre trazia de seus clientes sacolas cheias de frutas e verduras e, quando ia à cidade velha, à rua Colón, onde ficavam as lojas de atacadistas dos judeus sefaradis, nos trazia *baklawa*, um doce turco, ou sementes de abóbora torradas com sal, o único vício que meu pai trouxe da Bessarábia e que eu passei a compartilhar.

Meus primos não gozaram da mesma sorte. Tinham que suportar uma mãe desequilibrada e um pai distante e rústico, que fazia comentários depreciativos sobre os filhos, em particular Kike. Para eles, minha mãe era sua mãe substituta no mundo exterior, e no mundo interior meu pai se transformou na figura paterna, levando-os às vezes a passear, protegendo-os no que era possível e dando-lhes conselhos, e até hoje eles se lembram dele como a pessoa que lhes transmitiu carinho e sabedoria de viver.





5.

Em meados dos anos 1950 faleceu o marido de minha tia Helena, a irmã de minha mãe que vivia no interior. Minha tia tinha dificuldade de cuidar do filho, Abrahancito, que era mais ou menos da idade de meus primos, por isso ele foi morar em nossa casa. Não tínhamos consciência do que ele estava passando, e ainda menos dos maus-tratos que tinha sofrido nas mãos do pai. Para nós, era alguém mais fraco que podíamos maltratar como compensação pelos problemas que vivíamos.

Meu pai sempre dizia que seu pai ensinava que no judaísmo os órfãos deviam ter prioridade nas ações de *tzdaka* (justiça-caridade), em uma interpretação influenciada pela história diaspórica do versículo bíblico que ordena que as sobras das colheitas sejam deixadas para os estrangeiros, os órfãos e as viúvas.

Ao concluir que Abrahancito não tinha condições de ficar em nossa casa, meu pai conseguiu um lugar no orfanato da comunidade até que sua mãe se instalasse em Montevidéu. Sua irmã, Ana, foi viver com os tios e, depois de terminar o curso de secretária executiva, foi trabalhar nos Estados Unidos, e a partir daí garantiu que não faltasse nada à mãe e ao irmão.

6.

Como sempre acontece quando uma experiência é vivida desde lugares diferentes, as visões que meus primos e eu





tínhamos de meus pais não eram similares. Eles sempre foram mais críticos a respeito de minha mãe e muito positivos sobre meu pai. Não foi assim que vivi minha infância. Apesar de seus ataques histéricos, eu me sentia orgulhoso de minha mãe, que conversava com os professores, era culta e se vestia de forma simples mas elegante. Eu amava meu pai, mas me envergonhava de seu espanhol e de sua forma descuidada de se vestir.

Minha mãe me protegia mais na rua, e meu pai mais em casa, mas ambos viviam em função de mim e me enchiam de beijos e de afeto. Quando menino, porém, não conseguia deixar de concordar, embora nunca o dissesse, com as críticas que minha mãe fazia a meu pai, fosse pela falta de dinheiro, por não termos um lugar próprio para viver, pelo medo de que se cumprissem os constantes temores de minha mãe de que alguém viesse para levar os poucos móveis que tínhamos — já que meu pai não conseguia pagar as mercadorias que comprava em consignação —, ou pelo meu desespero de que o Conselho da Infância me levasse para um albergue público, quando a casinha foi invadida por ratos e os adultos disseram que isso podia acontecer.

7.

Com o passar dos anos, depois que eles começaram a trabalhar na feira, as relações em casa foram se tornando cada vez mais distantes. Já não festejávamos juntos as noites de sexta-feira nem as festas judaicas, e se os





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

desencontros continuavam, creio que foram diminuindo um pouco de intensidade.

A feira nos deu, pela primeira vez, rendimentos mais estáveis, mas foram também tempos difíceis para meus pais. Meu pai deixou de ir à sinagoga aos sábados pela manhã porque era dia de uma das feiras mais importantes da semana. E o isolamento social de ambos, que já era grande, aumentou ainda mais. Minha mãe teve que assumir o comando dos negócios. Inicialmente, os principais produtos que ofereciam eram linha de costura e uma sacola de recortes de tecido que meu pai comprava de uma conhecida. Com o tempo, foram diversificando: objetos de plástico, depois roupas, que minha mãe comprava, já que sabia negociar melhores preços.

Inicialmente, meus pais não tinham autorização para vender na feira, e o faziam apenas em locais distantes do núcleo central, mas com o tempo obtiveram autorização do município e foram mudando para o setor mais movimentado. Meu pai ajudava no transporte e na retirada da mercadoria das sacolas, além de arrumá-la sobre a mesa que alugavam. Então minha mãe lhe dizia que podia ir conversar com outros feirantes, porque não tinha noção de custos e acabava dando descontos exagerados ou vendendo fiado, o que a deixava desesperada.

A expansão trouxe um novo problema: havia demasiada mercadoria para levar de feira em feira. A solução inicial foi guardá-la na casa de algum vizinho da feira, pagando um aluguel. No entanto, o estoque não era suficiente para deixar um pouco em cada lugar. A solução





foi Badano. Badano era dono de um caminhão, no qual carregava uma enorme quantidade de sapatos que vendia nas mesmas feiras a que iam meus pais. Para levar as caixas, Badano cobrava uma quantia módica e pedia que meu pai ajudasse a descarregar e a recarregar o caminhão. Meu pai, que já entrava nos 60 anos e tinha uma hérnia, fazia o trabalho, mas tinha que suportar as brincadeiras idiotas e piadas antisemitas dos empregados de Badano. Nunca ouvi dele qualquer queixa.

Além da feira, meus pais encontraram outro nicho: as vendas de brinquedos na rua no período de Natal, ano-novo e Dia de Reis. Vivíamos perto de uma avenida muito movimentada nessa época do ano, a 8 de Outubro, mas, para poder vender na calçada, era necessária a autorização do dono da loja onde ficava o espaço. No começo, o dono de uma loja de couros, Kaztan, autorizou a ocupar sua calçada. Como não era muito central, no ano seguinte pediram a Sankovsky, que, depois de certa resistência, concordou. Finalmente nos mudamos para um local melhor, oferecido generosamente por um alfaiate, conhecido da sinagoga. Com o tempo, foram aumentando as vendas, se bem que fosse difícil calcular a quantidade e os produtos que seriam mais procurados. Às vezes sobravam muitos brinquedos, que eles guardavam em cima do armário do meu quarto para o ano seguinte. Não estou certo se meus pais continuaram nisso depois que meu primo e eu saímos de casa. Difícilmente poderiam carregar sozinhos a mesa e o carrinho que meu primo tinha construído para transportar as caixas, tampouco cuidar de tudo desde a manhã até meia-noite.





8.

Creio que o único ato de vaidade que meu pai cometeu foi a festa de meu *Bar Mitzva*. Decidiu que eu leria todo o capítulo da Torá (Pentateuco) correspondente ao sábado de minha cerimônia e memorizaria um longo discurso em ídiche, que eu tinha que proferir durante o jantar. Ademais do fardo que me colocou, ele assumiu o custo de realizar uma grande festa no salão da sinagoga.

Pedi dinheiro emprestado, comprou todos os ingredientes para o jantar, contratou uma senhora, que levou os talheres e cozinhou, na quinta e na sexta-feira, em nossa casa, com a ajuda de minha mãe e de minha tia, para 100 pessoas. Por sorte, quase todos os presentes foram em dinheiro, o que lhes permitiu cobrir os gastos realizados. O único presente que me restou foi um par de meias, dado por um casal mais pobre.

9.

À medida que eu ia entrando na adolescência, meu maior problema era não ter uma casa aonde meus amigos pudessem me visitar. Nunca ousei levar ninguém, e se, ao passar perto de casa, algum amigo dissesse que precisava ir ao banheiro, eu respondia que infelizmente estava sendo pintado. Na casinha, por seu tamanho, era muito difícil organizar as roupas e outros objetos, e a situação era piorada devido às mercadorias acumuladas. O que





me produzia uma vergonha particular era o pequeno banheiro, sempre cheio de baldes e objetos de limpeza. Além disso, eu me comparava com meus amigos, que eram de famílias em ascensão social; a cada ano que passava, algum deles se mudava para uma casa ou um apartamento novo. Durante minha infância, sonhava com a compra de um apartamento popular, meu pai com um emprego simples e rodeado de pessoas na mesma situação social. Se ser pobre era duro, era muito mais estando rodeado de amigos mais ricos.

Nenhum de meus amigos seria hoje considerado de classe alta, longe disso, mas para mim eles eram. Seus pais começavam a ter um melhor estilo de vida, tinham carro, passeavam aos domingos e, quando surgiu a televisão, todos começaram a comprar aparelhos. Como nas vitrines das lojas ainda não se usava colocar aparelhos de televisão ligados, eu só podia imaginar os programas que meus amigos comentavam.

Pensava que todos eles viviam uma vida ideal. Não entendia que os meninos ricos também sofriam, algo que hoje me parece óbvio, mas que dificilmente um menino pobre imagina. Quando me tornei adulto, soube que os pais dos meus amigos também brigavam e, na maioria dos casos, os filhos também eram incluídos nos problemas dos adultos, tendo que presenciar ofensas mútuas. Descobri que existem outras formas pelas quais a infância pode ser traumática, e que muitos deles suportavam violência física praticada pelos pais, sofriam falta de afeição e tinham pais autoritários.





10.

Entre meus pais havia uma enorme cumplicidade, que foi aumentando com o tempo, apesar e por causa de, em muitos aspectos, eles terem formas totalmente opostas de ser. Meu pai era intuitivo. Minha mãe era cerebral. Minha mãe desejava ser respeitada; meu pai desejava ser querido. Minha mãe exagerava e se desesperava com qualquer problema prático. Ele pensava que só as coisas essenciais (a saúde e o bem-estar das crianças) eram importantes. O resto... o tempo solucionava. Ele se colocava na situação do outro, entendia que cada pessoa via o mundo de modo diferente, e era sensível aos problemas e sentimentos de cada pessoa, o que na relação com as crianças era genial, mas na relação com os adultos o levava a considerar mais as necessidades dos outros que as próprias. Minha mãe, ao contrário, sabia defender seus interesses, mas não entendia que as pessoas são diferentes, que nem todos eram como ela, e as enxergava do ponto de vista de suas preocupações consigo mesma. Minha mãe acumulava arrependimentos. De meu pai só me lembro de dois: ter emprestado o dinheiro que poupou para buscar sua família na Europa e ter entrado, ao se casar com minha mãe, para uma família desequilibrada. Quando minha mãe fazia um escândalo porque meu pai tinha perdido dinheiro, ele pedia que se acalmasse, pois, “afinal, era somente dinheiro”. Minha mãe respondia que o dinheiro não traz felicidade, mas que era “um excelente anestésico”. Meu pai se relacionava





com todas as pessoas de forma igual; minha mãe tinha reverência por indivíduos importantes. Vivia preocupada com a opinião alheia e se comparava com todos; ser parte de uma comunidade na qual boa parte dos demais ascendia amargava sua vida. Meu pai não se comparava com ninguém, não dava o mínimo valor aos comentários dos outros e dizia à minha mãe que o mais importante era ter tido um filho como eu. Para ela, isso também era fundamental, mas insuficiente.

Meu pai dizia que o sentido da vida era fazer o bem, ajudar outras pessoas. Minha mãe respeitava e admirava a bondade dele, mas achava que, em primeiro lugar, vinha o bem-estar da família. No mundo em que viviam, isso infelizmente exigia uma capacidade empresarial que meu pai não possuía. Eu sentia o mesmo que minha mãe: meu pai queria proteger a todos, mas não conseguia fazê-lo com seus seres mais queridos. Quando, já ao final da vida, meu pai me disse que sentia que podia morrer em paz, que havia seguido o que seu pai lhe ensinara e não havia feito mal a ninguém, eu lhe respondi que era impossível fazer sempre o bem, e que ele, mesmo sem querer, tinha deixado de proteger minha mãe e a mim. Lembro-me de que ele continuou a insistir em que o importante era fazer o bem, e me perguntou, como já tinha feito outras vezes, quando os problemas em casa se tornavam insuportáveis, se eu teria preferido ter outro pai, mais rico. Obviamente que eu lhe disse, como sempre, que não, mas sentia internamente que teria preferido um pai igualmente bom, mas capaz de garantir um rendimento.





Hoje entendo que meu pai vivia em um mundo muito particular, que realmente não dava importância ao dinheiro. Tenho a sensação, embora ele nunca tenha dito, que, para meu pai, a pobreza era uma forma de permanecer em comunhão com seu passado, e que ele pensava que somente os pobres são capazes de ser solidários com os pobres. De certa forma tinha razão, porque, se a pobreza não é virtuosa, a riqueza, inclusive nas pessoas mais generosas, exige certa insensibilidade e certo egoísmo. Tendo passado pelo que passei, não podia identificar-me com meu pai, e continuo a achar que as críticas de minha mãe eram corretas. E por isso ele se apoiou tanto nela, que representava um princípio de realidade, graças ao qual sobrevivemos economicamente. Mas, com o tempo, entendi que, sem meu pai, não teríamos sobrevivido emocionalmente, e, já adulto, passei a respeitá-lo cada vez mais.

Como resultado da combinação de dois códigos emocionais tão dissímeis, acabei por ser uma pessoa que busca triunfar, mas que se identifica com os derrotados. Com o tempo, aprendi que o sucesso geralmente torna as pessoas mais estúpidas e arrogantes, e que se aprende mais com as derrotas — mas elas também podem produzir ressentimentos e frustrações pouco saudáveis. Dividido entre dois mundos emocionais, minha estratégia pessoal foi seguir uma carreira mais solitária, longe de organizações complexas que, pelo menos como eu as via, exigem que se escalem posições que deixam derrotados em seu rastro. No nível filosófico, a saída para minha esquizofrenia emocional resultou em uma enorme atração pelo





budismo, que afirma que o ego é uma ilusão e a fonte de nossos sofrimentos. Foi uma atração filosófica apenas, já que nunca me aproximei de suas práticas. Resta o consolo de que dentro de minha tradição cultural encontra-se o ditado bíblico: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.”

11.

Nossa sobrevivência emocional foi muito particular, comandada por alguém que se sentia só, muito só, por ter perdido sua família. Meu pai dependia profundamente de mim e de minha mãe. Suportava sem queixas seus problemas de saúde e todas as complicações de sua cirurgia renal, mas, quando acompanhou minha mãe ao hospital para que ela fizesse uma cirurgia menor na mão, desmaiou e precisou ser medicado.

A dedicação que ambos tinham por mim era total. Fui superprotegido, e minha mãe ainda me levava à escola quando a maior parte das crianças já ia sozinha. Filho único, em uma época em que isso era excepcional e deixava todos admirados, ambos se sentiam culpados por eu não ter irmãos. Quando, já adulto, perguntei o porquê, minha mãe disse que fora devido aos problemas econômicos. Quando criança, minha compreensão era outra. Minha mãe não se cansava de contar como tinha sofrido no parto, e que, só depois de horas de dor, fui retirado com fórceps, pesando quase cinco quilos. Era





como se, para ela, mesmo as boas notícias devessem estar acompanhadas de sofrimento e culpabilização.

Sentir-se o único salva-vidas sem o qual meus pais se afogariam não foi um sentimento fácil de suportar. Sem dúvida, eles investiram em mim todo o amor e todos os recursos que possuíram. E, naturalmente, esperavam ser recompensados. Quando, na adolescência, comecei a rebelar-me, percebia que eles se sentiam frustrados, mas não tinham nenhuma forma de disciplinar-me, como faziam os pais de meus amigos, que ameaçavam não lhes dar dinheiro para gastos ou outras comodidades que podiam oferecer. Com o tempo, pensei que foi graças à pobreza que pude me tornar independente, e que, se meus pais estivessem em uma situação melhor, eu teria permanecido no interior de um mundo extremamente opressivo.

Meu pai expressava seu sentimento de simbiose familiar na frase que repetia constantemente para minha mãe e para mim: “*mir zeinen eintz*” (nós somos um). Sem dúvida, ao dizer isso, de alguma forma ele traía sua crença de que “há que deixar que os filhos cresçam e encontrem seu caminho”. Mas meu pai, como todo ser humano, era contraditório e se sentia só e desprotegido. Para ele, era a forma de expressar o sentimento de que sua vida só tinha sentido dentro da família, e que eu era o principal elo entre seu passado e seu futuro. Para mim era um peso enorme. Sentia que eles dependiam de mim. Tudo que fiz, por muito tempo, foi, em boa medida, para que eles se sentissem orgulhosos novamente e para poder assegurar que não lhes faltasse nada na velhice.





12.

As circunstâncias me permitiram distanciar-me material e psicologicamente de minha infância e adolescência, que, no entanto, continuaram sendo uma referência constante por meio da qual vivi, até hoje, minha experiência de adulto. Por um longo tempo, as novas situações que experimentava em virtude de minha ascensão social me produziam uma sensação insuportável de que estava traindo meu passado. À medida que minha realidade econômica mudava, comecei a ter um sentimento de irrealidade do mundo atual e de minha própria pessoa. Afinal, não poderia ser o mesmo eu que viveu situações tão diferentes. Como era possível que eu pudesse gastar em um mês o que meus pais levariam anos para ganhar? E até hoje me ficou o reflexo, cada vez que passo perto de um vendedor ambulante ou de um feirante, de querer comprar-lhe algo, pois eu poderia estar em seu lugar. E se já não sou pobre e aprendi que o dinheiro é necessário porque, além de comodidades e prazeres, assegura que não falte nada à família e permite ajudar outros seres queridos, ainda me produz certa repulsa a ostentação de riqueza, e não suporto que alguém seja desvalorizado ou humilhado porque é um simples trabalhador, ou que a riqueza seja considerada um critério de qualidade pessoal. Tampouco consigo aceitar que as pessoas não entendam que os únicos heróis, em todos os tempos, são as mães e os pais que lutam para que não falte o essencial a seus filhos.





13.

Em julho de 1970, escrevi aos meus pais que ia me casar com Bila no Brasil, mas que antes iria ao Uruguai para vê-los. Minha mãe me respondeu que preferiam que não o fizesse. Fiquei chocado com a resposta e viajei para Montevideú. Quando cheguei, perguntei por que me disseram que não fosse. Eles me responderam que o sofrimento da primeira despedida fora enorme e que pensavam que não suportariam passar de novo por tudo aquilo. Expliquei que dali em diante eu os visitaria periodicamente e que deixassem de pensar que as despedidas eram para sempre. Conversando com eles, terminaram por confessar que também temiam que eu lhes jogasse na cara o que havia passado na infância.

Minha decisão de casar criou um problema enorme, que infelizmente Bila teve que suportar. Eu imaginei que, se os pais de Bila soubessem que ela ia se casar comigo, pegariam um avião para conhecer os consogros. E não podia suportar o sentimento de vergonha de que eles fossem à precária casa de meus pais. Pedi a Bila que escrevesse a seus pais sobre o casamento sem mencionar meu nome. Mas o pai de Bila perguntou a Clara, que acabava de chegar de Israel, se ela conhecia o candidato, e ela naturalmente contou.

Minha paranoia não era totalmente infundada, pois o pai de Bila fez averiguações sobre minha família. Ele me contou que todos os comentários que recebeu eram elogiosos com relação a meu pai. Seguramente devem ter mencionado também a situação econômica de meus





pais, mas meu futuro sogro, que tinha a sensibilidade de alguém que também havia passado uma infância de extrema penúria, nunca mencionou isso.

Quando cheguei a São Paulo, o pai de Bila me disse em tom grave que queria ter uma conversa particular comigo. Começou explicando que entendia muito bem o mundo dos jovens, inclusive a ideia de amor livre, e que concordava que o casamento era uma formalidade, mas me sugeriu que a cerimônia de casamento fosse realizada sob um *chupá* (o palco nupcial judeu). Eu lhe disse que, em respeito a meus pais e à memória de minha família, nunca havia pensado que seria diferente. O sorriso imediatamente voltou a seu rosto e eu aproveitei para comentar que ele tinha exagerado com a história de que concordava com o amor livre...

14.

Em 1975, com o dinheiro dos presentes de casamento e o que fomos poupando durante aqueles anos, meus pais compraram um apartamento. Um ano depois, Bila e eu começamos a trabalhar na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, e, a partir de então, eles puderam deixar a feira. Como lhes sobrou um pouco de mercadorias, por vários anos realizavam, de vez em quando, uma venda a velhos clientes ou vizinhos.

De nada valia que eu insistisse com eles que deveriam parar totalmente de trabalhar, ou que gastassem tudo que





lhes enviávamos. Minha mãe poupava sistematicamente. Quando meu pai começou a ter dificuldade para andar, em vão lhes pedi que tomassem um táxi para ir ao médico, mas a austeridade tinha se transformado em um estilo de vida.

Todos os anos, com Bila e Pablo, ia visitá-los nas férias de verão. Sempre nos esperavam com a geladeira cheia. Alguns dias antes de chegarmos, meu pai comprava carne, frutas e legumes, e minha mãe preparava as comidas de que eu gostava. No dia anterior, meu pai passava pela confeitaria A Vitória para comprar docinhos que continuavam a ser os mais deliciosos que já provei. Quando Pablito começou a crescer, meu pai se sentava com ele no chão para jogar dominó, depois o levava para tomar um sorvete. Minha mãe aproveitava para conversar com Bila, basicamente longos solilóquios sobre os mais diversos temas.

Em janeiro de 1989, minha sobrinha Paula viajou conosco. Ficamos hospedados em um hotel que tinha uma ampla piscina e uma quadra de tênis, onde Pablito tinha aulas com um professor. Meus pais nos visitavam de manhã, depois iam almoçar e fazer a sesta. Ao entardecer, íamos ao apartamento deles, que nos esperavam para o jantar. Em uma dessas manhãs, ao final da estada, observei minha mãe com um olhar triste, quando eu imaginava que tinha todos os motivos para estar alegre. Afinal, devia estar orgulhosa de seu filho, de seu neto e de sua nora. Não comentei nada e, depois do almoço, enquanto Bila, Pablo e Paula descansavam e eu lia na antessala, lágrimas começaram a descer copiosamente





de meus olhos, embora não estivesse chorando, e meu corpo começou a tremer. Desesperado e sem entender o que fazia, saí à rua e peguei um táxi até a casa de meus pais, na hora da sesta. Bati na porta, com os olhos lacrimejando, e minha mãe, sobressaltada, perguntou se algo havia acontecido. Eu lhe disse que não, mas pedi que se sentasse, porque precisava falar com ela, e lhe perguntei por que continuava infeliz se “agora estava tudo bem”. Eu esperava que ela confirmasse meu diagnóstico e que se dispusesse a fazer um esforço para mudar. Sem titubear, com uma voz calma e distante, disse que não conseguia se esquecer de que não pudera continuar os estudos, nem das humilhações que tivera que passar, vendendo na feira, e, por mais que estivesse feliz por mim, não podia perdoar a vida que tivera. De repente, parei de chorar e entendi que ela estava dizendo que ela era ela e que eu era eu. E por mais desagradável que fosse escutá-la, porque me fazia sentir que eu fracassara em meu esforço de redimir meus pais, minha mãe me estava dando uma lição de vida.

15.

Nesse mesmo ano, retornamos em maio para visitar meu pai e festejar seus 80 anos. Embora ele continuasse em dúvida sobre o ano em que realmente nasceu, eu não quis perder a oportunidade, pois temia não estar em seu próximo aniversário. Meu pai estava relativamente bem, mas cada vez mais distante. Tinha dificuldades em andar trechos mais longos — algo difícil para ele, que fora um





caminhante durante toda a vida —, e me dizia que a vida não teria sentido se tivesse que depender de uma cadeira de rodas. Ele me disse que cada vez mais “se sentia vazio” e, quando pensava no passado, entendia que seus pais e irmãos já estariam mortos, ainda que sem o Holocausto, mas que os sobrinhos ainda estariam vivos.

16.

Papai e mamãe, como todos nós, carregaram na vida adulta as memórias e os conflitos herdados de suas infâncias, que deram sentido a suas vidas mas também os oprimiram. Com a perspectiva que só a passagem do tempo oferece, para mamãe ficava a revolta de não ter realizado seus sonhos e para papai o vazio pela aceitação de que seu mundo havia desaparecido de forma trágica e o novo lhe era estranho.

Eu insistia, para animá-lo e animar-me, que fôssemos a um alfaiate para que ele fizesse um terno e comprasse roupas para o *bar mitzvah* de Pablo, que seria em maio do ano seguinte. Meu pai se negava a fazer isso, mostrando a seu modo que ele também comandava sua própria vida e dizendo que talvez fosse um desperdício.

Voltei a visitá-los, poucos meses depois, em *Yom Kippur*. Fomos juntos à sinagoga, e decidi usar terno e gravata, coisa incomum para mim. Fui chamado para retirar a Torá e realizar as bênçãos. Voltando para casa, meus pais disseram que foi um dos momentos de maior felicidade e orgulho de suas vidas.





Antes de viajar, meu pai me chamou para conversar. Disse algo que sempre repetia: que amar é bom, mas gera sofrimento, pois faz com que se compartilhe o sofrimento do ser querido e com que toda separação seja muito dolorosa. Mas há que se ter também coragem, porque a vida deve continuar, fazendo-me lembrar do que havia comentado em outras ocasiões: que foi o amor de seu irmão Moshe pelo pai que o levou à morte e a coragem de sua cunhada que salvou seus sobrinhos. Pediu que, se algo lhe acontecesse, eu cuidasse de minha mãe. Insisti que eles me chamassem no caso de sua saúde piorar e ele respondeu que não, que não queria que eu sofresse. Em um desses arrebatamentos que caracterizavam minha relação com meus pais, eu lhe disse que, ao contrário, sofreria por não estar presente, e que ele estava querendo que eu repetisse o mesmo que havia vivido, estar longe quando seus pais faleceram.

Dez dias depois, minha mãe me chamou para dizer que meu pai havia falecido depois de passar uma semana sem atendimento, abandonado em uma maca em um corredor do hospital. Na sua lápide, gravei os nomes de seus pais e irmãos, que não tiveram sepultura.

Poucos meses depois da morte de meu pai, minha mãe foi diagnosticada com um câncer no pulmão, mesmo nunca tendo fumado. Não conseguia se perdoar por não ter me avisado quando meu pai foi hospitalizado, e mesmo que a relação deles não tenha sido fácil, era profundamente afetuosa, um cuidando do outro, num mundo simbiótico onde conversavam sem parar, compartilhando tudo. Faleceu um ano depois.





Bessarábia







1.

Desde minha adolescência, meu pai insistia que, um dia, eu deveria escrever sobre o que vivi em minha infância. Nunca saberei o que ele queria me dizer. Talvez ele próprio não soubesse, ou não soubesse expressar em palavras. Seria uma forma de manter a memória de sua família? Pensava que colocar o passado em palavras me ajudaria a exorcizá-lo? Que o que eu havia vivido era o material com o qual eram escritos os livros que ele lia? Possivelmente era tudo isso, envolto na crença de que só os livros eternizam a vida e de que ao escondermos os problemas, por medo do olhar dos outros, eles se tornam crônicos pela ação mórbida da imaginação.

Sem dúvida ele desejava que sua Bessarábia não desaparecesse da memória. Não se referia ao lugar, mas ao que chamava de *ierushe* (herança), que não era constituído por nenhum bem material, mas pelos valores e pelas atitudes que seu pai lhe transmitira, e que ele, por sua vez, tratou de comunicar-me, menos com palavras e mais com sua forma de ser.





2.

Biografias, a não ser nas mãos de um grande escritor, facilmente se banalizam em uma versão moralizante e autocomplacente. Se decidi escrever este livro, sem ambicionar ricas descrições de outros tempos, nem buscar entender as almas dos personagens, deixando de lado situações mais grotescas ou penosas que não fariam justiça e desvirtuariam a memória de seres queridos, foi porque pensava que devia isso ao meu filho. Muito pouco lhe contei sobre minha infância, para que não se sentisse culpado pelo meu passado e por haver tido o que eu não tive. Se o sofrimento é inevitável, não deve nunca ser enaltecido, pois sofrer é simplesmente desumano. Não me arrependo de meu silêncio, pois há um tempo de falar e um tempo de calar. Agora, que meu filho é adulto, descubro que lhe transmiti, pela convivência, muito mais coisas sobre minha infância do que as que se encontram neste livro, e que era uma ilusão ingênua pensar que é possível isolar nossos filhos das neuroses dos pais — tarefa mais difícil e importante do que protegê-los do mundo exterior —, ou que fosse possível evitar que amores produzissem feridas.

Transmitimos a nossos filhos e os marcamos, mesmo sem querer, com nossas experiências de infância. É por isso, para que se compreendam melhor, que não podem deixar de conhecer algo do passado dos pais, não para se sentirem culpados ou agradecidos, mas para que possam manter a distância necessária diante do peso sempre presente das gerações passadas, que devem estar a serviço da vida e não da acumulação de frustrações e ressentimentos.





3.

Meu pai tinha razão, eu precisava escrever, não tanto por ele ou por meu filho, mas por mim, pois o passado nos deixa um pouco mais em paz quando somos capazes de observá-lo, até certo ponto, com certo distanciamento. Nas inumeráveis vezes que comecei a passar para o papel minhas lembranças, fui paralisado pelas emoções e pelo sentimento de que me faltavam palavras que me ajudassem a transmitir a trama de amor e destruição de minha infância e da de meus primos, crianças condenadas a confundir o mundo das palavras com a realidade.

Tive dificuldade de escrever porque também sinto que há algo de indecente em toda história de mobilidade social, como se os que ficaram abaixo simplesmente não tivessem se esforçado o suficiente ou não tivessem sabido aproveitar as oportunidades. Graças aos caminhos que percorri, que me permitiram escapar de uma vida com horizontes pouco promissores, este relato talvez seja entendido como uma história de ascensão social, a qual sem dúvida me trouxe satisfações que somente alguém que viveu na pobreza e sofreu humilhações sociais pode sentir, mas nunca deixou de ser uma memória de sofrimento, que continua atual nas minhas lembranças da luta de meus pais pela sobrevivência e no sentimento de que é indecente que qualquer criança sofra maus-tratos psicológicos ou privações materiais.





4.

A Bíblia conta que o início da história de um povo, no caso os hebreus, começa com a saída da casa dos pais. No texto bíblico, Deus ordena a Abraão: “Sai (*lech lecha*) de tua terra, de teu ambiente natal e da casa de teu pai.” Uma tradução possível de *Lech lecha* é “anda a ti”, vai ao encontro de ti mesmo. Todo começo de um novo caminho exige o rompimento com o lar onde se nasceu. Mas todo rompimento, por mais radical que se queira imaginar, não deixa de ser cheio de continuidades, ainda que seja pelo simples fato de que ele é construído como uma reação ao passado. O oposto não deixa de ser definido pelo que se busca contrapor a ele. E o que parece oposto muitas vezes não é tanto quanto se acredita. No primeiro ato do patriarca Abraão, de adoração a seu Deus, ele se dispõe a sacrificar o filho Isaac, uma prática pagã aprendida na casa de seu pai. E os que se dispõem a realizar sacrifícios — seja em sua versão brutal de destruir o outro em benefício de suas próprias verdades, seja pela manipulação psicológica, fazendo com que o outro se sinta culpado pelo que fizemos por ele/ela — estão recriando um lar igualmente fundado no medo e na obediência.

É natural que os pais sintam que seus filhos são um prolongamento de suas vidas. Sei bem disso, pois revivi, através de meu filho, a infância e a adolescência que não tive. Existe, sem embargo, uma linha estreita que separa a proteção da opressão, o conselho da chantagem. Se, como pais, não podemos deixar de nos projetar na vida





VAI EMBORA DA CASA DE TEUS PAIS

de nossos filhos, devemos cuidar para que eles nunca estejam a serviço de nossos projetos, nem crer que uma relação díspar e desigual possa ser uma simples relação de amizade. Devemos estar atentos para não confundir o bem de nós mesmos com o bem deles, recordando que o amor sempre contém elementos de narcisismo e facilmente se transforma em manipulação e opressão. E, quando isso acontece, destrói a autonomia e a liberdade, não deixando outra saída a não ser o distanciamento ou a submissão.

5.

As relações entre as gerações se transformam com os ventos da história. Minha geração buscou no rompimento radical com o passado um sentimento de liberdade fundado na crença de possuir uma capacidade onipotente de mudar o mundo. Não vislumbrávamos quanto do que vivíamos era possível graças ao que nossos pais tinham feito e construído, nem captávamos a dose de sabedoria que eles possuíam.

Certamente os tempos atuais são outros. A casa dos pais é um dos poucos refúgios diante de um mundo exterior que não está mais habitado por esperanças coletivas num futuro melhor. Cada indivíduo deve confrontar um universo cada vez mais pleno de informação e vazio de sentido, com excesso de individualismo e um déficit de projetos comuns. O futuro foi invadido por sentimentos de incerteza e insegurança.





BERNARDO SORJ

Reagimos ao que nossos pais acreditavam, pois pensávamos que tínhamos uma visão do mundo e do futuro superior à deles. Hoje os filhos já não se posicionam da mesma forma contra os pais porque não têm uma visão alternativa da sociedade nem acreditam que a história humana se orienta pelo progresso, uma palavra cara para as gerações passadas. O perigo atual não é o de se perder em ideologias que prometem um futuro ideal e descambam no totalitarismo, mas o de não ter mais objetivos além de adquirir novos produtos de consumo, ou aqueles que buscam diminuir o peso da incerteza procurarem o refúgio em crenças que mistificam as raízes e o passado.

As biografias acabam e a história continua, cabendo a cada geração — e dentro dela a cada indivíduo — viver o “vai embora” e “vai-te a ti” como uma experiência única, irrepetível.







*O texto deste livro foi composto em Sabon,
desenho tipográfico de Jan Tschichold de 1964
baseado nos estudos de Claude Garamond e
Jacques Sabon no século XVI, em corpo 11/16.
Para títulos e destaques, foi utilizada a tipografia
Frutiger, desenhada por Adrian Frutiger em 1975.*

*A impressão se deu sobre papel off-white 80g/m²,
pelo Sistema Cameron da Divisão Gráfica
da Distribuidora Record.*

